

EDUARDO PRADO

A ILLUSÃO AMERICANA

4.^a Edição Revista

Com um prefacio e estudo Biographico do autor

PELO

Dr. Leopoldo de Freitas

A primeira edição foi confiscada e supprimida por ordem do Governo Brasileiro

*E conhecer que vives de um engano.
Comprado tanto a custo do teu
damno !*

Rofino da Moura

Novissimos do homem.



Cant.

1.Est. 38

1917

LIVRARIA E OFFICINAS
MAGALHÃES

Avenida D. Pedro I - 33

(Ypiranga) S. PAULO

O Escriptor d' "A Ilusão Americana"

«... Sinto a dupla felicidade de louvar, através do homem que tanto prezo; terra que tanto amo.»

Eça de Queiroz, o primoroso estylista da *Casa de Ramires*, assim disse do fino espirito do dr. Eduardo Prado, num artigo da *Revista Moderna* de Julho de 1898.

Ninguém melhor do que o romancista portuguez apreciou e literariamente analysou as qualidades, o talento e as preferencias do vigoroso escriptor brasileiro, nesta celebre publicação na cidade de Paris.

O dr. Eduardo Prado foi publicista que se distinguio com brilhantismo em nossa literatura. Elle era nacionalista, muito amava as causas da patria brasileira, não obstante os tempos que passou em viagens mundiaes, instruindo o seu espirito, distrahindo-se e observando civilisações diffe-rentes.

Nascido nesta capital de S. Paulo, em 1860, era filho do consorcio da illustre Sra. d. Veridiana da Silva Prado com o dr. Marinho Prado.

O dr. Eduardo Prado escutou as portas do saber desde muito moço e tendo con cluido o bacharelato, na Faculdade de Di-

reito, que nos paizes latinos se tornou um complemento do baptismo, pouco depois defendeu theses, e doutorou-se, foi quando empreendeu suas peregrinações.

Escriptor e jornalista, elle revelou-se desde estudante na imprensa academica e depois no *Correio Paulistano*. Escreveu as monographias e brochuras: *Viagem ao Rio da Prata*; *Viagens*; *Viagem ao Oriente*; *O problema da Immigração*; *A Arte na Brasil*; *Fastos da Dictadura Militar no Brasil*; *A Illusão Americana*; *Conferencia sobre a vida e a acção do Padre Anchieta*; *Discursos proferidos no Instituto Historico de S. Paulo*; *A Bandeira Nacional*; *Vida do Padre Manoel de Moraes*; *Terra Roxa*, este manus-oripto perdeu-se; numerosos artigos da redacção d'O *Commercio de São Paulo* e que foram publicados nas *Collectaneas*.

«Em tudo isto, — acertadamente disse o inolvidavel literato dr. Affonso Arinos, no seu discurso de 18 de Setembro de 1903, na Academia Brasileira: — encontramos Eduardo Prado com os seus contrastes, o seu sarcasmo, a sua vivacidade, a singular harmonia entre as cousas sérias e as cousas alegres, as cousas leves e as cousas profundas.»

Brasileiro e americanista, o fluente e brilhante escriptor paulista empregou as energias da sua intelligencia, os recursos da

observação e a coragem das idéas, na ocasião em que se operou neste paiz a transformação do regimen governamental.

Eduardo Prado veio para a fileira do combate aos politicos que fizeram a Republica.

Achava-se então na Europa, e pertencendo a commissão representativa do Brasil na Exposição Universal de Paris, tinha collaborado no excellente livro *Le Brésil en 1889* com a publicação dos dois artigos *L'Art e Immigration* fez uma viagem ao paiz de Portugal, que elle tanto estimava affectuosamente e apreciava espiritualmente e logo na "Revista de Portugal", o escriptor com o pseudonymo de Frederico de S. principiou a tratar dos "Acontecimentos do Brasil" em artigos que antecederam os *Fastos da Dictadura Brasileira*.

Estas publicações echoaram com vibração intensa por todas as cidades, deste paiz. Ignorava-se quem era Frederico de S. que analysava e criticava com o rigor da sua logica aos desmandos e aos erros do novo regimen proclamado pelo exercito e armada em nome do povo.

Soube-se mais tarde que esse vigoroso escriptor era o dr. Eduardo Prad oque com a sua costumada independencia declarava:

« O Brasil está neste momento sob o regimen militar. Quanto tempo . durará esse regimen ? No tempo do Imperador, quando

VI

o soberano resistia aos ministros, se estes insistiam — a corôa cedia.

Hoje quando o marechal Deodoro pensar de um modo e os seus ministros de outro quem cederá?

A espada que não tremeu ao ser desembainhada contra as instituições que o general jurara defender,' hão precisará mesmo reluzir de novo para fazer emudecer e sumir-se debaixo do pó da terra os novos ministros, talentosos . patriotas, mas patriotas desarmados!»

Patriota na accepção legitima da expressão o dr. Eduardo Prado «agarrrou-se as tradições do passado sem temor de ser esmagado no caminho; segurou-se ao rochedo da nossa Historia, viveu nella, viveu por ella e morreu fiel a ella...» Então respondeu de uma vez aos seus adversarios e detractores:

« Anti-patriotas, nós ? E' uma injustiça! Nós. que exaltamos a coragem do nosso povo, . a sua energia, a sua constancia; que temos um immenso amor pela sua Historia, pelo drama da conquista desta terra; que, com reverencia, amamos a nossa raça e tudo que a ella se refere: as lendas da sua vida primitiva, as tradições do seu passado; que amamos a lingua que falamos, a arte de nossos paes d'além mar; que temos immensa ternura pelo homem do campo, que com elle convivemos, ouvin-

do-lhes as longas narrativas e o pitoresco falar: nós, que temos votado a vida ao estudo da tudo quanto é brasileiro — nós não temos patriotismo!...»

Ainda é o dr. Affonso Arinos, no formoso discurso academico de 1903 quem nos conta: — Moniz Barreto, «aquelle moço de genio que. morreu em Pariz aos trinta annos, depois de ter-se nos revelado um pensador, disse verbalmente a mim que Eduardo Prado era uma das mais completas organisa-ções de escriptor que elle jamais vira.»

E das suas qualidades de escriptor de combate que as condições do Brasil obrigaram-no a adoptar, disse o fulgurante estylista Eça de Queiroz:

«... Todos os seus livros são guerras e elle intellectualmente um guerrilheiro.

Desde a primeira pagina ao primeiro fremito, as idéas alçam o pendão, as ironias despedem a sua flexa, os argumentos brandem a sua clava, as citações clamam, as cifras silvam e, na pressa e excitação da lide, tudo rompe, um pouco tumultuaria-mente, num arranque para avante, contra a causa detestada que urge demolir!...

E mesmo quando em dias de paz, recolhido e quasi ajoelhado, glorifica, como na Apologia do padre Anchieta, ainda alguma confusão se estabelece no seu estylo — mas docemente alvoroçada e enternecida, como

a de turba piedosa que se empurra para um altar amado.

E' que os seus livros são sempre actos intensamente vivos, ora uma hoste em marcha ora um povo em préce. Elle concebeu e trabalhou todos os seus livros num momento de urgencia, por impulsivo patriotismo para atacar idéas ou homens de quem receiava a desorganisação do Estado ou para animar aquelles que reagiam contra essa desorganisação pela força latente de alguma virtude social.»

Eça de Queiroz confirma esta apreciação da índole do publicista Eduardo Prado e da situação que coube ao Brasil transformado em Republica pelo pronunciamento militar e pela acção dos propagandistas democraticos, dizendo:

«Assim a victoria do Jacobinismo politico e do fanatismo positivista determinou essas vehementes chronicas de Frederico de S., *Os Fastos da Dictadura*, que acompanharão, na Historia, a dictadura com um silvar, de. certo amortecido, mas perenne* mente desagradavel de latego.

Assim as tendencias norte americanistas da Republica provocaram esse esplendido libello, *A Illusão Americana*, o mais forte que se tem construído contra a raça não-anglo-saxonia, tal como a moldaram na America um solo novo, o uso muito duro da

escravatura, o contacto violento com as raças barbaras, o excesso de democracia utilitaria e a carencia de uma tradição., »

Valente belluario foi o dr. Eduardo Prado, e como tal mestre na redacção de pamphleto, genero de literatura que costuma apparecer nos períodos de agitação partidaria e de vehemencia de paixões politicas.

Ainda é o romancista Eça de Queiroz quem nos vae dizer acerca da arte de pamphletario em que o talento do dr. Eduardo Prado teve relevo:

Todos os seus livros políticos desde os *Destinos do Brasil*, perfeito estudo de psycologia social são, pois pamphletos.. Certamente realisam e com singular rigor, a definição de pamphleto formulada por Paulo Louis Courier, mestre pamphletario deste seculo.

— Que é um pamphleto? — "Uma idéa muito clara sahida de uma convicção muito forte, rigorosamente deduzida em termos curtos e límpidos com muitas provas, muitos documentos, muitos exemplos..."

— E tambem:

"A mais corajosa, maia util, mais pura acção, que um homem pode praticar no seu tempo, porque se a idéa é boa, derrama a verdade e, si é má, logo apparecerá quem a corrija, e a correcção produzirá exame, comparação, prova e, portanto aproximação da verdade!..."

— A visão que este vibrante escriptor tinha das cousas era: Como um fino dardo que vara horizontes.

A esta clara visão elle junta um raro poder de deduzir, de desfiar, de subtilmente desfiar, e de ligar depois os tios subtis numa trama meuda e resistente que, quando combate, se torna aquella rêde de ferro com que os gladiadores no circo immobilisavam para a morte os contendores e quando solicita ou propaga, aquella doce rêde de seda aconselhada pelos santos padres para doce-mente pescar" as almas...

A todas estas superiores potencias junta a potente paciencia de esquadrihar os textos, desenterrar os documentos, amontoar os exemplos, percorrer toda a Historia e toda a Natureza, para recolher um facto, um precedente, uma analogia, de sorte que a sua logica, bem armada e dextra, sempre combate sobre uma macissa, formidavel muralha de prova.

E em todo este esforço, ajudado por uma memoria de prodigiosa diligencia e seguran-ça. Ora, a memoria é a decima Musa, ou talvez, a mãe das Musas.

A sua maneira de utilizar esses dons, o seu Estylo — é o melhor, o mais adequado a um publicista e, participa superiormente da 'natureza desses dons. E' limpo, transparente, secco, quasi nú, sem roupagens roça-

gantes e bordadas que lhe embarcem a car-bira dextra, ou deformem as linhas puras do raciocínio.

Não ha nelle mollezas, repousos, tendencias a vaguear e a scismar, mas sempre o mesmo ímpeto elastico o anima e arremessa.

Ainda menos tenta essas fugas vistosas de foguetes que estala nos ares, cuidadoso em nunca perder o solo macisso da Realidade, que a todos, como a Antheu, communica força invencível'; quando, por vezes, attinge a essa plenitude e abundancia sonora que se chama Eloquencia, é porque, inesperadamente o exaltou a grandeza da verdade entrevista, um arranque generoso de indignação, alguma brusca emoção de piedade, ou aquella segura proximidade do triumpho, que solta todo som aos clarins...»

Desta forma completa e clara o apreciado escriptor d'Os *Maías* tratou a individualidade literaria e politica do dr. Eduardo Prado, cavalheiro cuja amizade cultivou com extremosa affeição; espirito cujo brilhantismo, elle, perfeitamente admirou.

O feitio da sua intellectualidade de pugilista appareceu nitidamente no valente pamphleto que é o livro *A Illusão Americana*.

Embora, como escreveu o Poeta Olavo Bilac no seu discurso-resposta ao do dr.

Affonso Arinos, na Academia Brasileira: «O escriptor d'A. *Ilusão Americana* exagerou bastante os perigos do que elle chamava e do que vós mesmo chamaes a nossa: Desnacionalisação.

...Tive e tenho para mim que Eduardo Prado foi sempre um firme, um puro e excellente brasileiro, no Brasil e na Europa, no Sertão e no boulevard.

Outro pamphleto ardente que a penna de Eduardo Prado escreveu é *A Hespanha* e no qual trata do auxilio poderoso que os Estados Unidos deram aos cubanos insurgidos para conseguirem, a final, a sua independencia como nação, sem comtudo deixar de fazer commentarios a situação dos < povos da America do Sul que são fracos, são mal governados e, não pagando os juros da sua divida ao estrangeiro estão prejudicando ou projectam prejudicar . os interesses de cidadãos de paizes fortes...»

Mais adiante declara acerca do mesmo facto:

«A luta dos Estados Unidos e da Hespanha é, talvez, o prologo de um drama universal, representado em formas novas, com desprezo pela arte antiga e pelas convenções fóra da moda, taes como o Direito, em geral, e o unico Direito Internacional, muito especialmente.

Nos paizes fracos, devia ser prohibido o estudo desse pretendido Direito, origem de perigosas illusões entre os povos e de uma falsa confiança entre os governos de boa fé.

A guerra actual justifica essa opinião...»
Collectaneas — *vol. I., pag. 371.*

O publicista Eduardo Prado com "a sua logica bem armada e dextra" expõe e confronta as phases do conilicto hispanonorte americano e possuído de sympathia pela cavalheiresca nação de Cervantes, exaltou a sua attitude em face da politica do *Tio Sam*.

E este "drama universal representado em formas novas" parece que era a visão dos tempos previstos pelo malogrado escriptor.

Tempos que agora são de luto, sangue, horror, miseria e calamidade causada pela Guerra Atroz, no mundo inteiro.

Vem" a proposito traduzir aqui o conceito do critico dinamarquez Georges Brandés quando discutio com o jornalista Clemenceau sobre o paradoxo de Fred. Nietzsche : "*A moral da segurança necessaria*", — *Revue Suisse, Bib. Universelle.*

Disse o auctor das "Novos Rumos da Literatura":

«Embora considere a guerra presente uma demencia collectiva, recuso admittir que os aggravos estejam de um lado só, *les torts soient d'un seul côté...*

XIV

Esta guerra como quasi todas as grandes guerras é uma guerra economica.

Naturalmente nenhum belligerante concordará nisto, pois, é mais conveniente dar apparencias aos factos. Pois cada povo não luta pela liberdade? Conforme declaram os seus intellectuaes. — Desde a Russia, a classica terra do Absolutismo; a Allemanha, o pais dos burgueses afidalgados e do ca-poralismo; a Gran Bretanha, que nunca deixou de se esforçar pela conservação da sua superioridade industrial no mundo; a França que nestes ultimos annos augmen-tou consideravelmente o sen imperio colonial...

A verdade é que cada uma destas potencias luta pela supremacia economica. ,

Veja-se porém o que acontece: Cada nação se julga campeão de uma civilisacão superior e serve-se dos mesmos argumentos... Quanto as atrocidades digo que:

O homem é um animal feroz, capaz de tudo, uma vez que estiver armado e livre: só pensa em destruir, incendiar e matar. Ah! e, como os civilisados suppor-tam a guerra ?...

Sim, depois de cada carnificina humana, nos consolamos em exclamar: *Esta foi a ultima*. E' o que se dizia depois da de 1870: — Será a ultima guerra da Europa; puro engano! Nenhuma guerra é a ultima: a

guerra é eterna como a maldade dos ho-mens é perpetua.»

Pela sua vez o dr. Rudolf Kjellen, prof. na Universidade de Upsal, na sua monogra-phia sobre os *Problemas politicos da Guerra mundial*, escreveu que:

«A guerra é um cataclysmo geologico,, uma catastrophe horrivel! Que o seu problema é extenso e complexo, tem muitos problemas entreligados: o problema geographico-historico; o problema nacional frequentemente ligado ao da raça; o problema sociologico e politico que consiste em determinar até que ponto a politica interior de um paiz pode influenciar a sua politica exterior; finalmente, o problema Economico, sem duvida o mais imperioso e que parece dominar todos...»

Talvez fosse attendendo aos factores deste problemas de sociologia, de politica e de economia que o publicista Eduardo Prado na ocasião em que a guerra civil dividia extremamente as opiniões no Brasil escreveu *A Ilusão Americana*, denunciando com a sua argumentação as práticas dos Estados Unidos com as outras nações continen-taes e latinas.

Seja como for, esse livro teve uma im-mensa popularidade; no momento em que o governo federal do Brasil negociava com o dos Estados Unidos amparo para a sua *legalidade*; pela sua vez a auctoridade po-

licial de S. Paulo confiscava a primeira edição que aqui apparecia e, o seu illustrado auctor foragia-se no sertão para garantir a sua liberdade, como tambem a vida contra a exaltação dos jacobinos.

A Illusão Americana nos recorda um episodio de nossas luctas jornalísticas pelo principio da liberdade neste paiz.

Eramos, então, prisioneiros d'Estado quando, cuidadosamente, um moço official, de nossa amizade, entregou um exemplar dizendo-nos: *Veja este livro. Veio de 8. Paulo e o governo prohibe que, circule !...*

Mais de vinte annos decorreram desta epoca dè calamidade nacional. A intervenção da esquadilha dos Estados Unidos nas aguas do Rio de Janeiro cooperou bastante para o desastre da Revolução, celebraram-se diversas conferencias pan-americanistas e agora pouca importancia é ligada aos vôos expansionistas da grande Águia de Washington, cujas garras supplantam raios...

E do dr. Eduardo Pisado, do seu luminoso espirito 'e da bondade do seu coração, restam reminiscencias sinceras, pois elle falleceu prematuramente em 1901.

Foi o seu amor 'pela literatura e a tradição brasileira que o tomaram contrario «a imposição das instituições anglo-saxonicas da America do norte ao nosso paiz...»

LEOPOLDO DE FREITAS

Março — 1917 — 8. Paulo.

A Ilusão Americana

Pensamos que é tempo de reagir contra a insanidade da absoluta con-fraternisação que se pretende impôr entre o Brazil e a grande republica anglo-saxonia, de que nos achamos separados, não só pela indole e pela lingua como pela historia e pelas tradições do nosso povo.

O facto de os Estados Unidos e o Brazil se acharem no mesmo continente é um accidente geographico ao qual seria pueril attribuir uma exagerada importancia.

Onde é que se foi descobrir na historia que todas as nações de um

mesmo continente devem ter o mesmo governo ?
E onde é que a historia nos mostrou que essas nações têm por força de ser irmãs? Em plena Europa monarchica não existem a França e a Suissa republicanas? Que fraternidade ha entre a França e a Allemanha, entre a Russia e a Austria, entre a Dinamarca e a Prussia? Não pertencem estas nações ao mesmo continente, não são proximas vi-sinhas, e deixam porventura de serem inimigas fígadaes?

Pretender identificar o Brazil e os Estados Unidos, pela razão de serem do mesmo continente, é o mesmo que querer dar a Portuga! as instituições da Suissa, porque ambos os paizes estão na Europa!

A fraternidade é uma mentira.

Tomemos as nações ibericas da America.

Ha mais odios, mais inimisades entre, elles do que entre as nações da Europa.'

O Mexico deprime, opprime e tem por. vezes, invadido Guatemala, que tem sangrentíssimas guerras com a republica do Salvador, inimiga rancorosa do Nicaragua, feroz adversaria do Honduras, que não morre de amores pela republica de Costa Rica. A embrulhada e horrível historia de todas estas nações é um rio de sangue, é um continuo morticínio. E onde fica a solidariedade americana, onde a confraternisação das republicas ?

A Colombia e Venezuela odeiam-se de morte. O Equador é victima, nunca resignada, ora das violencias colombianas, ora das preterições do Peru. E o Peru ? Já não assaltou a Bolívia, já não sê uniu depois a ella n'uma guerra injustíssima ao Chile? E o Chile já não invadiu duas vezes a Bolívia e o Peru. não fez um horroroso morticínio de bolivianos e peruanos na ultima guerra, talvez a mais sangrenta d'este século ? E o Chile não tem sómente estes inimigos: o seu grande adversario

A illusão americana

é a Republica Argentina. Este paiz, que tem usurpado territorios á Bolívia, obriga o Chile a conservar um exercito numeroso, e ninguem ignora que um conflicto entre aquelles paizes é uma catastrophe que, de um momento para outro, poderá rebentar. O dictador Francia, o verdugo taciturno do Paraguay, que Augusto Comte colloca entre os santos da humanidade venerados no calendario positivista, por odio aos argentinos e aos outros povos americanos, enclausurou o seu paiz durante dezenas de annos.

A Republica Argentina é a adversaria nata do Paraguay. Lopez ata-cou-a, e ella secundou o Brazil na sua guerra contra o Paraguay. E que sentimento tem a Republica Argentina pelo Uruguay ?

Não ha um só homem de estado argentino que não confesse que a suprema ambição do seu paiz é a reconstituição do antigo vice-reinado

de Buenos-Ayres, pela conquista do Paraguay e do Uruguay,

Eis ahi a fraternidade Americana. Voltado para o sol que nasce, tendo, pela facilidade da viagem, os seus centros populosos mais perto da Europa que da maioria dos outros países americanos; separado d'elles pela diversidade da origem e da língua ; nem o Brazil physico, nem o Brazil moral, formam um systema com aquellas nações. Dizem os geologos que o Prata e que o Amazonas foram em tempo dois longos mares interiores que se communicavam. O Brazil, ilha immensa era por si só um continente. As alluviões, os levantamentos do fundo d'aquelle antigo Mediterraneo soldaram o Brazil ás vertentes orientaes dos Andes. Esta junção é porém, superficial; são propriamente suas e independentes as raízes profundas e as bases

eternas do massiço Brasileiro. Por isso não vêm até ás praias brasileiras as convulsões vulcanicas do outro systema. Quando muito, chegamas vibrações longínquas, tenues e subteis que os instrumentos registram, as que os sentidos não percebem. Conta o missionário jesuíta Samuel Fritz, que em 1698, uma terrível erupção andina transmudou o Silomões, o rio brasileiro, num «rio de lama, e que, apavorados, os índios viam naquillo a colera dos deuses. Parece que, na ordem politica, taes têm sido as erupções hespanholas e revolucionarias que, afinal conturbaram as aguas brasileiras. A torrente, porém, não *é só* de lama, porque *é* de lama e *é* de sangue . .

Estudem-se, um por um, todos os paizes ibericos americanos. O traço caracteristico da todos elles, além da continua tragi-comedia das dictadu-ras, das constituintes e das sedições, que é a vida d'esses paizes é a ruína das finanças.

E na ruina das finanças o ponto principal é o calote systematico, o roubo descarado feito á boa fé. dos seus credores europeus. Os ministros da fazenda das republicas hespanholas, por meio de emprestimos que não são pagos, têm extorquido mais dinheiro das algibeiras européas do que jamais a Europa tirou das minas de ouro e prata da America. Tomemos os phantasticos orçamentos destes paizes, e, no meio dos *deficits* pavorosos e das mais indecentes falsificações, na irregular contabilidade publica que conservam' estes paizes, onde os dinheiros do estado são gastos e apropriados pelos presidentes com uma sem-cerimonia de que é incapaz o Czar da Russia, o que é que vemos ? Lá está o celeberrimo orçamento da guerra a tudo devorar. Lá estão as dezenas de generaes, as centenas de coroneis e os milhares de officiaes.

E' a prova de que não existe. a fraternidade americana.

Se as nações americanas vivessem ou pudessem sequer viver como irmãs, . não precisariam esmagar de impostos o contribuinte nem arrebentar os respectivos thesouros, defraudando os credores com a compra d'esses armamentos e apparatus bellicos tão destruidores da prosperidade nacional.

Fallemos agora da grande republica norte-americana, e vejamos quaes os sentimentos de fraternidade que ella tem demonstrado pela America latina, e qual a influencia moral que ella tem tido na civilisação de todo o continente.

* * *

No ultimo quartel do seculo passado, homens extraordinarios, da ve-lhã extirpe saxonica, revigorada pelo puritanismo, e alguns d'elles bafejados pelo philosophismo, surgiram nas treze colonias inglezas na America do Norte. Resolveram constituir em ação independente a sua patria; e ão lhes entrou nunca pela mente

fazer proselytismo de independencia ou de forma republicana da America. Nem isso era proprio da sua raça.

O fim que tiveram em vista foi um fim immediato, restricto e practico. Fazendo a independencia da sua patria, tinham como alliados os reis de França e de Hespanha. Como poderiam elles querer que este ultimo, a quem eram gratos pela sua intervenção em favor da independencia, perdesse as suas ricas colonias ameri-canas ? Se alguma sympathia houve entre elles pela emancipação de ou-tros paizes da America, essa sympathia appareceu trinta ou quarenta annos depois quando já toda America latina, á custa de sacrificios, ultimava a sua independencia sem auxílios norte-americanos.

E' altamente comica a ignorante pretensão com que escriptores francezes superficiaes procuram, ligar, a revolução americana á revolução franceza, querendo por força que as idéas revolucionarias francezas tenham in-

fluido na America, quando, a ter havido alguma influencia, foi antes da America sobre a França.

A pessoa de Franklin, com os seus calções pretos, sem espada ao lado, nem bordados, nem plumas, com os seus grossos sapatos de enfiar, o seu prestigio de sabio e de libertador, passeando atravez das galerias de Versailles; a fama de ter elle sido um simples operario na sua mocidade, isso sim foi uma influencia real em França. Quando elle, no seu scepticismo cheio de bonhomia, ria-se da pomposa divisa que lhe arranjou Turgot, o celebre: *Èripuit cedo ful-men sceptrumque tyrannis*, — dava uma prova de que ao seu terrível bom senso não escapava a insensatez? suicida da aristocracia, franceza.

Quando rebentou a revolução, quando ella Começou a matar e a incendiar, houve em toda a America uma grande sympathia por Luiz XVI e Maria Antonieta, os antigos alliados, os generosos protectores da indepen-

dencia americana. Pouco tempo depois o governo de Washington rompeu relações diplomaticas com a republica fianceza. Onde a solidariedade' republicana, onde a fraternidade?

Vejamos na historia: Que auxilio prestou o governo americano á independencia das colonias ibericas da America — Qual tem sido a attitude dos Estados Unidos quando estes paizes têm sido atacados pelos governos europeus — Como os tem tratado o governo de Washington,— Qual tem sido o papel dos Estados nas luctas internacionaes e civis da America latina — Qual a sua influencia politica, moral e economica sobre estes paizes.

Tudo o que se vae ler n'este trabalho é referente a esses pontos, que serão todos discutidos, embora nem sempre na ordem da sua enumeração.

• • •

A' Inglaterra principalmente, e não aos Estados Unidos, deve a America

latina a força moral que lhe permit-tiu fazer a sua independencia. Foi William Burke a primeira voz que na Europa se declarou em seu favor escrevendo um vibrante pamphleto, advogando a independencia da America do Sul. (1) O Abbé de Pradt e posteriormente Canning, que foi quem praticamente tornou possível, isto é, tornou effectiva e certa esta independencia, já officialmente aconselhada por Lord Wellington no congresso de. Verona. (2) A independencia das nações latinas da America em nada foi protegida pelos Estados Unidos.

A' Inglaterra deveram então serviços consideraveis as nações que luctavam pela sua emancipação politica.

O Sr. Carlos Calvo diz que a atti-tude dos Estados Unidos e a procla-

(1) Willian Burke, South American independence, or the emancipation of Sout America, the glory and interest of England: London, 1807.

(2) Chateaubriand, Le congrés de Vérone, chap XVI.

mação da doutrina de Monröe pesaram de uma maneira decisiva no animo do governo inglez quanto este, em agosto de 1822, pelo orgão de Lord Vellington, tomou no congresso de Verona a defeza dos paizes hespano-americanos,* contra quem a Santa Alliança pretendia intervir, em favor da Hespanha.

Esta affirmação é erronea. Em primeiro lugar a chamada doutrina de Monröe só foi proclamada 'pelos Estados Unidos quinze mezes mais tarde, isto é, em dezembro de 1823, E qual foi a attitude dos Estados Unidos em relação ás colonias revoltadas? Um auctor hispano-americano, o snr. Samper, da Colombia, diz: «Enquanto á los Estados Unidos, es curioso observar que siendo esa potencia la más interesada en favorecer nuestra independencia, bajo el punto de vista político y no poço bajo el comercial, se mostro sin embargo mucho menos favorable que Inglaterra, indiferente por lo común

hacia miestra revolución y muy tardía en sus manifestaciones oficiales, como parcimoniosa en procuramos los auxilios de armamento que solicitábamos, con nuestro dinero, de los negociantes y armadores». (1)

Muito antes da mensagem de Mon-röe. o embaixador americano, Rush, tinha recebido de Canning a confidencia de que a Santa Alliança pensava em intervir na America a favor da Hespanha, e Canning accrescenta-ra estar disposto a se oppôr directamente a esse plano se tivesse a cooperação dos Estados Unidos. Rush mandou as declarações de Canning ao seu gQverno que as recebeu com grande satisfação porque até áquella occasião, segundo o contou depois Calhoun, que fazia parte do gabinete, os Estados Unidos não tinham julgado prudente intervir em vista do grande poder da Santa Alliança. Monröe tra-

(1) J. M. Samper, Ensayo sobre las revoluciones politicas y la condición social de las republicas hispano americanas, pag.,195. Paris, 1861.

tava os seus secretarios com consideração diversa da que usam os se-mi-barbaros presidentes de outras republicas da America com os irresponsaveis que se prestam a ser seus ministros ; communicou a noticia de Londres ao gabinete, e consultou a Jefferson se devia acceitar o proposto auxilio da Inglaterra. (1) Até então, a attitude dos Estados Unidos tinha sido toda de reserva, de abstenção, e, para uma nação que se quer apresentar como a protectora dos latinos - americanos, é forçoso confessar que essa politica não era de fraternidade, mas sim de egoísmo. Ainda em 1819 o governo americano recusara receber os consules nomeados por Venezuela e pelo governo de Buenos Ayres, allegando varios pretextos, (2) e só a 9 de Março de

(1) Von Holst, Constitutional History of the U. S. of America, vol. 1, pag. 420; Jefferson's, Worles; vol. VII, pg. 315 e 316.

(2) Animal registrar of the year 1819, 1820; pag. 233, London.

1823 é que reconheceu a independência das repúblicas hespanholas.

Fortalecido e animado pela iniciativa da Inglaterra, em 2 de dezembro de 1823, o presidente Monröe-disse na sua mensagem : - «Devemos declarar por amor da franqueza e das relações amigáveis que existem entre os Estados Unidos e aquellas potencias (europêas), que consideraremos-qualquer tentativa da sua parte para estender o seu systema a qualquer parte d'este hemispherio como cousa tão perigosa para a nossa tranquillidade como para a nossa segurança. Com as colonias existentes e as dependencias das mesmas potencias não temos intervindo nem interviremos.

Em relação, porém, aos. governos que declararam a sua independência e que a têm mantido, independência que, depois de grande reflexão e por justos princípios, nós reconhecemos,, toda interferencia, por parte de qualquer potencia europêa, afim de op-primi-los e de qualquer modo domi.

nar os seus destinos, não poderá ser encarada por nós senão como uma manifestação pouco amigavel para com os Estados Unidos.

Eis ahi a famosa doutrina!

A nunca assás ludibriada e escarnecida ingenuidade sul-americana viu n'esta declaração um compromisso formal, solemne e definitivo, de al-liança com os Estados Unidos, alliança tão sensata aliás como a do pote de ferro com o pote de barro. Ha setenta e um annos que o governo americano tem accumulado declarações sobre declarações, que equivalem quasi que a retractações; ha setenta e um annos que escriptores, oradores, políticos americanos explicam que aquillo não é um compromisso nem uma alliança; ha setenta e um annos que, por palavras, actos e omissões, o governo de Washington praticamente demonstra a significação res-tricta, e, por assim dizer, platonica das palavras de Monröe, e ainda hoje, ha quem tenha superstição de tomar

aquillo ao, pé da letra. A estultícia parece que é invencível.

Poderíamos encher paginas e paginas de extractos de livros, de jor-naes e de discursos de americanos interpretando a chamada doutrina n'um sentido bem diverso da interpretação jacobina que hoje é acreditada no Brasil.

Preferimos, porém, relatar simplesmente os factos.

Quem conhece os documentos officiaes americanos daquela epocha sabe que toda a politica interior e exterior dos Estados Unidos estava subordinada aos interesses da *instituição peculiar*, euphemismo com que-se costumava designar a escravidão. Os Estados Unidos, desde que sabiam que qualquer paiz americano estava disposto a abolir a escravidão, eram immediatamente hostis á independencia d'esse paiz.

O pobre Haiti era o objecto do odio americano. Hamilton, da Carolina do Sul, declarou na camara dos

representantes que a independencia do Haiti, por fórma alguma, devia ser tolerada; Hayne, acompanhado por todo o seu partido, queria que o simples facto de um paiz qualquer reconhecer a independencia do Haiti fosse motivo para a ruptura das relações diplomaticas com os Estados Unidos. Em 1825, o governo de Washington pediu ao Czar da Russia a sua intervenção junto, á Côrte de Hespanha para que esta cessasse de hostilizar as suas antigas colonias, já de facto independentes, e especialmente a «Colombia e o Mexico. E isto, dizia o secretario d'estado Henry Clay a Middleton, ministro americano em S. Petersburgo, porque o Mexico e á Colombia proseguindo em sua hostilidade contra a Hespanha, podiam eventualmente tomar conta de Cuba e ali acabar com a escravidão. Henry Clay mandou tambem pedir ao Mexico e á Columbia que adiassem a sua expedição libertadora de Cuba, e Middleton recebeu

ordem para insistir junto ao Czar, chefe da Santa Aliança, porque os Estados Unidos faziam questão de impedir a independência de Cuba. O México e a Colômbia lembraram aos Estados Unidos o cumprimento da sua promessa contida na celebre mensagem de Monroe. Henry Clay respondeu que a mensagem contida com efeito uma promessa, mas que os Estados Unidos tinham-na feito a si mesmos e não a um outro país, e que por isso nenhum país tinha o direito de exigir o cumprimento da mesma promessa. (1)

Os países hispano-americanos qui-zeram, parece que mais uma lição prática da doutrina de Monroe Convocaram o celebre congresso de Panamá, assembléa destinada a *la al-lianza de toda» las Americas*, á mutua fraternidade, etc, etc. Compareceram só os representantes de quatro países. Os Estados Unidos depois de muita

(1) Von Holst, vol. I, pag. 422-428.

hesitação, nomearam dois representantes que nunca chegaram a Panamá.

As instrucções dadas a estes (1826) são talvez o melhor Commentario da doutrina de Monröe. D'ellas resulta principalmente que os Estados Unidos não estavam por fórma alguma dispostos a fazer suas as brigas da America latina com as potencias eu-ropêas. E nunca, mas nunca, os Estados Unidos mudaram de modo de pensar e de proceder.

Vamos ver os muitos factos em que aquelle governo, por seus actos, deu a interpretação authentica da doutrina que os sul-americanos têm falseado. Antes, porém, daremos uma opinião valiosa, e que destroe pela base a crendice que se quer espalhar no Brasil que os Estados Unidos *não consentem* na America outro governo senão o republicano.

Os sul-americanos que isto dizem affirmam uma falsidade, e os que se regosijam com isso bem merecem o

desprezo que os americanos lhes votam. Haverá coisa menos digna do que um cidadão desejar que a sua patria não tenha a. livre disposição dos seus destinos e esteja, quando se trata da escolha ou da mudança da sua fôrma de governo, dependente da vontade do estrangeiro?

Felizmente a nação americana, tenham sido embora grandes as faltas dos politiqueros que tanta vez a têm deshonrado, conta, no mundo do pensamento homens do mais alto valor, herdeiros legítimos dos heroes da independencia.

Eis aqui como um d'esses homens julga a doutrina de Monröe, na interpretação forçada e indigna que lhes querem dar os jacobinos brasileiros, que põem a republica acima da patria:

«Querer firmar o principio de que os Estados Unidos não podem consentir na America nenhum systema político differente do seu, ou que não

podem tolerar nenhuma mudança política tendo por fim substituir a fôrma republicana pela fôrma monar-chica, seria ir além das pretensões do congresso de Laybacn e de Verona que. pelo menos, tinham temor da destruição da sua obra política, enquanto que os Estados Unidos não podem ter esse temor». (1)

Em 1786, um joven brasileiro,

Maia, estudante de Montpellier, disfarçando-se com o pseudonymo de Wan-dek e rodeando-se de mil mysterios, tentou approximar-se de Jefferson, então embaixador dos Estados Unidos em Versailles. Aproveitando-se de uma viagem de Jefferson pelo sul da França, encontrou-se com elle em Nimes, e ahi falou-lhe da independencia do Brazil, com que sonhava, e pediu-lhe o auxilio dos Estados Unidos. Jefferson desanimou-o, como

(1) Wolsey, Introduction to the Study of International Law, § 74.

se evidencia das cartas que o embaixador escreveu a Jay, Secretario de Estado, dando-lhe conta da entrevista que tivera com p joven brasileiro. Em 1817, um emissario pernambucano foi aos Estados Unidos pedir auxilio; foi ludibriado, e o governo de Washington apressou-se em dar conta de tudo ao ministro portuguez Correia da Serra. Por occasião da independencia do Brazil, não recebemos prova alguma de boa vontade por parte dos americanos, e só depois de outros países reconhecerem a emancipação do Brazil é que os Estados Unidos reconheceram a nossa autonomia.

Note-se que a celebre doutrina de Monroe data de 1823; foi na mensagem presidencial d'esse anno que aquelle presidente estabeleceu a não intervenção da Europa nas cousas da America. Ora, dois annos depois, em 1825, é que a nossa independencia foi reconhecida por Portugal, pela intervenção ingleza, representada na

pessoa de Sir Charles Stuart, depois Lor Rothesay. Mais tarde é que os Estados Unidos celebraram com o Brazil um tratado de amisade, com-mercio e navegação. O ministro americano no Rio, Raguet, oppoz grandes embaraços a nossa nascente naciona-lidade embaraços que foram só em parte removidos pelo, seu successor, William Tudor.

Para se fazer uma ideia do que foi a missão de Raguet basta percorrer rapidamente, a sua correspondencia. (1)

Raguet accusa a nossa esquadra no Rio da Prata de covardia (pag. 20); diz que com o povo brasileiro é inutil appellar para a razão e para a justiça (pag. 32); Raguet em termos grosseiros ameaça o ministro dos estrangeiros de uma guerra com os Estados Unidos (pag. 27): «Isto não é um povo civilisado (pag. 64).

(1) U. S. House of R. Does. 20th Congress, Ses sion Ist, vol. 7, Doc. 281.

Tal foi o procedimento de Raguet e taes foram as suas grosserias, que Henry Clay, Secretario d'Estado, mandou-lhe um despacho (pag. 108), estranhando as suas maneiras, e dí- zendo-lhe que era preciso não esquecer que, afinal de contas, o Brazil era um paiz christão.

O governo americano ligou-se por esta epocha inteiramente aos governos que faziam pressão sobre o Bra-zíl por motivo de questões de presas marítimas no Rio da Prata.

Durante as nossas luctas no Rio da Prata encontrámos sempre a oppo- sição norte-americana entorpecendo a acção das nossas esquadras, desres- peitando os nossos bloqueios, con-luiando-se com os nossos inimigos, e para depois, valendo-se das difficuldades iniciaes da nossa independencia politica, fazer-nos exigencias desmedidas e exorbitantes reclamações. O pri- meiro representante americano que veio ao Rio de -Janeiro, ao findar o período colonial, deu origem a um

desagradavel incidente diplomatico, faltando ao respeito á família real o que era uma injuria feita ao paiz.

O representante americano que tratou das reclamações de presas no Rio da Prata, depois de atropelar as negociações, rompeu bruscamente e retirou-se sem que houvesse motivo para essa desfeita, que foi aliás reparada pelo successor daquelle diplomata Willian Tudor, que firmou com-nosco um tratado de amizade, com-mercio e navegação.

Leiam-se as insolentes mensagens do presidente Jakson ao congresso americano, referindo-se ao Brazil e aos outros paizes da America do Sul.

Aquellê general sem escrupulos, que foi o patriarcha da corrupção na sua patria, em suas mensagens ao , Congresso, exprime-se com grosseira arrogancia em relação ao Brazil e aos outros paizes da America do Sul.

Em 1830, não havendo mais guerra no Prata nem no Pacifico, o Secretario da Marinha insiste pelo aug-

mento da força naval nas costas da America do Sul: «É preciso», diz o secretario John Branch, não diminuir as nossas forças, que são indispensaveis para a defesa dos nossos interesses perante aquelles governos instáveis e incapazes». (1)

As exigencias do governo americano foram enormes, e da própria correspondencia do ministro Tudor se evidencia o desarrasado de algumas das reclamações.

Assim, tratava-se, por exemplo, da escuna *United States* capturada pela nossa esquadra quando tentava forçar o bloqueio levando munições de guerra aos nossos inimigos. Era por ventura possível duvidar da legitimidade da apprehensão? William Tudor n'um dos seus despachos ao seu governo refere-se a exagerações das reclamações, e n'outro despacho parece sentir que as cousas se tivessem

(1) U. S. Senate Documents: Congress 21st Sess. 2, 1830 e 31, vol. I, pag. 38. Doc. I.

arranjado pacificamente, e compraz-se em dar o plano de uma possível expedição naval americana contra o Brasil para bloquear Pernambuco, a Bahia e o Rio de Janeiro. E enquanto assim se exprimia o diplomata americano, da sua própria correspondência resulta que, por esse tempo, a escuna de guerra brasileira *Ismenia* salvava de piratas na costa de Africa um negociante americano, conservando-lhe um grande carregamento de marfim. Da correspondência de Raguet vêem-se os contrabandos feitos nas costa do Brazil pela *Morning Star* Phila-delphia; a insolencia do commandante Biddle da *Cyane* com a nossa flotilha ao mando do almirante Pinto Guedes, vê-se a manobra fraudulenta do navio americano *President Adams*, sahindo de Montevideu com falso manifesto para Boston, e tentando ir abastecer o porto de Buenos Ayres que o Brazil bloqueava. (1)

Executiva documents presented to the H. of Representatives 25th Congress. Doc. 32, pag. 32.

O Brazil teve de ceder ás imposições norte-americanas, e pagou pelas reclamações a quantia de 427:259\$546 réis, que n'aquelle tempo valiam Reis ou sete vezes o que valem hoje. (1)

Leiam-se os *States Papers* americanos do tempo, e ha de se ver que, quando tratava com o nosso governo o almirante francez Roussin, que se apresentou na barra do Rio de Janeiro com a sua esquadra a nos fazer exigencias, o ministro americano deu-lhe o seu apoio moral, e esteve bem esquecido de Monröe e da sua doutrina. (2)

Quando a Inglaterra e a França intervieram na Republica Argentina

(1) Ibidem.

(2) Listas das quantias (capital e juros) pagas em virtude das reclamações americanas:

NAVIOS	QUANTIAS			
Tell-tale			37:924\$850	
Pioneer			21:134\$676	
Sarah George			42:472\$199	
Rio			8:081\$034	
Panther			4:229\$918	
Hero			12:048\$979	
Nile			3:313\$178	
Budget.			30:939\$993	

contra Rosas, o governo americano, que convivía em perfeita harmonia com aquelle monstro, o que fez? Nada.

Entre as recommendações que o governo de Washington faz a William Tudor ha a de preparar o espirito do governo brasileiro para a noticia que logo lhe seria dada do governo americano haver reconhecido D. Miguel como rei de Portugal. Com effeito no dia 1.º de Outubro de 1830 o presidente dos Estados Unidos recebeu officialmente o snr. Torlades, encarregado de negocios de D. Miguel-O governo americano foi o *unico governo* que reconheceu o rei absoluto e usurpador de Portugal!

Por essa epocha, o governo do Estados Unidos tinha já organizado

Hannah	37:197\$774
Spermo	92:246\$803
Hussar	28:337\$824
Amihy	16:922\$878
Ruth.....	29:428\$440
Ontario	1:742\$000
Spark	61:250\$000
Total . . .	427:259\$545

o seu plano de guerra contra o Mexico, outra prova da solidariedade e da fraternidade americana. A má fé do governo de Washington começou com a questão do Texas. Favoreceu quanto pôde a revolta d'aquelle territorio, animou-o a separar-se do Mexico para mais depressa absorvê-lo e depois declarou a guerra ao Mexico, verdadeira guerra de conquista humilhou aquella republica até ao extremo, e arrebatou-lhe metade do seu territorio. O' fraternidade!

E a doutrina de Monröe o q'ue era feito d' ella? A Inglaterra. estendia as suas conquistas ao oeste do Canadá até chegar ao oceano Pacifico. Antes já arrebatara, contra todo o direito, as ilhas Malvinas ou Falkland á Confederação Argentina.

E será possível fallar nas ilhas Malvinas sem recordar um dos maiores attentados contra o direito das gentes, n'este seculo, attentado perpetrado por uma força naval dos

Estados Unidos, e aprovado e sancionado pelo governo de Washington? Em 1831, os argentinos tinham uma colônia nas ilhas Malvinas. Alguns navios de pesca, americanos, não quiseram obedecer a umas ordens do governador da colônia. D'ahi um conflito administrativo e diplomatico entre o consul americano em Buenos Ayres e o governo argentino.

Estava a questão n'este pé quando a corveta americana *Lexington* sahiu de Buenos Ayres commandada pelo capitão Silas Duncan, foi ás ilhas Malvinas, bombardeou o estabelecimento argentino, desembarcou tropa, matou muitos colonos, incendiou todas as casas, arrasando as plantações e levando os sobreviventes presos, uns para os Estados Unidos, e abandonando outros, em grande miseria, na costa desertas do Uruguay. Destruído o estabelecimento argentino, a Inglaterra tomou conta das ilhas.

O governo argentino em 1839 reclamou satisfação.

E o que lhe respondeu o governo americano pela palavra do Secretario d'Estado Daniel Webster ?

Que o governo americano aguardava a decisão final do conflicto existente entre a Inglaterra e a Republica Argentina a respeito da soberania das Ilhas Malvinas.

Ora em 1831, por ocasião do at-tentado americano nas Malvinas, a soberania argentina existia de direito e de facto sobre as Malvinas. De direito, reconheceram-no os mesmos Estados Unidos, porque na mensagem presidencial de 17 de novembro de 1818 referente á independência das antigas províncias unidas do Rio da Prata attribuiu-se-lhe a soberania dentro dos limites do antigo vice-reinado de Buenos Ayres que comprehendia as Malvinas; de facto, eram argentinas as Malvinas, porque eram colonisadas por argentinos e administradas por auctoridades argentinas desde 1829; só dois annos depois é que a Inglaterra se apossou d'essas ilhas.

Como é que os Estados Unidos de quem tantas vezes tem-se dito que não consentirão que um paiz europeu se aposse de uma pollegada de territorio americano, não duvidaram, no caso presente, pôr em duvida a soberania argentina nas Malvinas em conflicto com a usurpação ingleza ?

E a Republica Argentina em 1884 renovando a sua reclamação obteve a mesma resposta. Propoz submeter o caso a arbitramento; o governo de Washington negou-se.

Eis-ahi a sinceridade americana quando falia na doutrina de Monröe e sustenta a theoria do arbitramento para a solução dos conflictos internacionais,

Mais tarde e-no Honduras, alargou a Inglaterra impunemente os seus domínios sem que saísse a campo a tal doutrina, e quando Schomburgh intrometteu-se em territorio brasileiro na lagôa dos Piráras, na fronteira da Guyana ingleza, retirou-se diante da energia da diplomacia brasileira, que

n'essa ocasião não encontrou e activa nem pediu então o menor apoio em Washington, apesar de Monröe e da sua doutrina.

Correm os tempos, e o Brazil, a Republica Argentina e o Uruguay, em legitima defeza, emprehendem a mais justa das guerras contra Lopez, do Paraguay. Lá encontramos a diplomacia americana a nos crear embaraços e, representada nas pessoas dos ministros Washburn e general Mac-Mahon, íntimos de Lopez, espectadores mudos e impassíveis das suas crueldades, seus verdadeiros cúmplices pelo silencio e até pelo louvor. Quantas difficuldades não crearam esses homens aos exercitos alliados? Ainda ahi mostraram os americanos do norte quão a sua comprehensão da fraternidade americana. Washburn e Mac-Mahon, abusando das suas immunidades, eram espias e auxiliares de Lopez, trahindo o exercito alliado. E o procedimento do Brazil tinha sido todo de correcção e lealdade em

emergencias bem graves para a republica norte-americana.

Aquelle grande paiz dera ao mundo um exemplo bem desmoralizador pelo seu apêgo á escravidão.

Emquanto no Brazil não houve escravocratas que tivessem o cynismo de querer legitimar a iniqua instituição, nos Estados Unidos, onde os senhores de escravos foram muito mais crueis que no Brazil, publicaram-se livros, sermões, com a apologia scientifica e até religiosa da escravidão, e chegou o momento em que metade do paiz julgou que, para conservar e estender a escravidão, valia a pena sacrificar a propria patria americana. O escravismo sobrepujou o patriotismo. E rompeu a guerra civil mais terrível e mais sangrenta de que reza a historia. O governo de Washington deixou logo, aos primeiros tiros do forte Sumter, em,Charleston, de dominar parte do territorio. Os rebeldes crearam uma verdadeira esquadra de corsarios. O governo americano, que

a ignorancia ou a má fé estão agora querendo apresentar aos brasileiros como indefesso propugnador do progresso e das idéas liberaes e humanitarias em materia de direito internacional, tinha-se recusado a adherir ao tratado de Paris, de 1856, pelo qual fóra abolido o corso como recurso barbaro abandonado pelas nações cultas. Por uma punição providencial, foi contra os interesses do governo americano que se organisou o corso mais activo e terrível de que ha noticia.. Os corsarios sulistas correram todos os mares do globo. N'esse tempo, a marinha mercante americana era talvez a segunda do mundo. Com o desenvolvimento da corrupção politica nos Estados Unidos, o favor feito aos poucos ricos armadores nacionaes, a pretexto de proteccionismo, tornou por tal fórma cara a construcção naval que a marinha mercante americana por assim dizer desapareceu. Os corsarios sulistas tinham pois, n'aquelle tempo, presas ricas e nume-

rosas em que saciar a sua sêde de vingança e principalmente de lucro. Deante do incremento tomado pela revolta sulista, não- foi possível ás nações estrangeiras desconhecer nas relações internacionaes, a personalidade juridica dos confederados, nome esse que os revoltosos assumiram. De facto, senhores de varios pontos, dispondo de fortalezas, os rebeldes dominavam uma parte do territorio de que o, governo de Washington, ao cabo de muito tempo, não se tinha podido apoderar. As nações estrangeiras não podiam deixar de considerar os confederados como bellige-rantes. Nem outra doutrina podia prevalecer. 'De outro modo, bastaria a qualquer governo declarar simplesmente rebeldes ou piratas as forças de terra ou de mar ao serviço dos seus adversarios para prival-as de todos os direitos de guerra. Ora a revolução é um direito, segundo as theorias modernas, e as nações estrangeiras não devem, entorpecer por qualquer

modo, ainda que indirecto, o exercício d'esse direito. Grocio diz que, uma nação onde ha uma revolta deve ser considerada pelos terceiros, isto é, pelos outros paizes, como duas nações separadas, cada uma com os seus direitos de belligerante. Os tratadistas de direito internacional dizem que para isso é preciso: 1.º que a revolta tenha já algum tempo de duração, não tendo podido o governo suffocal-a; 2.º que os recursos da revolta sejam importantes; 3.º que ella domine um parte do territorio quer maritimo quer terrestre. Ora os confederados estavam n'esse caso, e o proprio governo americano creára um precedente contra si quando, em 1837, reconheçêra como belligerantes os revoltosos do Texas, sem fazer caso das reclamações do Mexico.

O reconhecimento dos insurgentes como belligerantes é cousa muito das tendencias do direito internacional moderno. E' uma medida aconselhada pelos proprios interesses da nu-

manidade. O título de belligerante confere certos direitos; mas, a esses direitos correspondem certos deveres que, a bem de todos, devem ser cumpridos pelos belligerantes. Se se nega todos os direitos aos insurgentes, como pretender impor-lhes os deveres geraes da guerra ? E ao interesse da humanidade convem que esses deveres sejam respeitados. Ora, se não ha direito a que não corresponda um dever, também não ha deveres a que não correspondam também direitos. Bluntschli, o oraculo do direito internacional, diz que, desde que os rebeldes se acham militarmente or-ganisados, devem ser reconhecidos como belligerantes, e diz mais que o direito internacional actual fez um progresso mostrando-se disposto a conceder a qualidade de belligerante a um partido revolucionario. As leis da humanidade, diz elle, assim o exigem. (1)

(1) Vid. *Le droit international codifié*, § 512.

Não tardaram os corsarios sulistas em apparecer nos portos do Brazil, e o governo brasileiro manteve-se na maior discrição e na attitude a mais correcta, sómente permittmdo que os navios fizessem agua e recebessem carvão apenas em quantidade sufficiente para, em marcha lenta, se transportarem ao mais proximo porto estrangeiro. O governo americano julgou deyer reclamar *pro forma*, e o ministerio dos negocios estrangeiros do Brazil, n'uma nota luminosa e digna, nota que é hoje classica em direito internacional, defendeu o procedimento do governo imperial, e o proprio secretario de estado do governo de Washington, o eminente Mr. Seward, um dos mais notaveis estadistas americanos, deu-se por satisfeito com a justificação contida em a nota brasileira, assignada pelo ministro de estrangeiros, o conselheiro Magalhães Taques. Seward disse, em resposta, que se rendia á evidencia demonstrada n'aquella nota habilis-

sima (*most able note*). (1) O amor proprio brasileiro, n'aquelle tempo, podia ter satisfações d'estas.

Terminada a guerra civil, houve o grande litigio entre a Inglaterra e os Estados Unidos, a celebre contenda conhecida pelo nome de «Questão *Alabama*». O governo do Brazil foi escolhido pelas altas partes litigantes para ser um dos arbitros entre as duas grandes nações. Não podia ser mais solememente reconhecida do que foi então a lealdade e a correcção do governo do Rio de Janeiro. (2) Annos mais tarde, surgiu um litigio derivado ainda da, guerra civil americana. O conflicto era entre as duas grandes republicas do mundo, entre a França e os Estados Unidos. O arbitro unico escolhido foi o Imperador do Brazil. No tribunal que funcionou em Washin-

(1) *House of Representatives Exec. Docs. 5 thses-sion*, vol. IV, 38th congress.

(2) *Ibidem*, 37th congress; 2d session, vol. IV.

gton, representou o soberano brazy-leiro o sr. barão de Arinos. No tribunal do *Alabama*, que funcionou em Genebra, o juiz brasileiro foi o fallecido barão depois visconde de Itajubá. Vê-se, por isso, qual não era o prestígio do Brazil. Hoje, querendo os Estados Unidos fechar o mar de Behring, e, retrocedendo estranhamente para epochas passadas, restabelecer o *mar clausum* que Selden e Freytas defenderam, no século XVII contra Grocio, o fundador de direito internacional moderno, a Inglaterra oppoz-se á pretensão e os dois pai-zes recorreram a um arbitramento. Parece que os tempos estavam mudados. .. Os Estados Unidos já não appellaram para o governo do Brazil, ; e. o governo de Washington, que querem agora apresentar como o paladino da fraternidade americana, nem por sombras pensou em recorrer aos seus collegas presidentes de republicas latinas. Os Estados Unidos preferiram a arbitragem de algumas

anachronicas chancellarias de velhaa e carcomidas monarchias europêas! Não seríamos completos em nossa demonstração de que os Estados Unidos, embora contem illustres escriptores de direito internacional, são mais egoístas e prepotentes em sitas praticas do que as monarchias europêas, se não nos referíssemos ao celebre incidente do *Trent*. O vapor d'este nome, vapor inglez, levava, como passageiros, dois enviados diplo-matieos representantes dos Estados Confederados, os srs. Sliddel e Mason, que iam. como enviados extraordinarios e ministros plenipotenciario, em missão especial, um d'elles para Londres outro para Paris. Pois bem, um navio de guerra americano em alto mar, deteve o vapor inglez e violentamente arrancou de bordo os dois passageiros. Este acto, contrario ao direito das gentes, esse desrespeito ao pavilhão de uma nação neutra, esta felonía contra os dois diplomatas despertou a indignação de todos

os governos, e o governo de Washington viu-se obrigado a censurar o official que perpetrou tão feia acção, mas aproveitou-se d'ella conservando por muito tempo os dois prisioneiros. Este acto é apenas menos condemnavel do que a vilania que contra nós praticou Solano Lopez, aprisionando em plena paz o vapor braziliense *Marquez de Olinda*, vapor que levava o coronel Carneiro de Campos, presidente de Matto Grosso. Esta proeza parece que foi vivamente aconselhada a Lopez pelo cidadão uruguayo o sr. Vazques Sagastume, hoje ministro no Rio de Janeiro, e portanto um dos coryphéus da fraternidade americana.

Com o seu immediato vizinho meridional, o Mexico, a politica dos Estados Unidos terá sido uma politica de fraternidade ?

O facto mais importante d'essa politica, qual foi ?

Foi uma guerra.

E essa guerra contra o Mexico é

pintada com verdade e eloquencia pelo historiador americano H. H. Bancroft:

«A guerra dos Estados Unidos contra o Mexico foi um negocio premeditado e determinado de antemão. Foi o resultado de um plano de salteio, que o mais forte organisou deliberadamente contra o mais fraco. As altas posições politicas de Washington eram occupadas por homens sem princípios, taes como os senadores, os membros do congresso, sem fallar do presidente e do seu gabinete, e havia a grande horda de demagogos e dos politiqueros, que se comprazia em satisfazer os instinctos dos seus partidarios. Estes eram os senhores de escravos, os contra-bandistas, os assassinos de indios, que, com as suas ímpias bocas maculadas de tabaco, juravam pelos sa-grados princípios de 4 de julho, que haviam de estender o predomínio americano do Atlantico até ao Pacifico. E esta gente, despida, das

noções do justo, e do injusto, estava disposta cynicamente a reter tudo quanto podesse saquear, e invocando para isso o principio unico da força.

«O Mexico, pobre, fraco, luctando para obter um logar entre as nações, vae agora ser humilhado, es-pesinhado, algemado e vergastado pela brutalidade do seu vizinho do norte. E este é um povo que tem o maior orgulho da sua liberdade christã, dos seus antecedentes puritanos! 'Veremos como os Estados Unidos começaram, então, a empregar toda a sua energia em descobrir plausíveis pretextos para roubar a um vizinho mais fraco uma vasta extensão de terra. E para que ? Para ahi estabelecer a escravidão.» (1)

A guerra foi precedida da intrusão americana no Texas, dos subsídios que os americanos deram á re-volta por elles mesmos fomentada

(1) H. H. Bancroft, Works. San Francisca, 1885, vol. XIII, cap. 13.

n'aquelle territorio, cuja independencia não tardaram em reconhecer como medida preparatoria da annexação, que foi a gota de agua que fez transbordar a paciencia dos mexicanos. E esta paciencia já tinha sido posta á prova de mil modos, por annos e annos n'uma longa serie de vexames. As *reclamações* americanas multiplicavam-se. Extractas hoje, isto é, pagas a bom dinheiro peio Mexico, renasciam d'ahi a mezes. E as reclamações eram extraordinarias. Bancroft, entre outras, cita a reclamação de um americano que por cincoenta e seis duzias de garrafas de cerveja recebeu 8:260 dollars. (1)

Uma vez, o commissario americano Voss recebeu o dinheiro, e este não appareceu (Bancroft, pag. 320).

Em 1818, estando os Estados Unidos em paz com a Hespanha, o general Jackson invadiu a fronteira da

(1) Ibidem, pag. 318, nota.

Florida, capturou e guarneceu um forte hespanhol, apoderando-se de Pensacola e de Barrancas.

Mais tarde, também sem declaração de guerra, o general Gaines fez incursões no México. Estava, pois, nas tradições do governo de Washington O começar a guerra contra o México, sem previa declaração para de surpresa romper as hostilidades e invadir o território. E "assim foi.

Vejamos agora como foi feita a guerra. Os americanos fizeram-na de um modo barbaro. «O bombardeio de Vera Cruz durou quatro dias; foi horrível e inteiramente desnecessario». (Bancroft, pag. 547). «O saque, as matanças de feridos no campo de bata' lha, os prisioneiros queimados vivos, são factos confirmados pelas mais elevadas auctoridades officiaes.» (1) «As barbaridades illegitimas commettidas quasi sempre com impunidade por uma massa indisciplinada como era.

(1) Livermore, *War with Mexico*, pag. 268.

o exercito americano, estão, infelizmente, por demais verificadas (Ban-croft, pag. 547). E isto estava de accordo com a opinião publica.

Leiamos as expressões dos jornaes americanos:

Dizia um: «Devemos destruir a a cidade do Mexico, arrazando-a ao nivel do solo. Façamos o mesmo com Puebla, Perote Jalapa, Saltillo e Mon-terey e feito isto, devemos ainda augmentar as nossas exigencias». Dizia outro: «Aniquilemos os mexicanos, levemos a destruição e a morte a todas as famílias, façamo-I lhes sentir um jugo de ferro, e assim seremos respeitados». (1)

E o Mexico perdeu quasi metade do seu territorio.

Faz-se muito cabedal do facto dos Estados Unidos terem mais tarde intimado a França a retirada das suas tropas do Mexico. Foi um serviço, mas como não tem o Mexico pago

(1) Jay, Reveiv of the *Mexican War*, pag. 259.

caro este serviço? O governo de Maximiliano não se pôde manter, embora, tenha sido o governo mais honesto que o México tem tido desde a independência. Maximiliano era um estrangeiro. Houvesse um príncipe mexicano, que aquella população, de índole monarchica, acceitaria unanime a monarchia. Demais, Maximiliano não quiz sancionar os grandes abusos do clero, sobretudo em relação aos bens da Igreja. Não esqueçamos que o decreto abolindo os contractos agrícolas dos *peones*, revogação de uma lei antiga pela qual os trabalhadores das *haciendas* ficavam verdadeiros, escravos, sujeitos até aos açoites, attrahiu, contra o príncipe liberal, os odios das chamadas classes conservadoras, que sabemos o que são, em toda a America latina. Parece que ha uma fatalidade para os chefes de estados libertadores: Alexandre II da Russia, despedaçado pelas bombas nihilistas, Maximiliano fuzilado, Lincoln assassinado, e

D. Izabel do Brazil exilada. O martyrio é a consagração dos grandes feitos em prol da humanidade! No Mexico, o sentimento monarchico é irresistível. Não póde restaurar a monarchia mas tem tornado impossível a republica.

Porque no Mexico não ha, não houve, nem ha de haver republica. O notavel escriptor americano Gronlund diz que, se os Estados Unidos, na, epocha da sua independencia, tivessem encontrado um príncipe inglez, como o Brasil encontrou um príncipe portuguez, a monarchia se teria estabelecido nos Estados Unidos (1). E o tempo teria feito d'esta monarchia um regimen bem differente do regimen de oppressivo monopolio e de "cruel plutocracia que é hoje a essencia mesma do governo norte- americano. Se se pôde dizer isto dos Estados Unidos, com muito mais razão se dirá o mesmo do Mexico.

(1) Gronlund, *Co-operative Commonwealth*, Lon-don. 1891. Swan & Sonnenschein, Pag. 157.

A Republica, no Mexico, como n'ou-tros paizes da America latina nunca será uma cousa impessoal; a republica ahi será sempre um homem. Foi Juarez, homem representativo, homem que representou o odio ao estrangeiro. Ora, o odio póde destruir; o odio póde ser a verdadeira expressão do sentimento nacional n'um momento dado, mas o odio não cria cousa alguma. Augusto Comte tem uma das suas intuições geniaes, quando quer que as sociedades humanas tenham o amor por base. Só o amor é creáador. Por isso Juarez nada creou. Don Sebastian Lerdo de Tejada, ministro e successor de Juarez, foi uma transição entre a politica do odio indígena e a concepção juristica da sociedade. Homem de lei, jurisconsulto pretendeu pôr tudo em artigos de codigos. Espiava-o o militarismo, sorto comum e inevitavel de toda a America Iberica. Deposto e expulso Lerdo, pelo general Diaz, voltou o Mexico ao militarismo systematico. O general

Diaz e o general Gonzalez revezam-se, ha vinte e tantos annos, no poder, e o poder d'elles é praticamente absoluta. A constituição, copiada da constituição, americana, dá ao presidente quasi todos os poderes. O congresso é nada, as eleições uma farça.

O furor imitativo dos Estados Unidos tem sido a ruina da America. Pericles no seu celebre discurso do Ceramico, disse: «Dei-vos, ô athenienses, uma constituição que não foi copiada da constituição de nenhum outro povo. Não vos fiz a injuria de fazer, para vosso uso, leis copiadas de outras nações». Ha muita grandeza na exclamação do genio grego. Ha uma presciencia de tudo. quanto descobriu a sciencia social moderna que, afinal, se póde resumir n'isto: As sociedades devem ser regidas por leis sahidas da sua raça, da sua historia, do seu character, do seu desenvolvimento natural. Os legisladores latino-americanos têm uma vaidade inteiramente inversa do nobre orgulho

do ateniense. Gloriam-se de copiar as leis de outros paizes!

Todos os paizes hespanhoes na America, declarando a sua independencia, adoptaram as formulas norte-americanas, isto e, renegaram as tradições da sua raça e da sua historia, sacrificando ao principio insensata do artificialismo politico e do exotismo legislativo.

O que colheram d'esse absurdo, diz a triste historia hispano-americana deste seculo. O Brazil, mais feliz, instinctivamente obedeceu á grande

lei de que as nações devem reformar-se dentro de si mesmas, como todos os organismos vivos, como a sua propria substancia, depois de já estarem lentamente assimilados e incorpora dos á sua vida os elementos exteriores que ella naturalmente tiver absorvido. No Brazil tivemos a independencia, facto logico do desenvolvimento da sociedade colonial; a monarchia mantida foi o respeito da tradição e a conservação do paiz

na sua indole historica que ninguem póde mudar. O constitucionalismo e o systema parlamentar adoptados foram, até certo ponto, uma revivescencia do passado, uma reproducção das côrtes lusitanas, e cousa. que muito se harmonisava com a orga-nisação quasi espontanea, mas sempre representativa, e mais poderosa do que se julga, dos governos mu-nicipaes e locaes da colonia.

As idéas liberaes do seculo, consagradas nas instituições coevas da independencia acharam uma base historica em que se firmaram. E isto deu ao Brazil setenta annos de liberdade.

Mais tarde, foi em 1889 commet-tido no Brazil o mesmo grande erro em que os hispano-americanos tinham caído no primeiro quarto do seculo, isto é, quando artificialmente se quiz impor ao Brazil a formula norte-ame-ricana.

A perda da liberdade foi a consequencia immediata, fatal, da desgra-

cada idéa. E nós, tardiamente, fomos tomar parte na fastidiosa e desalentadora tarefa em que vivem, ha noventa annos, os hispano-americanos, isto na longa, vã, tormentosa, sangrenta e já degradante e inutil tentativa, quasi secular, de querer implantar na America latina as instituições de uma raça estranha.

O grande orador americano Henry Cáy fallava, uma vez, em 1818, no congresso americano em favor das colonias hespanholas revoltadas contra a metropole: «Acredita-se geralmente em nosso paiz que os sul-americanos são muito atrasados e supersticiosos para se constituírem em nações livres. E' uma injustiça. E a prova de que elles não estão tão atrasados é que estão adoptando as nossas instituições e as nossas leis». (1) O insigne historiador Von Holst diz que Clay affirma um contrasenso; porque

(1) Henry Clay, *Speeches*, vol. I, pag. 89 e 90.

esta imitação servil, essa sim, é prova de incapacidade. (1)

O Mexico copiou pois a constituição norte americana. Uma disposição constitucional disia mais que o presidente era inelegível para o período presidencial immediato à sua presidencia. D'ahi o hybrido e, inunora-lissimo pacto de Diaz e de Gonzalez. Diaz elege Gonzalez com a condição de Gonzalez eleger de novo a Dias, E isto dura ba mais de vinte annos. Agora, parece que Diaz não quer largar, e já fez reformar a constituição, revogando a incompatibilidade, vae-se fazer reeleger, a Gonzalez vae ficar logrado. Falla-se já em revolução gonzalista, e o estado de sitio funciona no Mexico com a mais invejavel regularidade.

Eis-ahi o serviço que os Estados Unidos prestaram ao Mexico livran-do-o de um governo que, embora in-

(1) Von Holst. *Constitutional history of the U. S.* vol. I, pag.. 415.

criminado do estrangeiro, foi o mais brando, o mais civilizado, n'uma palavra, que jamais teve aquelle desgraçado paiz. E não se limitaram a isso os bons officios da irmã republica. Depois de haver retalhado o territorio mexicano em 1848, e sobretudo depois da victoria definitiva da republica no Mexico, os Estados Unidos constituíram sobre aquelle paiz um verdadeiro protectorado, que mexicanos imprevidentes foram ac-ceitando, sem ver que era a ruina e o descredito da sua patria. O duum-virato Diaz-Gonzalez attrahiu para o Mexico uma nuvem de aventurei-ros que patrocinados pela legação americana, apresentavam-se querendo concessões e privilegios, que lhe eram dados a troco de favores pes-soaes. de acções beneficiarias e de outras mil fórmas da fraude financeira. O Mexico, a pretexto de armarem-no com todos os instrumentos modernos de progresso, foi a presa submissa e opima dos americanos. Tudo foi ali

objecto de privilegio, tudo motivo para concessões com garantias de juros e outras vantagens onerosas para o thesouro. Os concessionarios corriam para New-York, e na bolsa de Wall Street obtinham dos incautos o dinheiro que desejavam. Quer imperasse Diaz ou reinasse Gonzalez o methodo era sempre o mesmo. Muitas vezes, membros do governo de Washington eram socios d'essas ali-cantinas, e se o governo mexicano fazia alguma pequena difficuldade em entregar o dinheiro, logo agia sobre elle a pressão diplomatica Diaz e Gonzalez amontoavam grandes fortunas e Washington rejubilava. Os jornaes americanos annunciavam com enthusiasmo os progressos da iniciativa americana, dizendo que a conquista financeira do Mexico era apenas o preludio da conquista politica que mais tarde viria. N'esse tempo, o illustre Lerdo de Tejada que vivia em New-York exilado, dizia a quem es-creve estas linhas: «Os generaes me-

xicanos, no meu tempo, roubavam nas estradas; agora roubam nas companhias. E' um progresso». A principal figura d'esta roubalheira, figura pouco sympathica, mas. parece que um pouco innocente nesses crimes, foi o general Grant. Aquelle soldado feliz era um homem de curta intelligencia, ignorante em materia de negocios e, em todo o caso, um individuo sem grandes delicadezas. Logo que se tratava de um assalto qualquer ás piastras mexicanas, o iniciador da idéa fa ter com o general Grant, e este logo dava-lhe o seu nome. o seu prestigio e a sua influencia. Chegou então ao auge a jogatina e a immoralidade. O Mexico, a pretexto de applicação no seu solo de capitaes *yankees*, era praticamente governado pela legação americana. O Mexico deixou de ser dos mexicanos. Alguns patriotas protestavam ; mas os generaes Diaz ou Gonzalez dispunham logo do recurso de prender os patriotas e de proclamar o

estado de sitio. O illustre orador, o notavel poeta do Mexico, o snr. Al-tarnirano, no meio do abaixamento geral, ergueu, contra a aliiança americana, a sua voz eloquentíssima: «Não!» bradava elle no congresso «mil vezes a nossa pobreza antiga do que a ignominia que presenciamos.. O leão mexicano era livre na liberdade ampla dás nossas serranias. O estrangeiro desleal e corruptor tem-no agrilhado, e julga-se ainda seu bem feitor, dizendo que são de oiro as cadeias com que o subjuga! Não! *Vincula quamvis aurea tamen vincula sunt!* Emquanto esta voz illustre se levantava no Mexico, em New-York n'um grande banquete de confrater-nidade (financeira já se vê) entre figurões americanos e notaveis mexicanos, banquete presidido pelo general Grant, o snr. Evarts, um dos mais conhecidos estadistas americanos» antigo secretario de estado, usava de linguagem que bem justificava a indignação patriótica de Altamirano.

O snr. Evarts passava por ser o homem mais espirituoso dos Estados Unidos, mas, muitas vezes, apesar de homem letrado, tocava as raías da vulgaridade. Isto é muito commum nos Estados Unidos. Ha ahi muita gente com reputação de espirituosa, mas n'aquelle páiz que, tendo tido a honra de ser a patria de Edgar Poë, deixou-o morrer na miseria e no des- prezo geral, negando-lhe até hoje um monumento, as çhocarrices dos *pro-fissionat wits* ou espirituosos de profissão, são muita vez acolhidas com entusiasmo. Eis o que dizia o sr. Evarts, entre as gargalhadas *dos yankees*, e os sorrisos, amarellos, dos mexicanos: «A doutrina de Monroê e por certo uma boa causa, mas, como todas as cousas boas antiquadas, precisa de ser reformada. . Essa doutrina resume-se nesta phrase: A America para os americanos. Ora, eu proporia com prazer um addi- tamento: Para os americanos, sim senhor, mas, entendamo-nos, para os

americanos do norte (*applausos*). Comecemos pelo nosso caro vizinho, o Mexico, de que já comemos um bocado em 1848. Tomemol-o (*hilaridade*). A America Central virá depois, abrindo nosso appetite para quando chegar a vez da America do Sul. Olhando para o mappa vemos que aquelle continente tem a fórma de um presunto. Uncle Sam é bom garfo; ha de devorar o presunto (*appkmsos e hilaridade prolongada*). Isto é fatal, isto é apenas questão de tempo. A bandeira estrellada é bastante grande para estender a sua sombra gloriosa de um oceano a outro. Um dia ella fluctuará unica e ovante do polo norte ao polo austral.»

Commentarios são estes do sentimento geral do povo americano.

Em 1836 no congresso americano, exclamava o senador Preston:

«A bandeira estrellada não tardará em fluctuar sobre as torres do Mexico, e d'ali seguirá até ao cabo Horn,

cujas ondas agitadas são o unico limite que o *yankee* reconhece para a sua ambição.»

Continuava, porém, no Mexico a orgia dos melhoramentos.

A repartição mexicana de estatística começou a ser de uma phanta-sia e de uma imaginação pasmosas. Concessão de caminho de ferro que fosse objecto de um decreto do executivo era immediatamente inscripta nos relatorios e nos outros documentos officiaes, não como um simples acto legislativo, mas como uma realidade effectiva. Eram mais tantos e tantos milhares de kilometros de linha que se davam como feitos, e que os map-pas do governo, destinados ao estrangeiro, traçavam orgulhosamente em longos riscos multicôres. Qualquer tentativa de uma nova industria, de uma cultura estranha era immediatamente

classificada como uma fonte já creada e abundante de riquezas immensas. Foi então que no Brazil houve ingenuos que começaram a se inquietar com a grande baléla do café do Mexico, e foi depois de ler algumas d'aque]las estatísticas ultra-phanta-sistas, que o sr. Quintino «Bocayuva fez propaganda republicana n'uns artigos com este titulo: *Olhemos para o Mexico*. Muita outra gente quiz, mais ou menos por esse tempo, que os brasileiros olhassem tambem para a Republica Argentina, e viajantes boçaes que d'ali vinham, depois de curto passeio, vinham republicanos. Tinham visto os restaurantes luxuosos de Buenos Ayres, admirado as carruagens das *cocottes* e dos empregados publicos prevaricadores, tinham contemplado a architectura riquíssima dos bancos sem ver a fraude e a ruina que lá iam por dentro. Voltavam para o Brazil, e vendo os nossos ministros e parlamentares andando de bond, vendo os modestos edificios

dos nossos bancos (então ainda acreditados), concluía que o Brazil era um paiz atrasado e que a culpa era da monarchia.

E', porém, muito grande a força das cousas. Antes de rebentar a fallencia fraudulenta, não da Republica Argentina, mas dos maus governos d'aquelle bello paiz, terminou escandalosamente o consorcio financeiro do Mexico e dos Estados Unidos. Partiram as primeiras reclamações dos pobres accionistas defraudados; os infelizes que contribuíram para as extraordinarias empresas pomposamente patrocinadas pelos generaes de uma e de outra republica, começaram a perceber, embora tardiamente, que tinham sido atrozmente espoliados. As minas nada rendiam, as terras concedidas eram llanos estereis, serras inacessiveis ou pantanos e mangues pestilentos nas costas inhospitas do golpho ou do Pacifico. E n'essas phantasticas creações, nos ordenados das directorias, nos esti-

pendios á imprensa, nas remunerações a funcionarios mexicanos e a diplomatas dos Estados Unidos, escoaram-se, volatilisaram-se os milhões de dollars subscriptos. O grito das victimas foi medonho. A principio, o grande prestigio do general Grant foi um dique que por algum tempo conteve a onda da indignação que a final irrompeu por toda a parte, nos *meetings*, na imprensa e nos tribunaes de New-York. A celebre empreza do caminho de ferro do Tehuantepec foi declarada em íallencia; os bancos suspenderam pagamentos, houve suicidios entre os figurões compromettidos, um filho de Grant foi arrastado aos tribunaes, e o pobre general soffreu grandemente na sua popularidade, quando o seu nome se achou envolvido em tantos litígios escandalosos. A maior parte dos decantados melhoramentos do Mexico ficaram adiados indefinidamente, o thesouro d'aquella republica saiu arrebetado da lucta, mas, continuando debaixo do dominio

de Diaz e de Gonzalez — o Mexico é ainda hoje uma victima, depauperada, da amisade e da fraternidade norte-americana.

Esta rapida exposição demonstra o que é a fraternidade dos Estados Unidos para os paizes latinos. Vimos o Mexico; vamos agora á America Central.

«Está no destino de nossa raça», dizia na sua mensagem de 7 de janeiro de 1857 o presidente Bucha-nan «o estender-se por toda a America do Norte, e isto acontecerá dentro de pouco tempo se os acontecimentos seguirem o seu curso natural. A emigração seguirá até ao sul, nada poderá detel-a. A America Central, dentro de pouco tempo, conterà uma população americana, que trabalhará para o bem dos indi-

genas. O senador G. Brocon em 1868: «Temos interesse em possuir Nicaragua. Temos manifesta necessidade de tomar conta da America Central, e, se temos essa necessidade, o melhor é irmos já como senhores áquellas terras. Se os seus habitantes quizerem ter um bom governo, muito bem e tanto melhor. Se não quizerem, que vão para outra parte. Vão-me dizer que ha tratados, mas que importam os tratados se temos *necessidade* da America Central? Saiba-mo-nos apoderar d'ella, e se a França e se a Inglaterra quizerem intervir, avante ó doutrina de Monröe!.

A extraordinaria historia do flibusteiro Walker é das que melhor pintam a má fé norte-americana e o desprezo profundo que os governos dos Estado Unidos têm pela soberania/ pela dignidade e pelos direitos das nações latinas da America. Houve um momento em que os americanos julgaram chegada a occasião de conquistar a America Central. Tendo

já conquistado metade do Mexico, a conquista da America Central deixaria o que hoje resta do Mexico independente, apertado entre dois territorios americanos, isto é, fadado a uma absorpção rapida. Um aventureiro, William Walker, saiu em 1853 de S. Francisco, á frente de um pequeno exercito de bandidos, formado debaixo das vistas protectoras das auctoridades americanas. Este bando armado invadiu o territorio mexicano de Sonora, e Walker proclamou-se presidente do novo territorio, annexando-o por sua propria auctoridade aos Estados Unidos. Teve, porém, de desistir do seu proposito e de ren-der-se ás auctoridades federaes americanas de San Diogo, que o tiveram de julgar pelo crime commettido e pela quebra da neutralidade, mas que, como era de esperar, absolveram-no. Por esse tempo, na infeliz republica de Nicaragua tratava-se de uma eleição presidencial, o que nas republicas hispano-americanas é synonymo

de guerra civil. Estavam em campo dois candidatos, generaes, já se vê, por signal chamados, um Castellon e outro Chamarro. Mais, ou menos eleito Chamarro, foi meio deposto por seu rival Castellon que, para fortalecer a sua situação teve a idéa desastrada de convidar a Walker a vir' ao Nicaragua ajudal-o a defender a constituição e o principio da auctoridade. Walker formou novo exercito, e partiu de S. Francisco em maio de 1855.

Immediatamente, o ministro de Nicaragua em Washington, o sr. Marco-leta, queixou-se energicamente, mas o Secretario d'Estado Marcy fingiu ignorar o caso e não attendeu ao reclamante. Logo teve logar a primeira *batalha*. Os nicaraguenses alliados de Walker parece que fugiram aos primeiros tiros, mas os 56 americanos que elle commandava levaram tudo de vencida, dando a Walker um immenso prestigio. Logo depois, outras victorias do mesmo teor em

Bahia das Virgens, San Juan del Sur e Rivas, e sem resistencia, Walker entrou em Granada. A cidade foi saqueada durante tres dias, e Walker tendo feito uma proclamação garan-tindo a vida dos moradores, os principaes d'estes voltaram ás suas casas, e foram fuzilados sem demora nem processo. O ministro americano Wheeler, que estava feito com Wai-ker, empenhou-se sobretudo para que apparecesse um cidadão importante chamado Mayorga, a quem deu todas as garantias, dizendo-lhe que ficava debaixo da protecção da bandeira estrellada dos Estados Unidos. Mayorga caiu na armadilha, e o ministro americano entregou-o a Walker, que o fuzilou logo com muitos outros cidadãos de Nicaragua. (1) Walker arranhou logo uma especie de tratado de paz com um general Corral, e fez presidente nominal da

(1) *Walker on Nicaragua*, pag. 6, Cojutepec, 1866.

republica a D. Patrício Rivas que, sob a pressão do medo, logo que pôde, fugiu das mãos de Walker, no que andou com prudencia, porque dias depois o general Corral (outro protegido da legação americana) foi fuzilado. Walker ficou senhor absoluto do paiz, e a 12 de julho de 1856 proclamou-se dictador, tendo já o seu embaixador Vigil sido recebido solemnemente pelo governo de Washington a 12 de maio do mesmo anno. A 22 de setembro Walker expediu um decreto restabelecendo a escravidão no Nicaragua. A escravidão havia sido abolida ali havia trinta e dois annos. Grande parte da imprensa americana e a maioria do congresso saudou com jubilo este decreto escravagista. As outras nações da America Central reconheceram o perigo, declararam guerra a Walker, que começou a receber, grandes recursos dos Estados Unidos. A guerra seguiu com varia sorte. Walker incendiou completamente a cidade de

Granada e recolheu-se a Rivas, praça que se rendeu ao general Mora em 1 de maio de 1867; e graças á intervenção do capitão Davis, comandante do navio de guerra, americano *Saint Mary's*, Walker pôde escapar, refugiando-se com o seu estado maior e 260 soldados a bordo do mesmo navio de guerra, que os transportou para Nova Orleans, onde foram recebidos no meio de applausos populares. (1)

(1) Haydn's, *Dictionary of Dates*, 1889, pag. 635.

O relatório do ministro da marinha Toucey em 1857 falla a respeito do asylo concedido a William Walker nos seguintes termos:

Julgou o governo necessario, como medida de humanidade e de politica, dar instrucções ao commodore Mervine (chefe da divisão naval), no sentido de facilitar ao general Walker e aos seus companheiros, no caso d'ellea a solicitarem, a retirada de Nicaragua. A acção do commandante David, facilitando por meio do navio *Saint Mary's* a retirada de Nicaragua ao general Walker e aos seus soldados, foi pois approvada por este ministerio.»

Inglez: «It was deemed necessary, as a measure of humanity and policy, to direct commodore Mervine to give general Walker and such of his men, as were willing to embrace it, an opportunity to retreat from Nicaragua. And the action

Em New-York houve um *meeting* em honra e favor de Walker. O presidente dos Estados Unidos, Bucha-nan, mandou um telegramma encomiastico a respeito de Walker, dizendo «que os heroicos esforços de Walker excitavam a sua admiração e a sua solicitude». (1)

Em Nova Orleans, sempre com a benevolencia do governo de Washington, começou o aventureiro a organizar outra expedição. Denunciado pelos agentes diplomaticos centro-americanos, foi preso, sendo, porém logo solto mediante pequena caução.

Equipando o navio *Fashion*, partiu a 11 de novembro para Punta Arenas, onde desembarcou com 400 homens, sem que se oppozesse a isto

of commander Davis, so far as he aided general Walker and his men, by the use of the *Saint Marv's* to retreat from Nicaragua, was approved by this Departement.»

Congressional Globe, part. I, 1.st session, 35. congrega, 1857 • 1858, pag **856**.

(1) Von Holst, *Constitutional History of the United States*, 1856 - 1859, pag. 160.

o *Saratoga*, vaso de guerra americano. O capitão Paulding, da marinha americana, chegando depois, obrigou Walker a render-se e trouxe-o para New-York. Walker foi entregue ao» tribunaes, mas estes não o processaram, sendo, porém, processado e reprehendido o capitão Paulding, por ter excedido as suas instrucções e ter contrariado o governo de Washington, declarado protector de Walker. Em agosto de 1860, Walker desembarcou em Truxillo (Honduras), apo-derou-se da fortaleza e saqueou a cidade. O capitão Salmon, comrnandante do *Icarus*, navio de guerra in-glez, intimou Walker a restituir a propriedade roubada. Walker recusou e fugiu. Foi perseguido, apanhado, o governo de Honduras, fêlo julgar e fuzilar (1) o desastre final de Walker produzia indignação noa Estados Unidos. Quizeram fazer d'elle um heroe

(1) Haydn's, *Dictionary of dat*, es 1889, ibidem.

sublime. O poeta Joaquim Miller exal-tou-o e
atribuiu-lhe:

A piercing eye, a princely air A
presence like a chevalier Half angel,
half Lucifer.

Quem ha, versado na historia la-tino-americana, que não tenha na lembrança o barbaro bombardeamento de S. João de Nicaragua (Greytown) em 1854? O commandante de um vapor americano matou cruelmente com um tiro de carabina, á entrada d'aquelle porto, o patrão de um barco de pesca. As auctoridades exigiram a entrega do criminoso. O ministro americano oppoz-se; houve manifestações de desagrado ao ministro, e tanto bastou para que os Estados Unidos mandassem a Nicaragua a corveta *Cyane*, que exigiu todas as reparações, o pagamento de uma longa lista de pretendidos pre-juízos soffridos por americanos, e

30:000 dollars de indemnisação ao ministro, pelas assuadas. Isto sob pena de bombardeio em vinte e quatro horas. A população, julgando que o caso se limitaria a algumas bombas arremessadas contra a pequena cidade, que apenas contaria umas quinhentas casas, retirou-se para o interior. O commandante do vaso de guerra inglez *Bermuda* protestou solemnemente, declarando que só a fraqueza do seu navio impedia-o de oppor-se pela força ao bombardeio. No

dia seguinte, depois de atirar algumas bombas, o commandante operou um desembarque, e as suas tropas incendiaram todas as casas. A cidade ficou inteiramente destruída, e o prejuízo causado a estrangeiros pela destruição de mercadorias subiu a mais de 2.000:000 de dollars. (1)

(1) Calvo, *Traité theorique et pratique de droit international*.

Von Holst, vol. IV, pag. 11.

Na grande obra do sr. Calvo a data do bombardeio é dada como em 1834, e n'outra sua obra

Este crime não teve outra punição além do justo estyigma da historia.

Quando a Inglaterra começou a se apoderar dos territorios que cercam Belise e das ilhas Honduranas que constituem hoje o Honduras inglez, a pobre republica de Honduras em vão appellou para a protecção do governo de Washington, allegando contra a violencia que lhe era feita a doutrina-de Monröe.

N'esta questão da Centro-America, longe de se oppor á intervenção eu-ropêa, o governo americano solicitou até a interferencia da Inglaterra no assumpto pelo tratado de 19 de abril

como em 1835. Erros de revisão d'esta ordem são numerosos nas preciosas e utilíssimas compilações do sr. Calvo. For isso é preciso um certo cuidado com as informações que ellas nos fornecem, sendo sempre bom ir verificar as fontes citadas que, sendo numerosíssimas, nem todas podêram ser convenientemente resumidas pelo auctor. Assim, o sr. Calvo não falla do protesto, importantíssimo alias, do commandante do Bermuda, e é de estranhar que episodios da importancia das expedições Walker não sejam, sequer tratados pelo escriptor argentino.

de 1850, conhecido pelo nome de tratado Clayton-Bulwer. Por esse tratado os Estados Unidos associaram-se á monarchia europêa para regularem a construcção e a neutralidade do projectado canal de Nicaragua. E, cousa notavel, uma das consequencias d'este tratado foi os Estados Unidos reconhecerem solemnemente' o domínio inglez no Honduras em detrimento das republicas hespanholas no Centro America. Na clausula 1.^a d'este tratado os dois governos concordavam que nem um nem outro poderia occupar, fortificar, colonisar ou assumir ou exercer qualquer domínio sobre Nicaragua, Costa Rica, a Costa dos Mosquitos ou qualquer parte da America Central.

Em 29 de junho de 1850 o minis-tro inglez em Washington, sir Henry Lytton Bulwer, declarava que o governo inglez excluía d'aquella clausula os estabelecimentos inglezes do Honduras, e a 4 de julho o secretario d'estado annuia n'uma nota ad-

mittindo que ficavam fóra do tratado os estabelecimentos, ingleses no Honduras. (1)

Só em 1855 o ministro americano em Londres, Buchanan, solicitou que a Inglaterra abandonasse a ilha de Ruatan e outras de que a Inglaterra se tinha apoderado na costa do Honduras, assim como o territorio entre os rios Sibun e Sarstoon, e que a possessão ingleza de Belise se limitasse á parte dos tratados anglo-hespanhoes de 1783 e 1786, e que a Inglaterra abandonasse a Costa dos Mosquitos. Lord Clarendon, ministro dos negocios estrangeiros da Inglaterra, repondeu com uma redonda negativa. E Monröe? (2)

(1) Hertslet, *A complete collection of treaties, etc.* vol. VIII, pag. 969 e vol. X, pag. 645. . (2) Elisée Réclus, *Geographie Universel*, tomo XVII pag. 484, diz: «La côte dite de Mosquitia ou des Mosquitos fut revendiquée par le gouvernement anglais, et si les États Unis n'étaient intervenus, tout l'espace compris entre la rivière de Nicaragua et la baie da Honduras serait devenu territoire britannique comme l'est actuellement le

Quando se formou na Europa, com sede em França, a mallograda companhia do canal interoceânico, que obteve uma concessão do congresso colombiano, o governo de Washington saiu-se logo com a doutrina de Monröe, fazendo um terrível escarcéu. O velho Lesseps, porém, foi de Panamá a New-York, foi a Washington e, como por encanto, toda a opposição

pays de Belize. En vertu de la doctrine de Mon roe, l'Amerique reste aux Américains et le littoral de la mer des Caraïbes est restitué à la République du Nicaragua».

Esta afirmação do illustre geographo é inteiramente falsa. A intervenção dos Estados Unidos foi seguida da negativa de Lord Clarendon. Em 1860, pelos tratados de 28 de janeiro e 11 de fevereiro, assignados em Managua, a republica de Nicaragua fez muitas concessões á Inglaterra quanto ao transito do isthmo, e cedeu á republica de Nicaragua o protectorado da Costa do Mosquito.

Em troca de concessões analogas feitas pelo-Honduras, a Inglaterra reconheceu, com varias res-tricções, o domínio d'essa republica sobre as ilhas do Honduras pelo tratado de 28 de novembro de 1859.

Nos Estados Unidos esses tratados foram considerados como victorias da diplomacia ingleza e foram muito atacados, prova de que não foram celebrados, graças aos Estados Unidos, como diz o ar. Béclus.

cessou por parte da secretaria distado. Annos depois, tudo isto ficou explicado por occasião do celebre processo de Panamá, e soube-se porque as influencias americanas, os homens do governo de Washington deixaram de lado Monröe e a sua doutrina. No processo de Panamá verificou-se que milhões de francos foram mysteriosamente gastos para acalmar escrupulos e para suavisar a doutrina de Monröe. Eis qual tem sido o papel dos Estados Unidos em relação á grandiosa idéa do canal interoceanico. Aquelle paiz tem empregado toda a sua influencia para atrazar e embaraçar por todas as fórmulas a grandiosa empreza, promet-tedora de benefícios para a humanidade, e isto para não prejudicar as companhias dos caminhos de ferro transcontinentaes. É mais um serviço, que lhe devem a Colombia, o Equador, o Peru, a Bolivia e o Chile, paizes cuja prosperidade tanto necessita do canal de Panamá.

Quando em 1888 a esquadra italiana ameaçou os portos da Colômbia e do Equador, exigindo violentamente satisfações e indemnisações, que protecção ás suas irmãs violentas deu a república norte-americana ?

Quer-se apresentar o governo americano aos brasileiros como o grande amigo das nações d'este ontinente, como o seu protector nato, e no furor d'isso demonstrar, há jornaes brasileiros, de tão atrophiao pratriotismo, que chegam a collocar o Brazil como que debaixo do protectorado americano, fazendo do Rio de Janeiro o vassallo e de Washington o suzerano. É contra esta falsa idéa, contra este aquecimento do pundonor nacional, que queremos reagir, relembrando aos nosso compatriotes o que tem sido a politica americana.

Para o Mexico, ella tem sido um algoz e para a America Central um inimigo.

Continuemos agora a ver o que os Estados Unidos têm feito contra outros paizes, sem esquecer a pobre republica do Haiti, a quem os Estados Unidos tanto tem atormentado, a pretexto de indemnisação por prejuízos soffridos por americanos, nas muitas revoluções haitianas. Haiti e S. Domingos, já têm sido varias vezes ameaçados por navios de guerra da união americana, sempre a pretexto de indemnisações reclamadas. E aquelles pobres paizes julgavam-se isentos d'estas reclamações; todos os seus governos tinham de certo, cautelosamente, expedido decretos dizendo de antemão que não se respon-sabilisavam pelos prejuízos que as suas revoltas cousassem tanto em terra como. no mar !

Nao é tão grande como se pensa no Brazil o empenho que têm os

Estados Unidos de que a Europa não possua territorios na America.

A Dinamarca já lhes quiz ceder a ilha de S. Thomaz; os habitantes acceitaram a idéa, mas os Estados Unidos recusaram. No momemto dominava n'aqueile paiz uma politica de retrahimento, reacção do período anterior das invasões do Mexico e da America Central. O presidente Grant mostrou-se disposto a adquirir Cuba, e hoje, que es Estados Unidos pre-param-se com uma nova esquadra para fazer politica exterior (1), as vistas americanas são para outro porto das Antilhas, par o porto magnifico do Haïti, o Molhe S. Nicolas, cuja posse é exigida pela marinha americana para centro da estação

(1) A construcção desta esquadra foi ensejo para grandes escandalos administrativos entre o ministerio da marinha e os constructores. Ficou provado que os costructores e empregados superiores da marinha roubaram descaradamente o thezonro. Basta dizer que o governo pagon como encoura-çados navios qne não o são.

naval do golfo, e para dominar completamente a passagem dos estreitos antilhanos. O governo americano, n'estes ultimos tempos, tem já tido as necessarias *complicações* com o Haiti, desavenças preparatorias para a conquista, que em documentos officiaes já ultimamente tem sido aconselhada e reclamada.

Devemos, a respeito de Cuba, mencionar de passagem a expedição que fracassou em Round Island em 1849, a que foi batida em Cardenas em 1860, a de 1851, commandada pelo caudilho Lopez, que, batido, foi executado, com cincoenta dos seus companheiros (1).

Os patriotas cubanos que têm sonhado com a independencia da perola das Antilhas, pozeram a principio, grandes esperanças na doutrina de Monróe. Julgaram que os Estados

(1) Sobre esta expedição ler: *America y Espana*,. de D. José Ferrer de Couto, Cadiz. 1859.

Unidos não podiam deixar de prote-gel-os contra a metropole. Como po-deria a aguia americana consentir que, á sombra das suas azas pode-rosas, continuasse uma parte do livre solo americano debaixo do jugo hespanhol ? New-York, por muitas, vezes, tem-se tornado o quartel general dos conspiradores cubanos. A legação de Hespanha, em Washington, diversas vezes tem protestado contra a quebra das leis da neutralidade por parte do governo americano, que tem deixado organisarem-se verdadeiras expedições armadas contra b governo de Cuba. Qual tem sido o proceder do governo americano sem fallar na celebre expedição Lopez ? A principio, deixa que a conspiração gaste dinheiro em New-York, frete navios, compre armas, e á ultima hora vi-ra-se contra ella, a policia americana põe-se de accôrdo com o serviço de vigilancia mantido pela legação hes-panbola, e os pobres patriotas são burlados nas suas esperanças. Mais de

uma vez, às expedições têm chegado a sair de portos americanos, têm apor tado a Cuba e têm sido invariavel mente batidas pelos hespanhoes. Os patriotas cubanos, talvez injustamente, accusam sempre os seus auxilia res, americanos mercenarios, de traição. Uma vez, a tripulação inteira de um navio, composta de americanos, foi inexoravelmente fuzilada em Cuba e, apesar da emoção que este facto produziu nos Estados Unidos, o governo de Washington nem por isso tomou a defeza da causa da independencia cubana. Tem sempre abandonado esta causa, vendendo á Hespanha a posse indefinida de Cuba, a troca de favores commerciaes, isenções de direitos para productos americanos, etc, etc. O frio egoismbe o requintado machiavelismo não são, pois, o privilegio exclusivo da negregada diplomacia das côrtes européas. Ninguem ignora que a republica, então chamada da Nova Granada

(hoje Columbia), concluiu com os Estados Unidos um tratado a res-peito da construção de um caminho de ferro no isthmo de Panamá, o mesmo caminho de ferro que mr. de Lesseps comprou depois por vertiginosa quantidade de milhões, por conta dos pobres accionistas da companhia do Canal.

Fez-se o caminho de ferro, e Panamá tornou-se um lugar de um transito espantoso. Transito do ouro que vinha da California e de americanos que iam para a Califórnia. Do ouro nada ficava em Panamá, mas dos americanos alguns ficavam, e estes exerciam diariamente a sua brutalidade contra os pobres habitantes, desgraçados *south americans* destinados a succumbir ao contacto do *yankee*. No dia 15 de Abril de 1856 as provocações americanas cansaram a paciencia dos naturaes de Panamá. Os americanos começaram a fazer fogo de revolver contra os passantes, estes reagiram a pedra, depois a tiro.

N'uma palavra, houve um tumulto enorme e muitos mortos de parte a parte. Resultado: intervenção ame-ricana, intimação para o governo do isthmo ser independente de Bogotá (isto é, entregue aos *yankees*) e 400:000 dollars de indemnisação.

Quem, porém, devia pagar as vidas dos neo-granadinos, tirados pelo americanos, e as suas casas incendiadas por estes? Veiu o costumado *ultima-tum* e o governo de Bogotá deu-se por muito feliz por ter sómente de pagar a exorbitancia que lhe era exigida pela força e contra todo o direito. (1)

Os Estados Unidos têm muitas relações com o Peru, e estas relações não têm trazido grandes benefícios para esta republica latina.

(1) Vide Nueva Granada y los Estados Unidos de America, *Final contestacion diplomatica*. Bogotá, 1857; *Manifiesto dirigido á la nacion por algunos representantes sobre el convenio Her-ran — Cass*. Bogotá, 1858,

A republica do Peru soffreu tam bem violencias americanas.

Durante uma das muitas revoluções d'aquelle paiz, varios navios americanos, entre outros a *Lizzie Thompson* e a *Georgiana*, aproveitando-se do facto dos navios de guerra peruanos estarem com os revoltosos, empregaram-se activamente no contrabando do guano contra disposição

expressa das leis peruanas. Os navios de guerra revoltosos entregaram-se ao governo, facto que deu muito prestigio ao principio da auctoridade e consolidação da republica no Peru, que depois d'isso (1860) tem gosado de inalteravel felicidade de riqueza e poderio, como sabemos. Um d'esses navios revoltosos, o *Tumbes*, logo que voltou ao serviço da legalidade, aprisionou, como era direito e dever do governo peruano, os navios contrabandistas. O que fez o governo de Washington ? Reclamou cada vez mais insolentemente, rompeu as relações diplomaticas, andou procurando nos

archivos quanta especie de reclamação havia, juntou tudo, lançou um *ultimatum*, e o pobre Perú teve de pagar. (1)

A historia ao Peru, depois do grande período tragico e heroico da conquista e depois de findo o dominio colonial, é bem simples. Tem sido setenta annos de, desgraça que transformaram a mais rica possessão da corôa hespanola n'um dos paizes mais pobres e infelizes do mundo. Quatorze lustros de regimen republicano! Houve, porém, um período de illusoria prosperidade, e é de estranhar que então alguem tambem não nos dissesse: *Olhemos para o Perú!* O grande período da nevrose e da megalomania financeira na Argentina, foi o período da grande importação do

(1) O direito do Peru é demonstrado á saciedade na correspondencia official, trocada a esse proposito entre os governos de Washington e de Lima. Vid. *Question between the United States and Peru. Diplomatic correspondence*. Lima, 1861.

oiro europeu, o período correspondente, no Brazil, foi o da fundação das finanças republicana, foi a epocha do papel. No Peru; a epocha póde ser chamada a epocha do guano.

Durante centenaes se não milha-res de annos, segundo os calculos do sabio Raymondi. os pelicanos do mar, as aves dos rochedos, as gaivotas das praias, revestiram as fraldas dos penhascos, as planuras e encostas dos ilhotes e das enseadas fragosas, de uma grande e profunda coberta del dejecções que constituíram uma enorme massa de materia alcalina e phosphatada com que a industria começou, ha uns trinta annos, a revigorar as terras exhaustas pelas culturas seculares. Para os valles da Virgínia depauperados pela esgotante cultura do tabaco, para os campos da Inglaterra e. da Allemanha, foi levado, em grandes carregamentos, o adubo salvador, comprado a peso de oiro no Peru. Isto que devia ser a riqueza da infeliz nação foi uma causa

de desgraça. O esterco, que ia ao longe fertilizar as terras estereis, serviu para activar a putrefacção do governo e do paiz todo. O guano foi declarado propriedade nacional e a sua extracção era objecto de concessões feitas a particulares. Os particulares eram, em regra, parentes ou amigos dos homens do governo, e tornavam-se, em todo o caso, seus socios. O thesouro recebia grandes proventos do guano, já em troca das concessões, já sob fórma de direitos de exportação. Foi n'esse tempo que o governo peruano viu-se prezo de um bem singular motivo de inquietação ou de susto, susto que parece ser proprio aos estadistas financeiros, em vespéras de grandes desastres. Tambem no Perú se perguntava na imprensa, no congresso, em conversas particulares: O que fazer dos saldos do thesouro ? Pergunta insensata !

Ha um conto oriental — do homem a quem o destino deu um milhão por

dia com a condição do homem gas-tal-o todo no tempo comprehendido entre duas auroras. A falta do cumprimento d'esta condição era a morte do infeliz. Prazeres, gosos, prodigalidades, tudo isto bastou, nos primeiros dias, para consumir o milhão diario. Em pouco tempo veio a fadiga, o esgotamento' e debalde trabalhava a imaginação do homem para achar o meio de esvasiar os ultimos saccos de oiro que ainda estavam cheios quando já alvorecia a aurora do novo dia. Appareceu o Anjo da Morte e an-nunciou ao desgraçado o seu fim. Lamentou-se o homem : Não consegui gastar o meu milhão ! E o Anjo da Morte respondeu-lhe : — E que tu esquecestes o unico meio que Havia para isso ! — Qual era ? — Fazer o bem!

Ora, os paizes, victimados pela superabundancia de dinheiro, só têm um meio de escapar a esse mal, aliás singularissimo. E fazer o bem. E ha

tantos modos de um governo ser bemfazejo ! Não fallamos de soccorros publicos, de grandes esmolas collecti-vas, de dinheiro distribuído pelos pobres ou pelos soldados, signaes certos estes do esphacelamento do character nacional, factos proprios das tyrannias expirantes e dos pretoria-nismos insaciaveis. A sciencia poli-tica caminhou desde a antiguidade. Hoje, o dinheiro publico, que vem do imposto, sendo mais do que é necessario para os serviços publicos, o que ha a fazer é pagar as dividas do estado, se o estado tem dividas. Se as não tem ou se não convem liquidal-as por qualquer rasão, não ha outro alvitre honesto senão a diminuição dos impostos.

Os Estados Unidos, ha bem pouco tempo, tinham um saldo embaraçoso, uma grande reserva metallica que muito deu que fallar. Por alguns annos prevaleceu, até certo ponto, n'esse particular, a politica honesta e sensata, de applicar esse saldo á

amortisação da dívida. Os proteccionistas não queriam consentir na diminuição dos impostos de entrada, que eram os que mais avolumavam a saldo. A tentação era, porém, muito grande e muito pequenos eram os escrúpulos dos políticos. Em pensões escandalosas, em subsídios injustificáveis foi malbaratado o saldo. Apareceu o déficit no orçamento. O thesouro, para favorecer os ricos proprietários das minas, continuou a permitir a livre cunhagem da prata, foi transformando um metal desvalorizado numa moeda também depreciada e, em virtude da celebre lei de Gresham — que a moeda depreciada faz emigrar a moeda de valor — o ouro emigrou para a Europa, e o país todo caiu na pavorosa crise económica em que hoje se debate, Sobrenadando no naufrágio os grandes capitalistas e os homens do monopólio, sendo, porém, a classe pobre, os operários, mergulhados na miséria a mais negra.

O Perú, dizíamos, achou-se em serias difficuldades diante de tanto dinheiro. Não lhe veio á mente a idéa de fazer o bem, que seria, no seu caso, o pagamento das dividas nacionaes ou a diminuição dos impostos. Por essa epocha, o ministro das relações exteriores mandou uma circular ás legações peruanas, ordenando-lhes que, convocando os principaes economistas dos paizes onde se achassem acreditadas, expozessem-lhes a situação financeira do Perú e pedissem áquelles luminares da sciencia conselho e opiniões para aquelle grave caso. O Perú soffria, o Peru ia morrer talvez e desesperado recorria á sciencia, perguntando-lhe quaes os remedios para o seu mal, para a terrível doença: a plethora de dinheiro. Variaram talvez os alvitres, mas a doença desapareceu por si, antes de ser applicado ao enfermo o receituário da douda faculdade. Dois generaes de boa vontade, os generaes Pardo e Prado, secundados

por outros collegas, por muitos coroneis e por um exercito todo met-tido a politico, acabaram com os saldos, e o Perú deixou de ser excepção na America hespanhola, ficou tão fallido como qualquer outra republica, dando-se a integralisação na quebradeira hispano-americana.

N'essa epocha dé desmoralisações administrativas que chegam até á legenda, foi grande no Perú a malefica influencia dos Estados Unidos. Os aventureiros americanos enchiam Lima. Como no México, esses aventureiros eram apresentados pela legação americana, por ella patrocinados, e o posto de ministro americano no Perú tornou-se muito lucrativo. De vez em quando, lá iam boas sommas em indemnisações a *yankees* concessionarios de guanos ou de qualquer outra cousa e que se pretendiam lesados pelo governo. Ora, esses movimentos de capitaes, não se dão sem deixar algumas aparas nas mãos da diplomacia de Washington. Fallava-se

tambem, ás vezes, em doutrina de Monróe, o que não impediu a Hes-panha de aggreder o Perú e o Chile, bombardear Valparaiso sem que. dos Estados Unidos partisse uma voz sequer em favor dos paizes victimas da violencia d'aquella nação européa. A esse proposito escrevia um illustre argentino:

«A doutrina de Monróe não convem á America do Sul, e o exemplo mais curioso que citei é o d'esse bombardeio de Valparaiso. A esquadra norte-americana dos mares do sul assistiu impassível ao bombardeio de Valparaiso, porque, em virtude da doutrina de Monroe, as potencias leuropêas ficam excluídas de toda a intervenção na America. Em virtude d'essa doutrina aquella esquadra deveria oppor-se ao bombardeio, mas para se oppor efficazmente ella precisaria do apoio das esquadras da França e da Inglaterra presentes no porto, e essas esquadras, ainda em virtude da tal doutrina, abstiveram-se

e deu-se o bombardeio. Por este exemplo vê-se de que utilidade póde ser a doutrina Monröe para a America, do Sul (1).

Voltemos, porém, ao Perú.

O guano foi diminuindo pouco a pouco.

(1) Alberdi, traducção de Th. Mannequim, Paris, 1866, *Antagonisme et solidarité des états orientaux et des états occidentaux de l'Amérique ate Sud*, pag. 155.

— Enquanto os Estados Unidos mostravam esta indiferença diante do assalto da Hespanha ás republicas do Pacifico, o Brazil monarchico, embora a braços com as difficuldades da guerra do Paraguay, respondia ao appello do Chile pela seguinte fórma:

«Correspondendo ao honroso appello do governo chileno, o governo de Sua Magestade o Imperador auctorisa o abaixo assignado a assegurar a v. ex.^a que, de perfeito accôrdo com as considerações exaradas por v. ex.^a, o governo imperial não va-cillará em prestar com o maior prazer o concurso dos seus bons officios e do seu apoio moral para que não prevaleçam princípios que offendam a autonomia e os legítimos interesses dos estados do continente sul americano,

Estas palavras são de uma nota dirigida a 7 de junho de 1864 a D. Manuel A. Tocornal, ministro das relações exteriores do Chile pelo conselheiro João Pedro Dias Vieira, ministro dos negocios estrangeiros do imperio.

O governo do Perú lançou mão do trabalho dos chins, reduzidos nas guaneiras, a verdadeiros galés e na realidade escravizados nas estancias e nas fazendas de assucar. Esse trafico de escravos amarellos era feito por umas casas americanas, e quasi sempre sob a bandeira estreitada que protegia a escravidão asiatica, já no Perú, já em Cuba. O porto de saída d'esses desgraçados era Macau. O governo portuguez começou a se impressionar com o escandalo, e o relatorio que Eça de Queiroz, consul de Portugal na Havana, apresentou ao governo demonstrando as monstruosidades commettidas contra os chins, appressou talvez o fechamento do porto de Macau á emigração chinesa, Houve americanos estabelecidos no Perú e ligados aos agricultores peruanos que se enfureceram com a suppressão do trafico amarello, e foi então que se organisou uma das mais hediondas emprezas de pirataria de que ha noticia. Foi armado

um grande navio, que saiu mar em fóra e demandou o pequeno grupo de ilhas perdido no oceano Pacifico conhecido pelo nome de ilha da Pas-choa, e que hoje foi annexado pelo Chile.

Essas ilhas, celebres pelos estranhos monumentos graníticos que lá deixou uma raça desaparecida, pelos vultos colossaes de pedra esculpida plantados nas encostas das montanhas, por uma civilização ignota, eram povoadas de polynesios, raça suave e inoffensiva, de uma innocencia paradisiáca, que o contagio exterminador do homem civilisado ainda não victi-mára. Os flibusteiros desembarcaram na ilha, mataram as creanças, os velhos, e quasi todas as mulheres, e acorrentaram e algemaram os homens validos que, atirados ao porão do navio, foram trazidos para o Perú como escravos. Quando a noticia d'es-te horrível attentado echoou na Europa, o governo inglez commoveu-se e ordenou ao ministro de Inglaterra

em Lima que informasse sobre o assumpto. Verificada a exactidão da noticia, o governo inglez exigiu inexoravelmente que os infelizes escura-visados lhe fossem entregues pelos cidadãos republicanos da America.

Recolhidos a bordo de um navio de guerra inglez, os desgraçados que tinham escapado á ferocidade americana, foram restituídos ás suas ilhas, devendo sua salvação ao espirito christão da Inglaterra, ás sociedades humanitarias composta de burguezes, de mulheres religiosas e de curas de aldeia, que n'aquelle paiz, que é o mais poderoso e livre do mundo, têm bastante influencia para mover a imprensa, a opinião e o governo em favor de uns míseros selvagens, perseguidos a milhares de leguas de distancia.

Era esta e originava factos d'esta ordem a situação politica e financeira do Perú, quando houve a guerra com o Chile. Depois da utilização das gua-neiras que estavam quasi esgotadas,

no extremo sul do paiz e na costa boliviana, descobriram-se, ou antes, começaram a ser utilizados, os chamados campos de nitrato de soda, isto é, grandes e espessas camadas d'es-sa substancia, provindas parece que de feldspathos decompostos pela acção das aguas thermaes e sepultados hoje nos areaes do deserto de Atacama. Esses nitratos são, como o guano, adubos de grande valor para as terras. Assim, aquella região de absoluta aridez, começou a dar a terras distantes a fertilidade que ella mesma não tinha. Affluiram para Ataca-ma os grandes capitaes e as grandes energias dos chilenos. A concorrência foi fatal a peruanos e a bolivianos. O Chile foi logo senhor da industria dos nitratos. Começaram as auctori-dades bolivianas a vexar por todas as fórmas fiscaes e administrativas os chilenos. D'aqui incidentes diplomaticos, conflictos, questões e, por fim, a guerra.

N'essa guerra havia: de um lado,

o pequeno exercito chileno triplicado pelo numero de voluntarios; do outro, havia dois exercitos desmoralisa-dos por longos annos de intervenções na politica, desorganizados pelos pronunciamentos, desprestigiados pelas confraternisações, aviltados pelas traições e pelas falsidades que são a sorte commun da vida de todo o exercito que se mette em politica. A victoria, ardua, gloriosa nas suas dificuldades, terrível nos seus effeitos, coroou a energia da administração chilena. A guerra estava a findar quando se deu a celebre intervenção norte-americana, episodio curiosíssimo da historia da America do Sul.

O ministro americano Hurlbutn era o legitimo representante dos interesses fundidos das casas americanas e dos políticos peruanos nos escandalos da exploração do guano e dos mil negocios que, á sombra da diplomacia norte-americana, tinham já arruinado o Perú, A victoria chilena era a desor-ganisação de toda aquella federação

de interesses e de corrupção. Era presidente dos Estados Unidos o general Garfield e chefe do gabinete ou secretario de estado, o famoso James C. Blaine.

Singular e estranha personalidade era a d'este quasi grande homem! Havia n'elle como que um ultimo alento do sopro heroico dos tempos da independencia e da grandeza intellectual dos estadistas americanos. Elle era uma especie de Hamilton, de Clay, de Webster, ou de Seward, mas era incompleto, era desigual e desequilibrado. Faltava-lhe a grandeza moral d'aquelles vultos ou talvez simplesmente a sua estrella. Na audacia, na vastidão dos seus projectos, era de um arrojo quasi genial. Na execução, os seus meios eram fracos, as suas hesitações eram longas, os seus recursos pareciam poucos, os seus alliados eram ignobeis, seus motivos dir-se-íam pessoaes e mesquinhos, talvez immoraes; a sua politica era tortuosa e a *mise en scene*, embora

espectaculosa, nunca deu-lhe, aos olhos dos seus compatriotas, senão esse prestígio incompleto, que sempre lhe bastou para dar-lhe a audácia dos grandes intuitos sem, com tudo, garantir-lhes o successo. A razão de tudo isto era, quem sabe, se simplesmente a differença que ha entre o tempo dos grandes homens a quem Blaine succedeu na politica, e a degenerescencia da antiga, tradição dos velhos estadistas americanos.

Os paes da patria americana, os fundadores da constituição, viveram n'um periodo historico de pureza moral, em tempos de patriotismo e de abnegação. Blaine floresceu no imperio do industrialismo e da finança, na expansão de todos os despotismos do monopolio e de todas as corrupções da plutocracia. Não é uma simples banalidade a velha proposição de Montesquieu de que as republicas precisam ter como fundamento a virtude. Esse foi o fundamento da republica norte-americana. Será in-

viavel e uma fonte perenne de males, qualquer outra republica que não tiver o seu berço banhado na atmos-phaera da virtude civioa. As sociedades politicas e as fórmas do governo precisam de nascer puras para ter a vida longa e prospera. Os organismos politicos são como os organismos animaes e vegetaes; quanto mais perfeitos nascem e quanto mais robusta é a sua infancia, mais garantias apresentam de duração.

Nunca se viu uma republica nascer disforme para a vida da violencia, do crime, da discordia, da corrupção e do erro para d'ahi se adiantar até á virtude, á paz e á verdade.

Imaginará alguém por ventura a republica romana nascendo com Sylla e Catilina e acabando em Fabrício e Cincinnato? A crença universal sem-pre attribuiu á humanidade em seu apparecimento a frescura de todas as forças vivas.

A podridão é propria dos tumulos e não dos berços. O que ha a espe-

rar de uma existencia humana cuja infancia não tiver sido innocente?

Querer justificar a corrupção e o crime quando apparecem, por assim dizer, identificados e consubstanciados com uma republica que começa, dizendo que tudo isto é proprio das instituições novas, ó falsear a verdade historica. Não; o nascer das republicas, se não fôr rodeado do perfume da abnegação, se não fumegarem em roda do seu berço o incenso puro e a myrrha incorruptível do sacrificio e do patriotismo, não promette e não dará nunca no futuro senão crimes e desgraças.

A republica norte-americana não teve a sua infancia corroída pela corrupção, nem a sua puerícia se passou nos jogos sangrentos das guerras civis. Era ella já quasi secular quando o seu solo foi fratricidamente regado pelo sangue de seus filhos, e os vícios contra os quaes luctam hoje os patriotas, as faltas que lhe apontam os pensadores, são vícios de hoje,

faltas actuaes, que senão podem justificar no exemplo dos antepassados. A lição da historia da independencia e os exemplos das gerações extinctas são espelho de virtude.

Blaine foi e tinha que ser o estadista da sua epocha.

Tinha bella presença, a sua voz era insinuante, o seu olhar era agudíssimo, o seu sorriso era cheio de finura. Foi chamado o homem magnetico. Era um grande orador e um escriptor de raça. A sua illustração era vasta em assumptos da politica nacional, deficiente no resto dos conhecimentos humanos, mas o seu talento suppria tudo. Fez-se grande e subiu por si. Os seus adversarios at-tribuiam-lhe grande numero de capitulações de consciencia com os interesses de grandes financeiros, e sua pobreza sabida era um pouco contra-dictoria com o luxo de sua vida, com o seu bello palacio de Washington, com os vastos salões, cheios de objectos de arte e de retratos, bustos,

estatuas, medalhas, quadros, gravuras e mil outras recordações de Napoleão, heroe da especial admiração de Blaine. O estadista republicano tinha idéas dominadoras e o temperamento cesariano. De todas as paredes da casa de Blaine, o olhar profundo de Bonaparte cravava-se nos visitantes. Napoleão não terminara a conquista da Europa e nos abysmos dos seus pensamentos estava a ambição de dominar o Oriente e a Asia. Blaine via na politica mais do que a arte de ganhar eleições, o seu talento de orador pedia talvez um theatro igual ao theatro em que representam os Gladstone e os Salis-bury. Debaixo das ogivas de Westminster, a palavra da eloquencia póde decidir da sorte de um povo. Nas estreitezas do systema presidencial, o presidente póde ser um incapaz, um incompetente teimoso, armado de im-menso poder contra o qual são inuteis todos os esforços do talento. Blaine sentia-se afogado n'aquelle meio, e

toda a sua imaginação volvia-se para a politica exterior. Na politica exterior elle foi o lisonjeiro por excellencia do espirito da dominação americana sobre todo o continente. Elle imaginava a aguia americana pairando, de polo a polo, com as azas poderosas expandidas. A aguia symbolica elle não a via protegendo os fracos com a sua sombra, como acredita a ingenuidade de alguns sul-americanos. Elle queria que ella dominasse, que o seu olhar perscrutasse as solidões geladas do polo, os valles profundos dos Andes, as planuras do Amazonas, a vastidão dos pampas e o infinito dos mares. Elle queria que o bico adunco d'a-quelle passaro apocalyptico rasgasse os inimigos, e que as garras colossaes se apoderassem de todo o continente de Colombo. Blaine no poder, era uma ameaça para toda a America. Quando chegava ao seu termo a guerra do Pacifico, Blaine era secretario de Garfield, e Blaine teve uma occasião de tentar fazer prevalecer

a politica que elle mesmo chamou a politica imperial dos Estados Unidos.

O presidente Hayes, embora tivesse sido derrotado pelos eleitores, acabava de exercer o seu mandato usurpado, occupando Ulegalmente a cadeira de presidente em que o collocára um voto fraudulento do Supremo Tribunal encarregado da apuração eleitoral. O patriotismo de seu competidor, o presidente eleito, Tilden, preferiu deixar o usurpador na suprema magistratura a abrir um conflicto que levaria, com certeza, o paiz a uma nova guerra civil. O general Garfield, apenas eleito, confiou a direcção da politica internacional a Blaine, e a attenção d'este volveu-se logo para a lucta entre o Chile, o Perú e a Bolivia.

A primeira d'estas nações estava em vespas de colher o fructo das suas arduas victorias, impondo aos vencidos uma ' paz garantidora dos interesses, da tranquillidade e da segurança do Chile no presente e no

futuro. Começaram a se agitar no Peru e em New-York os interessados americanos, socios de peruanos e bolivianos nas concessões de guanos e na extracção dos nitratos. A consagração da victoria chilena era o fim definitivo do regimen das concessões, dos privilegios e dos mil abusos, tão uteis aos americanos, na desordem financeira do Perú e da Bolívia. O ministro americano Hurlbuth, em Lima, os seus collegas generaes Adams, em La Paz, e Kílpatrik em Santiago, entraram na combinação. Era preciso uma intervenção dos Estados Unidos em favor dos vencidos, e contra o Chile, e em beneficio directo dos especuladores americanos e seus socios. Já dissemos que, por ocasião da guerra do Paraguay, os ministros americanos Washburn e general Mac-Mahon constituíram-se os defensores acerrimos de Lopez, foram seus commensaes, testemunhas, e, pelo silencio, cumplices das suas horríveis atrocidades. Illudido pelas noticias

dos seus diplomatas, o governo de Washington considerou Lopez, por muito tempo, como a victima sym-pathica do barbaro exercito alliado. Foi preciso que o illustre coronel Von Versen, que ha pouco morreu general do exercito allemão e ajudante de ordens do Imperador Guilherme II, foi preciso que este europeu, um dos prisioneiros de Lopez que mais soffreram da sua tyrannia, fosse libertado depois de Lomas Va-lentinas pelo marquez de Caxias e, indo aos Estados Unidos, escrevesse a verdade sobre Lopez, para desfazer no espirito do governo de Washington a indisposição que, contra o Brazil, tinham creado a falsidade das informações diplomaticas. O governo americano esteve até em termos de mandar uma esquadra á America do Sul para proteger a Lopez.

Em relação ao Chile, deu-se a mesma cousa. O governo americano quiz arrancar ao Chile o resultado das suas victorias. As informações

dos ministros americanos no Pacifico medraram depressa no animo de Blaine, sempre disposto á politica da intervenção, de arrogancia e de quasi despotismo em relação aos outros pai-zes da America. Os especuladores do guano e dos nitratos fallaram-lhe de grandes lucros para o commercio americano e, entre a administração americana e os especuladores, houve accordos, combinações e arranjos muito suspeitos. Em resultado d'isto tudo, Blaine despachou para o Chile, como medianeiro de paz, Mr. Tres-cott, que levava como seu secretario Mr. Walker Blaine, filho do Secretario de Estado. O enviado extraordinario, em missão especial, levava instrucções de proteger a todo o transe os interesses dos homens dos guanos e dos nitratos e ordem para, esgotados os meios suasorios e de conciliação destinados a apressar a paz, dar um *ultimatum* ao Chile, impondo-lhe dentro de certo prazo a retirada das suas tropas do territorio do Perú

e da Bolívia. Era a mais brutal intervenção, a mais injustificavel das prepotencias.

Mr. Trescott, em Lima e em Santiago, tinha-se posto de accordo com o ministro de França, e sua acção contra o Chile devia ser conjuncta com a da diplomacia franceza. Era interessada n'esta questão dos guanos uma grande casa judia, os Dreyfus, de Paris, de quem fôrà advogado o então presidente da Republica Franceza, que os jornaes republicanos, n'esse tempo, chamavam ainda o integro Grévy, alguns annos antes do processo em que ficou provado que o seu genro Wilson tinha, no palacio do presidente, agencia montada de venda de empregos e condecorações.

Onde estavas ó doutrina de Monroe ! ? As duas grandes republicas do mundo achavam-se reunidas n'um esforço commum em rasão dos interesses pessoaes dos seus chefes. Os Estados Unidos, que são contra a ingerencia europêa em negocios ame-

ricanos, associaram-se a uma nação européia contra uma nobre república sul-americana n'uma empreza de verdadeira extorsão.

N'este ínterim, n'uma estação de caminho de ferro, em Washington, ao lado de Blaine, caía assassinado pelo fanático Guiteau o presidente dos Estados Unidos, o general Garfield. Em menos de vinte annos, dois presidentes dós Estados Unidos eram assim trucidados : Lincoln e Garfield. O presidente assassinado foi substituído pelo vice-presidente Arthur. Diz-se que os príncipes herdeiros são em geral os chefes da opposição. Nas repúblicas, o vice-presidente é o inimigo natural do presidente effectivo. Quem é segundo é sempre contra quem é primeiro. Nas repúblicas sul-americanas, o vice-presidente acaba, quasi sempre, conspirando contra o presidente, muitas vezes depondo-o, a menos que, mais promptamente, o presidente em exercício não supprima por qualquer fórma o seu rival. Nos

Estados Unidos as cousas não chegam a este ponto, mas os vice-pre-sidentes que têm assumido o governo têm feito sempre o contrario dos seus antecessores. A subida de Arthur foi um grande golpe para Blaine e para a sua politica. Enquanto o diplomata Trescott achava-se no Chile, foram pouco a pouco transpirando na liberdade imprensa americana, imprensa que atravessou mais de um seculo sem a menor coerção, imprensa que, mesmo durante a tremenda guerra civil, não soffreu grandes peias nem restricções, — as noticias vagas a principio e depois affirmativas e positivas do conluio de Garfield, de Blaine, e dos negociantes de New-York contra o Chile. Achava-se reunido o congresso, e nos Estados Unidos, o governo não ousa sonegar documentos nem esclarecimentos de certa ordem ao poder legislativo. A commissão dos negocios estrangeiros, da Casa dos Representantes, occu-pou-se da missão Trescott e, n'uma

reunião, levantou-se o deputado democrata Perry Belmont que, com provas nas mãos, demonstrou a iniquidade e a vergonha do governo americano ir ser o procurador dos especuladores peruanos e americanos junto ao Chile. A impressão foi imensa nos Estados Unidos. O governo chileno, com uma audácia extraordinária, mandou apparelhar os seus encouraçados, empenhados na guerra contra o Perú, á espera do *ultima-tum* de Mr. Trescott. Viesse esse *ultimatum*, e os navios de guerra chilenos partiriam para S. Francisco para vingar a affronta. O presidente Arthur, porém, poz um termo ao grande escandalo. Despediu Blaine do poder e subatituiu-o pelo sr. Fre-linghuysen. Este telegraphou logo a Trescott dizendo-lhe que se retirasse do Chile, e teve a franqueza de dar ao ministro chileno em Washington uma copia das instrucções de Blaine a Mr. Trescott. Deu-se então um incidente de um comico singular.

O ministro dos negocios estrangeiros do Chile perguntou a Mr, Trescott se era verdade que elle tinha ordem de apresentar-lhe um *ultimatum*. Trescott negou a pés juntos. Então o ministro chileno mostrou-lhe a copia das proprias instrucções dadas a Trescott. Desmoronou-se tudo, e assim terminou, no opprobrio e na vergonha, a orgulhosa embaixada que os Estados Unidos mandaram ao Pacifico! Blaine, porém, e o espirito de intrusão e de prepotencia diplomatica que existe em certos meios americanos, tiveram, annos depois, a sua desforra. Rompêra a guerra civil no Chile, e Blaine achava-se de novo na secretaria de estado, servindo desta vez com o presidente Harrison, que mais tarde tambem o despediu. Os homens de grande superioridade intellectual são, nas republicas, pouco compatíveis com a mediocridade dos circulos governamentaes. Desde o começo da guerra civil chilena, o ministro americano Patrick Egan, anar-

chista irlandez de mau nome, decla-rou-se em favor dos insurgentes, protegendo-os por todos os modos com quebra manifesta dos seus deveres. Como é sabido, os principaes chefes da revolução eram os homens mais ricos do Chile, grandes capitalistas, industriaes e banqueiros opulentos. Esta circumstancia explica talvez a singular attitude da legação americana. Derrotado e aniquilado o partido de Balmaceda, houve reclamações americanas, já por prejuízos soffridos, já por desacatos feitos a marinheiros americanos. O novo governo chileno, ainda em lucta com mil difficulda-des, pediu um prazo. A resposta que lhe deu o governo americano foi a ordem á esquadra de mandar alguns encouraçados a Valparaiso e um insolentíssimo *ultimatum*. O governo chileno teve que ceder Blaine tirou a sua desforra, e mais uma vez o governo de Washington humilhou uma republica sul-americana.

Temos visto que não ha paiz la-tino-americano que não tenha soffri-do as insolencias e ás vezes a rapi-nagem dos Estados Unidos. Para terminar, lembraremos dois factos acontecidos com o Paraguay e com Venezuela.

Em 1853 o Paraguay fez um tratado geral de commercio e navega ção com os Estados Unidos. O senado americano não ratificou o tratado, mas apesar d'isso o governo de Washington nomeou seu consul no paraguay o sr. Hopkins. Este senhor, apesar das suas funcções consulares, pretendeu logo, á moda americana, ganhar muito dinheiro em mil especulações Embalde tentou levantar capitaes em Londres e em Paris. Te ve então a idéa genial de comprar em New-York um navio em péssimo estado (Não é de hoje que ali se vendem navios avariados!) e fel-o segurar por 60:000 dollars. Este navio *naturalmente* naufragou na viagem, e com o dinheiro-

do seguro Hopkins achou-se á testa do capital necessario para fundar a «Companhia do commercio e navegação do Paraguay.

Este consul tornou-se logo exigentíssimo junto do governo paraguayo, e foi tão insolente que o governo de Assumpção cassou-lhe o *exequatur*. Para se ver livre de embaraços Hopkins declarou que a sua segurança pessoal estava ameaçada, assim como a dos seus compatriotas, e reclamou o auxilio do navio de guerra americano *Water Witch*, e este auxilio lhe foi dado. O sr. Hopkins, á testa de marinheiros armados, desembarcou e foi ao consulado buscar os papeis de tal companhia.

Estavam as cousas n'este pé quando a situação ainda mais se aggravou. O commandante da *Water Witch* quiz passar por um canal, cujo transito era prohibido aos navios. O forte de Itapiru fez alguns tiros de polvora secca para prevenir o americano. Este, porém, desprezou o aviso, e

respondeu cora uma descarga geral de bala contra o forte, que por sua vez fez-lhe fogo vivo e certo que causou serias avarias a *Water Witch*, onde morreram muitos marinheiros, mas e só então, o navio americano virou de bordo, desistindo do seu proposito.

O governo de Washington mandou contra o Paraguay uma esquadra de vinte navios e de dois mil homens de desembarque, para extorquir á pobre republica 1 milhão de dol-lars que lhe reclamava o sr. Hopkins. Esta esquadra custou ao governo perto de 7 milhões de dollars de despesas, e voltou de Montevideu graças á mediação do governo argentino, sendo celebrado um tratado em vir-tude do qual as reclamações de Hopkins foram sujeitas a uns arbitros, e estes declararam, como não podiam, deixar de declarar inteiramente phantasticas as reclamações do consul americano.

O Paraguay, porém, não obteve reparação alguma pela violação do seu territorio cometida pelo agente americano. (1)

O facto com Venezuela é também característico. O governo americano tinha uma porção de reclamações contra Venezuela, a proposito de prejuízos soffridos por cidadãos americanos durante as guerras civis venezuelanas. Pela convenção de 25 de abril de 1866 foi nomeada uma commissão mixta que, em 1868, deu sentença contra Venezuela, obrigando esta a pagar dollars 1.253:310.

Verificou-se mais tarde que o commissario americano David M. Talma-ge, e que o ministro americana em Caracas, ajudados pelo americano William P. Murray, formaram uma sociedade para ganhar dinheiro com o negocio, já defraudando os proprios reclamantes americanos, exigindo-lhes

(1) Calvo, *Droit international théorique et pratique*, § 1268.

40 e 60 por cento das indenizações concedidas, já prejudicando o governo de Venezuela, admitindo reclamações fraudulentas, aumentando mesmo estas reclamações para mais folgadamente poderem os reclamantes pagar-lhes as porcentagens. Isto ficou provado perante a comissão dos negocios estrangeiros do senado americano em 1878. (1)

Ainda ultimamente desembarcou em New-York um general venezuelano que, como governador de um estado, era accusado de ter causado certo prejuízo, em Venezuela', a um cidadão americano.

Contra todas as leis, este general foi preso a pedido do americano e sujeito em processo por um acto de governo praticado na sua patria!

Não ha nação latino-americana que não tenha soffrido das suas relações com os Estados Unidos.

(1) *Defensa de loa derechos de Venezuela*. Caracas, 1878.

Demonstrado isto, voltemos de novo a fallar do que têm sido as relações entre o Brazil e os Estados Unidos,

II

Já mostrámos, de passagem, a frieza com que no seculo passado Jefferson acolheu a idéa da independencia do Brazil, e o procedimento indigno do governo de Washington denunciando ao governo portuguez as aberturas dos revoltosos de Pernambuco em 1817. Vimos a demora no reconhecimento da nossa independencia, vimos o ministro americano no Rio fazendo causa commum com a violencia do governo de Carlos X contra o Brazil e, de passagem, alludimos ás intrigas americanas em favor de Lopez e contra o Brazil, a Republica Argentina e o Uruguay.

N'esses conflictos, porém, o amor proprio brasileiro sempre saiu vencedor, porque de um lado estaVa a integridade dos nossos homens de es-

tado, e do outro a diplomacia flibus-teira e gananciosa dos Estados Unidos. O ministro americano Washburn, que tanto intrigou contra o Brasil no acampamento paraguayo, trahiu por fim os seus amigos Lopez e madame Lynch, que o accusavam de ter desencaminhado valores que lhe haviam confiado em deposito.

Washburn escreveu um livro, que é a sua condenação (1), e, ao mesmo tempo, a prova de que aquelle diplomata americano, como todos aquelles com quem nos encontrarmos n'este trabalho, votaram aversão especial ao Brazil. Da propria narrativa de Washburn (vol. II, pag. 180) tira-se a prova da veracidade da accusação de espionagem que era feita contra elle.

Adiante (pag. 558) confessa que os valores lhe foram realmente entregues por madame Lynch, que estiveram na sua casa guardados, mas

(1) Washburn, *History of Paraguay*, 2 vols.

que elle, Washburn, ignora o seu paradeiro, suppondo que foram enterrados algures (!).

O exercito brasileiro e a armada são cobertos de ridículo e de calum-nias pelo ministro americano.

A batalha de Riachuelo é descripta como uma cousa vergonhosa para nós (pag. 10, vol. II), e Caxias é vilipendiado.

As indelicadezas, as incorrecções, las faltas de Washburn. foram tão graves, que os officiaes da marinha americana que se achavam no Paraguay, romperam com elle. Washburn ataca-os com violencia, qualificando de «perversa e de anti-patriotica» a attitude dos officiaes superiores, seus compatriotas (pag. 467, vol. H).

Depois de Washburn veiu Mac-Mahon, cuja amisade pelo *ménage* Lopez-Lynch foi sempre firme. Mac-Mahon e Washburn dizem-se cousas bem desagradaveis nos seus escriptos posteriores. Só estão de accôrdo nas injurias contra os brasileiros.

Esta polemica fez escandalo nos Estados Unidos, e o governo abriu um inquerito em que figuravam Wash-burn, Mac-Mahon, os officiaes Davis, Kirklând, Ramsey e dois aventureiros Bliss e Mastenuan. Toda a gente injuriou-se no inquerito, fizeram-se graves accusações uns aos outros, sendo uma verdadeira vergonha aquella lavagem official de roupa suja, aquella briga de ministros com almirantes, de almirantes com ministros, etc. (1)

Durante a guerra do Paraguay o ministro americano general Mac-Mahon, em desprezo de todos os usos internacionaes, escrevia para os jor-naes americanos (2) artigos diffama-torios dos alliados. Dizia: Que Lopez era innocente das crueldades que ca-lumniosamente lhe imputavam os al-

(1) *Paraguayan Investigation*. Report of Co-mittee of Foreign affairs.

(2) Vide *Harper's New Monthly Magazine*, vol. XL.

liados, que as centenas de mortes atribuídas a Lopez tinham sido perpetradas pelos brasileiros, enquanto os paraguayos trabalhavam nas trincheiras (1); que o povo brasileiro era fraco e effeminado (2); que o seu exercito (a cuja cobardia o diplomata americano constantemente allude) era composto de escravos e galés (3); que a «honra nacional» como nós a entendemos na zona torrida é cousa bem diversa da honra nacional americana, etc. etc

(1) Vide *Harpers New Monthly Magazine*, vol. XL, pag. 423.

(2) Ibidem, pag. 428.

(8) Ibidem.

Segundo um corrispondente do *Pais* de New-York, este nosso velho inimigo voltou agora á acena n'uma circumstancia humilhante para o Brazil. «O United States Service Club recebeu solem-nemente o almirante Benham. O discurso de felicitação foi proferido pelo general mr. T. Mac-Mahon, muito conhecido no Brazil como amigo particular de Solano Lopez e nosso implacavel diffamador durante a guerra do Paraguay.

«Eis o discurso: «Almirante. Preferiria nada dizer para não collocar-vos na contingencia de fazer um discurso, o que será para vós uma prespec-

Entretanto os factos eram os factos, e, sendo innegaveis as Yictorias brasileiras, o americano nosso inimigo explicava o successo das armas bra-zileiras pela seguinte fórma:

«D. Pedro, no modo por que tem dirigido a guerra, dá a melhor prova da sua extraordinaria habilidade; é um rei sabio e perfeito. E alem d'isso, está cercado de conselheiros que, se tivessem a honestidade commum que

tiva terrível: entretanto é necessario que eu exprima a satisfação de vos ver entre nós, e vos manifeste quanto nos encheis de justo orgulho, não só como cidadão americano como na qualidade de official da nossa armada. O vosso procedimento no Brazil foi inspirado pelo dever em honra da nação e da sua bandeira. Que elle era indispensavel, posso affirmar-o pela experiencia pessoal de um quarto de seculo. Era necessario para convencer aquelles amigos nossos (se são com effeito amigos) que a nação americana nada perdeu ainda do seu prestígio, que será mantido sempre á face do mundo inteiro. O vosso prooeder demonstrou que o direito internacional das relações do nosso paiz não pode ser desrespeitado impunemente. As republicas sul-americanas devem ser-nos agradecidas pelo que fizemos e estamos fazendo por ellas, ou antes, pela humanidade, com o exemplo que lhe damos.»

só a nossa raça saxonia dá aos indivíduos como aos governos (!), poderiam ser collocados ao par dos primeiros estadistas do nosso tempo. Isto dá grande força á. diplomacia do Brazil, emquanto que a habilidade dos seus financeiros tem-lhe permittido o manter illeso o seu credito.»

Washburh teve varias conferencias com o general em chefe do exercito

«O almirante respondeu: «Do fundo do coração agradeço-vos a cordial recepção que me fazeis. Quanto ao meu procedimento no Brazil e aos ef-feitos que elle tenha produzido, penso que, sem contestação, concorreu para tornar-nos bons amigos d'aquelle paiz. *Esta amisade baseia-se no respeito, e talvez em alguma cousa mais.* That friend-ship is founded on respect with perharps a little tinge of something else)».

«Estas palavras, diz o correspondente do *Paiz*, provocaram uma tempestade de applausos e gargalhadas.

«Seguiram-se os *cocktails* do estylo e um gran de brodió, em que foi nota dominante do *humor yankee* a pilheria do almirante, considerada genuína e rude expressão da verdade.

Eis como um almirante americano diz dever ser a amisade do Brazil para com os Estados Uni-dos. Bespeito e... alguma cousa mais, isto é, medo e subserviencia!

alliado, o marquez de Caxias, e diz cynicamente que, em troco de uma grande quantia, Lopez devia acceitar a paz nas condições que o Brazil queria. N03 archivos do ministerio da guerra, no Rio de Janeiro, ha of-ficios do marquez de Caxias bem pouco honrosos para Washburn (1).

Não foi só pela corrupção que a diplomacia norte-americana se distinguu. Fallamos já da violação do territorio maritimo do Brazil por um navio de guerra americano. Vejamos as particularidades do facto.

No mez de outubro de 1864, o vapor confederado *Florida* e o navio federal *Wachusset* achavam-se ancorados no porto da Bahia. O primeiro d'esses navios, que tinha entrado no porto para concertar as suas avarias e para tomar viveres, recebeu a or-

(1) Officios de Caxias ao ministro brasileiro em Buenos Ayres, de 13 de março de 1867; idem de 15 do mesmo mez e anno ao ministro da guerra.

dem, que executou, de se collocar ao lado da corveta brasileira *Dona Januaria*. Na manhã do dia 7 de Outubro, o navio federal americano deixou o seu ancoradouro e approxí-mou-se do *Florida*. Ao passar pela proa da corveta brasileira, recebeu ordem de voltar para o seu ancoradouro. Esta ordem foi desobedecida e, momentos depois, ouviam-se tiros trocados entre os dois navios americanos. O commandante brasileiro mandou um official a bordo do *Wachusset*, e o commandante d'este vaso de guerra prometeu ao official nada tentar contra o *Florida*. Faltando indignamente á sua promessa, o commandante americano tomou repentinamente a reboque o *Florida* e foi saindo com elle fóra do porto sem dar tempo ao navio brasileiro, que confiára na palavra de um militar, de oppor-se ao attentado. O que augmenta ainda a revoltante deslealdade é que o consul americano na Bahia tinha dado sua palavra de

honra ás auctoridades brasileiras de que o *Wachusset* respeitaria a neutralidade do territorio do Brazil e, na occasião em que o attentado foi commettido, o consul estava a bordo do *Wachusset*. O commandante do *Florida*', confiando na neutralidade do Brazil e na palavra do commandante americano, tinha deixado desembarcar quasi toda a sua marinhagem e, aproveitando-se d'isso, o *Wachusset* traiçoeiramente o atacou.

O governo de Washington deu todas as satisfações possíveis ao Brazil, mas commetteu a indelicadeza final de mandar pôr a pique o *Florida* no porto de Hampton Roads, para não entregal-o ao Brazil, e depois disse officialmente, que um incidente imprevisto tinha causado a perda do *Florida*.

Outro facto:

Em 1842 a barca peruana *Carolina*, em consequencia de grossas avarias, arribou ao porto de Santa Ca-tharina. Não havia ali consul peruano,

e as auctoridades nomearam uma commissão de exame que condemnou o navio, o qual por isso foi vendido de conformidade com as leis commerciaes brasileiras.

O navio estava seguro em *New-York* e em *Philadelphia*, e as companhias accionaram perante os tribunaes do Brazil o capitão americano, accusando-o de ter obtido por fraude a condemnação. A condemnação foi revogada e a venda annullada, mas, o capitão tinha desaparecido com o dinheiro.

Um certo Wells, antigo consul americano demittido por indelicadezas no exercício do seu emprego, comprou os direitos das companhias de seguros e intentou uma acção contra o governo do Brazil. O governo americano transmittiu a reclamação ao ministro dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, mas o governo brasileiro, com toda a razão, recusou-se a pagar, e o governo americano, que então luctava com as difficuldades

da guerra civil, recommendou até ao seu ministro que não levasse as cousas por diante. Era ministro americano no Hio o sr. Webb, que por essa ocasião reconheceu a injustiça da reclamação. Ora em 1867 o sr. Webb mudou de opinião e, depois de se ter encontrado com Wells, nos Estados Unidos, o ministro começou a fazer exigencias, e no momento em que ia sair um paquete para a Europa o sr. Webb ameaçou romper as suas relações diplomaticas com o governo do Brazil se este não pagasse. O governo arcava então com as grandes difficuldades da guerra do Paraguay e temeu o mau effeito que produziria na Europa a noticia de um rompimento com os Estados Unidos. Pagou, mas debaixo de protesto, a quantia de £ 14:262 ao cambio de 16, taxa que n'aquella epocha se considerava desastrosa, porque ainda não se tinham visto os cambios de 10, de 9, e de 8 3/4 que fazem hoje a gloria das finanças republicanas.

Em 1872, o ministro do Brasil em Washington, sr. Carvalho Borges, solicitou da Secretaria d'Estado um novo exame da questão, e o advogado do governo americano opinou que o Brasil tinha sido victima de uma extorsão, e que a quantia lhe devia ser restituída com os respectivos juros.

De conformidade com esse parecer, o governo americano mandou entregar á legação brasileira a quantia de £ 5:000. Faltavam pois £ 9:252 que a legação reclamou, pois Webb tinha recebido £ 14:252, conforme mostrou com recibo do proprio Webb. Este diplomata tinha desviado, pois, £ 9:252, de cujo paradeiro não pôde dar conta. Só em 1874 é que finalmente o governo de Washington reembolsou o Brasil da quantia total (1).

Não foi esta a unica reclamação

(1) Cairo, *Droit International tkéorique et pra-tique*, § 1269.

de dinheiro que, com mais violencia que razão, noa fizeram os americanos, além das reclamações de Raguet e Tudor.

Em 1849, o governo brasileiro viu-se constrangido a ceder a uma nova e importante reclamação feita então pelo ministro americano David Tod. Adiante veremos a justiça e moralidade d'essa reclamação. O facto, porém, é que a 20 de janeiro de 1850 foi ratificada' uma convenção americano-brazileira pela qual o Brazil pagava aos Estados Unidos quinhentos e trinta contos (530:000\$000 réis) que o governo americano distribuiria entre os reclamantes.

David Tod exultou. A 23 de agosto de 1840 escrevêra ao seu governo : «Quanto mais examino este assumpto e reflecto sobre elle mais me convenço de que este negocio foi muito satisfactorio e a quantia recebida muito sufficiente para serem pagos todos os reclamantes. Tod, porém, órgão dos reclamantes negociantes ameri-

canos do Rio, insistia para que a distribuição fosse feita no Rio e não em Washington debaixo das vistas do governo americano (1).

O ministro Tod e os americano do Rio não conseguiram, porém, que o commissario encarregado de distribuir esse dinheiro viesse fazer este trabalho ao Rio de Janeiro. O governo americano nomeou para essa comissão o sr. Geo. P. Fisher, e o relatorio d'este funcionario é curiosíssimo. D'esse relatorio vê-se que os reclamantes americanos, em regra, não podiam apresentar prova nenhuma dos seus» direitos, que eram na maior parte phantasticos.

Depois de, durante dois annos, ouvir todas as reclamações o commissario Geo. P. Fisher dizia: «A quantia paga pelo governo do Brazil, em virtude da convenção de 1849, foi

(1) U. S. House of Representatives docs, 31 st. Congress vol. 7. Doc. 19.

de 500:000\$000 réis que perfizeram 300:000 dollars.

«Ora, pagas as quantias que já foram attribuidas e as quantias reclamadas restará um saldo de 130:000 a 150:000 dollars, isto é, mais ou menos, metade do que o Brazil pagou.

«Acho que o nosso governo vae ficar em posição esquerda em relação ao governo do Brazil, que terá razão de se queixar da injustiça que sofreu. (1).

Este documento, melhor do que qualquer outra demonstração, prova a conscia má fé com que foram feitas as reclamações norte-americanas.

Nos paizes sul-americanos, e alguns ha onde, apesar das revoluções, os cargos de ministro são occupados por homens instruídos e conhecedores da historia diplomatica, ha uma grande

(1) U. S. of Representatives docs. Congress 32. Sess. I. 1851-52, vol. 6, doc. n.º 75.

prevenção contra a politidq absor-vente, invasora e tyrannica da diplomacia, norte-americana. A ultima vez que foi, ministro de negocios estrangeiros do Brazil o visconde de Abaeté, este estadista teve noticia de que se tramava em New-York uma expedição de flibusteiros contra o Pará e o Amazonas e, se a legação brasileira em Washington não contrariasse activamente a conspiração, talvez chegasse a se reproduzir no valle do Amazonas um novo attentado, igual ao da expedição do pirata . Walker contra a America Central.

Estas pretensões americanas sobre o Amazonas tornaram-se então ameaçadoras. Em seguida á exploração feita no grande rio pelo tenente Herndon, da marinha americana (que aconselhára aos brasileiros o uso da força para os indios, em vez da cateche-se) (1) começou a agitação americana a proposito do Amazonas.

(1) Vide Herndon, *The Valley of the Amazon*.

Foram despachados agentes diplomaticos para o Perú e para a Bolívia, com o fim de levantarem os governos d'aquelles paizes contra o Brazil e de os aconselharem a pedir o *auxilio* dos Estados Unidos.

O celebre geographo e meteorologista americano Maury escreveu um violento pamphleto contra o Brazil (1) que foi victoriosamente respondido por De Angelis (2). Fallava Maury, não na conveniencia que o Brazil teria com a abertura do Amazonas á navegação, mas no *direito* dos Estados Unidos de nos forçarem a isso.

As intrigas americanas não foram bem recebidas no Perú, mas a Boli-via hesitou um pouco, e tanto bastou para começar nos Estados Unidos a conspiração flibusteira a que alludimos.

(1) *The Amazon and the Atlantic slopes of South America*. Washington, 1853.

(2) *De la navegacion del Amazonas*. Montevideo, 1854.

Preparava-se evidentemente uma invasão armada do Amazonas quando o ministro do Brazil em Washington interpellou numa nota positiva o governo americano, perguntando-lhe se seria permittida tal pirataria.

O Secretario d'Estado, respondendo ao ministro (1) que tão opportuna e energicamente reclamava pelos interesses do Brazil, respondeu por duas vezes (2) que «os funcionarios da União, *com conhecimento de causa*, não facilitariam a partida de nenhum navio que fosse violar as leis do Brazil», e que, a empresa que tivesse por fim forçar a entrada do rio seria illegal e implicaria violação dos direitos do Brazil, e que, se algum cidadão da União tivesse a temeridade de intental-a, sobre elle cairia o rigor da lei».

Declarações igualmente categoricas

(1) O sr. barão do Penedo.

(2) Notas de 20 de abril o de 23 de setembro de 1853.

tinha já feito o governo americano ao Mexico era relação ao Texas, e devia mais tarde fazel-as á America Central, e estas declarações não impediram os attentados que conhecemos.

O governo do Brazil não diminuiu a sua vigilancia, denunciou mais de uma conspiração planeada por Maury, official da marinha americana e funcionario publico, e por seus companheiros. Uma vez esteve aparelhada uma expedição, e só á ultima hora foi detida em Sandy Hook á saída do porto de New-York.

Todos estes americanos, nos seus escriptos, faltavam muito dos interesses commerciaes dos Estados Unidos nos seus capitaes immensos que estavam anciosos por um emprego no Amazonas. Chegou o momento das circumstancias da politica permittirem a decretação da liberdade da navegação, e não appareceram os taes capitaes americanos. Os magnificos vapores que hoje sulcam a Amazonas são os de uma companhia ingleza que

tem sido o maior propulsor do progresso e do enriquecimento da região amazônica. Isto, porém, não quer dizer que os americanos não tenham mais vistas sobre o grande rio sulamericano.

O general Grant, n'um discurso pronunciado em 1883, n'uma recepção ao general mexicano Porfírio Díaz, chegou a dizer que os Estados Unidos necessitavam de três coisas somente, porque o resto tudo tinham no seu país. As três coisas eram: café, açúcar e borracha. E o general disse: *Seja como fôr* havemos de ter café, açúcar e borracha.

O general accentuou bem a phrase *Seja como fôr* (*by any means*), e no México esta phrase foi tomada qua-si como uma ameaça. «O problema do açúcar estava até certo ponto resolvido pela absorpção das ilhas Hawai, que, embora não admitidas na União americana, estão, para todos os fins práticos, como que anexadas aos Estados Unidos.

O café, julgava o general Grant que viria com o Mexico;

A borracha, para tê-la, é- preciso ter o Amazonas.

No Hawai a usurpação americana foi simples e rápida. A raça indígena, isto é, perto de um milhão de habitantes, raça que tem a brandura de indole propria de todo os polynesios, havia perto de um seculo que ia sendo educada por missionarios de varias nações, e tinha chegado já a um grau de civilização que lhe permittiu o constituir um governo regular. Há no archipelago nns quinhentos americanos e uns seis ou oito mil portugueses. Pois bem, os americanos, auxiliados por um vaso de guerra do seu paiz, expelliram do governo os indígenas, e,. fazendo desembarcar tropa, tomaram conta de todo o paiz, excluindo inteiramente os hawaianos de toda a administração de sua terra. Os governantes americanos impostos pelas bayonetas, decretaram a federação com os Estados

Unidos tal qual queriam talvez os insensatos brasileiros que em 1834 apresentaram um projecto analogo na Camara dos Deputados. O congresso de Washington não quiz a annexação do Hawai, mas ficou aquelle paiz sempre governado pelos americanos. Esta grande e clamorosa iniquidade, este abuso da força, não encontra justificativa.

Os empregados publicos e jornalistas officiaes e officiosos que escrevem no Brazil, dizem-se muito enthusias-mados pela amisade dos Estados Unidos, e facilmente conseguirão talvez illudir a boa fé dos brasileiros.

Á politica internacional dos Estados Unidos é egoistica, arrogante ás vezes, outras vezes submissa, segundo os interesses da occasião. E, em todo o caso, ella nunca se deixa guiar por sentimentalismos de fórmula de governo.

Durante a guerra franco-prussiana, depois de 4 de setembro, isto é, depois da proclamação da republica, quando a, França continuava à arcar com

o inimigo allemão, os Estados Unidos manifestaram, por todas as fôrmas, as suas sympathias pelo imperio teutonico contra a republica latina. A realeza e a aristocracia europêas têm um immenso prestigio nos Estados Unidos. Toda a ambição da enorme colonia americana na Europa é approximar-se das côrtes. Nao ha família americana de alguma fortuna que não tenha, nos seus pratos ou nas suas colheres, algum bra-zão, um mote nobiliarchico, um elmo ou qualquer outra cousa heraldica. E' com desvanecimento que ellas querem, á força, ligar os seus appellidos obscuros aos nomes fidalgos do Reino Unido, pretendendo sempre descender da nobreza. O livro da nobreza ingleza *Burke's Peerage and Barone-tage* é sabido de cór pelas senhoras americanas, cuja maior ambição é sempre casar com fidalgos europeus, ir viver na Europa, deixando o velho Un-cle Sam, lá do outro lado do Atlantico. Essa tendencia admirativa em rela-

ção a todos os *européis da realeza* provém, de certo, de que, a muitos respeito, os Estados Unidos são ainda uma colônia. A civilização vem-lhe da Europa, e por isso o americano, desde o mais rude até ao homem mais eminente, pergunta sempre ao estrangeiro : Então o que acha d'este paiz ? . Tal qual como o *parvenu* enriquecido gosta de mostrar a sua casa, os seus carros, ao homem de bôa sociedade e, dando a beber ao *gentleman* elegante os seus vinhos preciosos, pergunta-lhe com insistência: Então, que tal acha?

Ora,. as americanas entendem que o fidalgo é mais competente em materia de elegancia e de apuro social do que qualquer outro individuo. D'ahi a preferencia das americanas pelas nações aristocraticas da Europa.. Isto quanto aos indivíduos. Quanto ao governo, tambem não ha duvida que os Estados Unidos são mais amigos de Inglaterra e da Allemanha, apesar da França ser republica.

E esta preferencia pela Allemanha, por parte do governo americano, chegou até á brutalidade por ocasião da guerra franco-prussiana. O ministro americano em Berlim, Bancroft, homem illustre por seu saber, o que é raríssimo entre a diplomacia americana, que é ordinariamente a escoria da politicagem, privava com o Imperador Guilherme e com Bismarck, e a sua attitude foi sem generosidade e sem tacto. Acompanhou o Rei da Prussia em campanha, e os seus despachos para Washington, publicados pouco depois, eram insultuosos para a França. Girando ao redor das negociações de armistícios e de paz, foi sempre um servidor zeloso da Allemanha. O general americano Sheri-dan julgou-se talvez muito honrado com ser admittido como ajudante de ordens do príncipe Frederico Carlos, e tomou parte em toda a campanha, prestando bons serviços ao exercito allemão. Sheridan era um americano notavel, um illustre general, e com

elle serviram contra a republica fran-ceza grande numero de officiaes nor-te-americanos. E o general Grant ? Esse era presidente dos Estados Unidos, e n'uma mensagem ao congresso americano em 1870, felicitou a Àlemanha pelas suas victorias, e mostrou-se jubiloso com a derrota da França.

Foi a 7 de fevereiro de 1871, isto é, seis mezes depois da quéda de Napoleão III, contra quem o governo americano podia ter resentimentos em razão da guerra mexicana foi seis mezes depois da proclamação da republica em França, que o presidente, Grant expediu a sua celebre mensagem ao Congresso,, mensagem insultuosa para a França, e em que exaltava o governo livre da Allemanha e approvava a guerra de 1870, e a consequente annexação da Alsacia e da Lorena. Dias depois, Grant, recebendo o ministro da Àlemanha, disse-lhe que o governo americano não podia deixar de sympa-

thisar com á Allemanha na lucta que ella acabava de sustentar, e por esse tempo Bancroft escrevia a Bismarck felicitando-o pela sua obra «destinada» dizia o americano «a rejuvenescer a Europa». Todas estas baixezas que tinham um mesquinho fim eleitoral, isto é, ganhar os votos dos allemaes nos Estados Unidos, ficaram immortalisadas por Victor Hugo, que perguntava :

Est-ce done pour cela que vint sur sa frégate Lafayette
clormant la main à Rochambeau ? (1)

(1) Certes, que le Peau Rouge admire le Borusse. C'est tout simple; il le voit aux brigandages prêt Fauve atroce; et ce bois comprend cette forêt; Mais que l'homme incarnant le droit devant l'Europe, L'homme que de rayons Colombio enveloppe L'homme en qui tout nu monde héroïque est vivant, Que cet homme se jette a plat ventre devant L'affreux sceptre de fer des vieux ages funebres Qu'il te donne, ó Paris, le soufflet des ténèbres,

Qu'il montre à l'univers sur un immonde char
L'Amérique baisant le talon de César, Oh! cela fait
trembler toutes les grandes tombes! Cela remue, au fond
des pâles catacombes,
Les os des fiers vainqueurs et des puissants vaineux
Kosciusko frémissant réveille Spartacus; Et Madison se
dresse et Jefferson se leve; Jackson met ses deux mains
devant ce hideux rêve ; «Déshonneur!» crie Adams; et
Lincoln étonné
Saigne, et c'est aujourd'hui qu'il est assassine.

Esta inqualificável grosseria, esta quebra dos usos da mais comensal urbanidade entre as nações, esta falta de generosidade, envergonharia de certo a sombra dos grandes homens que fundaram os Estados Unidos, que

Bancroft, este fica para sempre immortalizado pela extraordinária ode que o poeta lhe dedicou

Bancroft

Qu'est ce que cela fait à cette grande France ? Son tragique dédain va jusqu'à l'ignorance, Elle existe et ne sait ce que dit d'elle un tas D'inconnus, chez les rois on dans les gasetas. Soyez un va nu pieds on soyez un ministre, Vous n'avez point du mal la majesté sinistre, Vous bourdonnez eu vain sur son éternité. Vous, l'insultez. Qui dono avez-vous insulté ? Elle n'aperçoit pas dans ses deuils on ses fêtes, L'espèce d'ombre obscur et vague que vous êtes. Tâchez d'être quelqu'un. Tibère, Gengiskan Soyez l'homme fléan, soyez l'homme volcan, On examinara si vous valez la peine Qu'on vous méprise. Sinon, allez-vous en. Un nain Peut à sa petitesse ajouter sou venin Sans cesser d'être un nain et qu'importe l'atome ?
Qu'importe l'affront vil qui tombe de cet homme ?
O'important les néants qui passent et s'en vont ?
Sans faire remuer la tête énorme, au fond,
Du désert ou l'on voit rôder le lynx féroce,
Le stercoraire pent prendre avec le colosse
Immobile à jamais sous le ciel étoilé,
Des familiarités d'oiseau vite envolé.

Vid. Aron, *Les republiques sceurs*.

fizeram a sua independencia com o auxilio da França, e que junto aos muros de Yorktown foram os companheiros de Lafayette e de Rochambeau. Quando, annos depois, o general Grant fez uma viagem ao redor do mundo, quiz em Paris apartar-se um pouco do que aconselha o Baedeker, guia dos viajantes, e desejou ver Victor Hugo. Sem duvida havia chegado aos ouvidos de Grant o nome do poeta das "*Orientales*", embora, ignorante como era o general, de certo nunca tivesse lido um só verso do vate immortal. Mandou pedir uma audiencia. Foi terrível a colera do velho Hugo. Em termos violentos, disse ao enviado de Grant, que nunca receberia semelhante miseravel alarve, (*un tel gousier*). Este episodio da vida de Victor Hugo é bem differente da convivencia do Imperador do Brazil com o auctor de *Notre Dame de Paris*.

Outro facto:

Em 1891 (o caso foi publicado e discutido), o capitão Borup, addido

naval dos Estados Unidos em Paris, foi surprehendido em flagrante espionagem feita a favor da Allemanha. Ficou verificado que documentos que este diplomata americano solicitou para o seu governo do ministerio da guerra francez ella os communicou traiçoeiramente á Allemanha.

Em 1883, fallecendo nos Estados Unidos o chefe socialista alleraão, Lasker, o congresso de Washington, no mesmo anno em que eram presos e enforcados os socialistas de Chicago, mandou uma mensagem de pezames pela morte de Lasker, ao Rei-chstag allemão, e n'essa mensagem elogiavam-se as idéas e os serviços do socialista. O Congresso achava muito bons na Allemanha os mesmos princípios que o governo americano perseguia no seu territorio.

O governo allemão devolveu a- mensagem estranhando-a, o que não deixou de envergonhar os seus auctores.

Por essa epocha, havia o celebre con-flicto entre os Estados Unidos e a Alle-manha, porque esta recusava receber a carne, de porco infeccionada de tri-china que lhe vinha da America, e Bismarck declarou que não trataria mais com um tal Mr. Sargent, ministro americano em Berlim, que se tinha mostrado incorrecto e inconveniente. A moralidade de tudo isto é que a subserviencia do governo americano á Allemanha em 1870-1871 não conquistou a estima do governo do Imperador Guilherme.

Não foi sómente n'aquella epocha quê houve americanos entusiastas pelo vencedor e pelo mais forte. Na guerra da China, em 1859, uma esquadra americana, neutra, pois a expedição contra a China era anglo-franceza, estava ancorada no Peiho, quando a 25 de junho d'aquelle anno, houve combate entre os belligerantes. Inesperadamente, sem motivo nem aviso, ps navios neutros americanos, ao mando do commodore Tatt-

nal, romperam fogo contra os chins. Esta deslealdade não teve outro motivo se não o desejo de figurar, foi um *sport*. E' verdade que, com os chins, não fazem os americanos grandes cerimoniaes. Os pobres chins, são lynchados nos Estados Unidos sem nenhuma fôrma de processo, sendo até as vezes queimados vivos. Nem com elles ha respeito pela fé internacional. Os Estados Unidos obtiveram da China um tratado de amisade, commercio e navegação, em virtude do qual era livre a entrada e saída dos chins e dos americanos, reciprocamente nos dois paizes. Pois, não obstante a solemnidade d'esse compromisso nacional, o congresso americano votou uma *lei* prohibindo a entrada dos chins nos Estados Unidos. Não teria mais audacia na quebra da palavra da nação, a mais machia-velica chancellaria carunchosa da Europa decrepita.

A politica americana, em relação aos indios que ella ainda não acabou

de exterminar, é uma politica de ferocidade inacreditavel n'este final do seculo XIX. Os documentos officiaes que se referem á administração dos indíos são tragicos (1).

Os inqueritos successivos têm demonstrado que o roubo é a regra, quasi sem excepção, no tracto do governo americano com os índios. O governo falta com cynismo á fé dos tratados, mata os indíos a fome e a tiro, rouba-lhes as terras, onde os installa. Os empregados na administração dos índios são de uma deshonestidade proverbial nos Estados Unidos. Não ha uma voz que conteste isto, e ha muitos livros americanos em que as particularidades d'esta longa campanha de sangue, de morticínio, de roubo e de incendio vem miudamente narrados (2).

(1) *Official Report of the war department or the department of the interior.*

(2) Resume muito bem esta questão e confirma com mil casos o que dizemos, o seguinte livro: *A century of Dishonour* by H. X. London, 1881. 8º.

A historia dos tratados dos Estados Unidos com os paizes do Extremo Oriente está cheia de imposições violentas, de trapaças e de actos de má fé. Os americanos têm sido na China os maiores contrabandistas de opio, e é pessima a sua reputação. Em 1828 o governo chinês expediu um decreto especial contra as fraudes norte-americanas. Esse decreto foi a resposta dada a uma supplica dos negociantes americanos de Cantão. Vejâmos o tom em que aquelles orgulhosos republicanos se dirigiam ao vice-rei de Cantão :

«Prostrados, diziam elles, «prostrados aos pés de v. ex.^a supplicamos-lhe que se digne lançar as suas vistas sobre nós, e estender até nós a sua compaixão..» (1)

«Não ha melhor prova da exaggeração das reclamações americanas contra a China, diz o americano James

(Quarterly Review, vol. LXII, pag. 150.

A. Whitney, (1) do que o facto da somma que a China nos pagou ultrapassar as exigencias dos reclamantes ao ponto de um grande saldo estar ainda no thesouro americano sem haver quem o reclame. E é preciso lembrar», continua o mesmo auctor, «que as reclamações originaram-se de prejuizos reaes ou suppostos que os americanos diziam ter soffrido em 1856, por occasiao do bombardeio de Cantão pelas forças inglezas ou dos trabalhos de defeza então effectuados pelo governo chim. E deve-se lembrar ainda que o nosso proprio governo virtualmente sympa-hisava com o bombardeio. Dois an-nos depois, um official da nossa esquadra, embora estivessemos em paz com a China, secundou a acção dos inglezes contra as fortificações da embocadura do Peiho. Cinco annos

(1) James A. Whitney, *The Chinese and the Chinese Question*, New-York, 1880, pag. 41.

depois, estando nós ligados á China por um tratado de paz e amisade, dois navios. americanos e quatro lanchas quizeram, á força, levantar carta de um canal. Os americanos já estavam preparados para uma recusa por parte dos chins, o que era muito justo e natural. Os chins, oppozeram-se, mas os canhões americanos impozeram silencio ás baterias de terra, e alguns dias depois, cinco dos fortes chi-nezes foram arrazados pelos navios americanos, sendo mortos 250 chins.

«Quanto ao perigo que correram as nossas forças, faça-se facilmente uma idéa d'elle dizendo que perdemos tres homens».

Ao Japão os Estados Unidos extorquiram um tratado, e assim foi nas ilhas Samoa onde os americanos não só acceitaram uma especie de protectorado ou condomínio conjuncto com a Allemanha e a Inglaterra, como tomaram aos indígenas parte da ilha de Tutuila, como deposito de

carvão. Assim foi em Sião e em Madagascar, paizes onde a industria americana quer introduzir os seus pro-ductos de fancaria, falsificando as marcas, e, a despeito das convenções internacionaes, rotulando, como inglezes, os seus algodões inferiores e outros productos de manufactura disfarçados fraudulentamente.

Tratados de commercio! Eis-ahi a grande ambição norte-americana, ambicão que não é propriamente do povo, mas sim da classe plutocratica, do mundo dos monopolisadores que, cãõ contentes com o mercado interno de que elles têm o monopolio contra o estrangeiro, em virtude das tarifas prohibitivas nas alfandegas, em detrimento do pobre que se vê privado de grande beneficio que a concorrência universal lhe traria com o forçado abaixamento dos preços. Esta classe plutocratica governa o povo americano com muito mais rigor e tyrannia do que o Czar da Russia emprega na suprema direcção

de seu povo. Ella suga a seiva americana, e, practicamente, pelo poder do oiro, tem privilegios reaes e positivos muito maiores do que os da nobreza e do clero na Europa, nos tempos passados. A millionocracia domina os caminhos de ferro, as docas, as fabricas, e, das sobras dos seus proventos, tira com que governar, e subsidiar e converter em seus servos obedientes todos os políticos dos Estados Unidos, paiz unico na historia do mundo em que a simples designação de *politico* (*politician*) tornou-se, com muita e muita razão, uma verdadeira injuria.

Os plutocratas americanos não se satisfazem já com o mercado nacional que o proteccionismo lhes entregou. Nas suas industrias empregaram elles já capitaes enormes que exigem remuneração. Em igualdade de condições, elles não podem concorrer nos mercados do mundo com os productos manufacturados da Europa. O proteccionismo que permittiu nos Esta-

dos Unidos a criação das immensas fortunas industriaes, trouxe tambem o encarecimento da vida e, com elle, a elevação dos salarios, que já de si seriam mais elevados do que na Europa pela raridade relativa da mão de obra perita e technica (*skilled la-bour*). Sendo os salarios mais elevados, o custo da producção é maior do que na Europa, e por isso, na concorrência universal, os Estados Unidos são vencidos pelos productores europeus.

Sendo assim, a industria americana succumbe sob o peso da sua producção exagerada. D'ahi a crise industrial, aggravada pelo desvalor de parte da moeda, a moeda de prata, porque, como já dissemos, até em materia de cunhagem de moeda, os legisladores americanos, têm querido e têm conseguido, proteger os mil-lionarios em detrimento do povo. Como conseguiriam os proprietarios das grandes minas de prata vender por bom preço o seu metal, se o

valor d'este não se mantivesse pelas compras contínuas do thesouro americano que adquiria barras de prata para transformai-as em moedas ? Tanta moeda de prata cunhou o thesouro americano que rompeu o equilibrio do valor entre a moeda de prata e a moeda de oiro. A superabundancia rebaixou a prata, encareceu o oiro e o oiro emigrou para o estrangeiro. Moeda desigual e em parte depreciada, eis o que o proteccionismo produziu no systema da circulação monetaria dos estados. A estagnação da industria, proveniente do excesso da produção e da sua incapacidade para concorrer no estrangeiro com os productos europeus, aggrava-se de dia em dia. Ha quinze annos, os americanos diziam que no seu paiz não havia questão social, que os tumultos operarios, as luctas e as crises provenientes das difficuldades do proletariado eram males das velhas sociedades europêas, que na livre America havia espaço, luz e comida para to-

dos os pobres, sob o regimen do trabalho, Hoje, o que é que vemos? A questão operaria é mais terrível e mais ameaçadora nos Estados Unidos, do que na Europa.

O proletario americano tem uma organização de ataque e de defeza contra a sociedade que na Europa ainda não foi igualada. Parece que, na Europa, a chamada paz armada, com a consciencia do perigo que corre a propria existencia nacional em vista da hostilidade de vizinhos poderosos, dá ainda a consciencia de que é necessaria a união para garantir a existencia da propria patria. Nos Estados Unidos, a questão social tem uma gravidade unica. Grande parte da massa operaria é extrangeira, estando ainda na primeira phase da existencia do immigrante, phase intermedia, na qual tendo-se desprendido da patria antiga ainda não adoptou a patria nova. A massa dos immigrantes é constituída por uma verdadeira selecção de entre os

operarios dos respectivos paizes de origem. Selecção, de fortes, de energicos, de resolutos, pois, o simples acto de emigrar é uma prova de espirito, audacioso. Quem não duvidou abandonar a patria do seu nascimento não tem escrupulos em perturbar a patria adoptiva. Por isso, nas dificuldades da lucta social, o exercito operario, nos Estados Unidos é mais de temer do que na Europa.

A politica financeira e economica dos Estados Unidos produziu, depois de uma notavel expansão industrial, uma reacção extraordinaria. O operario hoje não tem trabalho, ou quando o tem, o patrão não póde remunerar esse trabalho como n'outro tempo, embora o operario precise sempre do mesmo dinheiro, porque o preço da vida não baixou.

Sem duvida, a questão operaria é de todos os paizes. e o problema da riqueza e da pobreza é tão antigo como. o mundo. Todas as soluções

d'esse problema são soluções muito relativas e sempre provisórias.

Á antiguidade tinha a escravidão, que é um modo de dar uma certa estabilidade e organização ao proletariado coagindo-o a trabalhar e obedecer. O christianismo acalmou as revoltas da miseria humana quando exacerbada pela pobreza, prom tendo o céu e a felicidade futura fazendo do proprio soffrimento um titulo á ventura eterna. A sociedade pagã appellava para a força material dominando materialmente o proletario; a sociedade christã pren-dia-o pelas cadeias, ainda mais fortes, da esperança e da fé. O espirito moderno supprimiu a escravidão e deixou de fallar no céu. O operario foi abandonado, e a sciencia não encontrou ainda uma formula que substituísse a escravidão da antiguidade ou a crença na outra vida que o christianismo infundia.

Nos Estados Unidos, a agitação operaria é mais grave do que na

Europa, porque o operario não tem nenhuma das peias materiaes e não tem os incentivos moraes que em parte o dominam na Europa e de que elle se acha liberto na America.

As monarchias européas preoccu-pam-se seriamente em melhorar a sorte dos operarios. As monarchias têm todo o interesse em adiar e evitar a grande crise do proletamanado, porque as dynastias sabem que, n'u-ma grande catastrophe social, os thro-nos desapareceriam. (1) Nas repubblicas não ha esse interesse de conservação que leva os governantes a querer bem governar por interesse proprio. Na republica tudo é transitorio ; os homens sabem que, quer en-

(1) Ainda ultimamente, n'um congresso, em Milão, vimos os representantes da Allemanha cesa-riéta e da Italia monarchica, manifestarem-se a favor das pensões aos invalidos do trabalho, em-quanto que os enviados da republica franceza Yves Guyot e Léon Say, republicanos, oppozeram-se com ardor a essa medida humanitaria, já adoptada na Ailemanha.

cham o seu paiz de benefícios, quer accumulem erros sobre erros e cheguem até ao crime, terão, em certo periodo de deixar o poder, e, se a republica commette faltas graves, mudam-se os homens, continuando sempre a republica ainda que seja para repetir as faltas que se procura, em vão, reprimir com a periodicidade das revoluções. A republica, bem que seja pessoalíssima quanto á influencia dos funcionarios, beneficia de uma especie de imper-sonalidade que a torna irresponsavel. Na gestão dos negocios e dos dinheiros publicos, a monarchia arrisca a sua propria existencia; é como que uma firma solidaria que responde com a sua pessoa e com a totalidade de seus bens. A republica é uma companhia anonyma de responsabilidade limitada. E conhecemos paizes onde o simples nome de companhia é quasi synonymo de deshonestidade.

A historia demonstra que as republicas, urna vez falseadas, nunca se regeneram. Cada fórmula de governo tem a sua tendencia, e tem o seu modo peculiar de resolver os successivos problemas da historia nacional. Tomemos por exemplo, os Estados Unidos e o Brazil, ambos em frente do mesmo problema: a abolição da escravatura.

Tiveram os Estados Unidos a sua solução genuinamente republicana e norte-americana, isto é, a solução pela violencia, pela força, pelo grande fragor da guerra fratricida. Teve o Brazil uma solução genuinamente brasileira e monarchica, a solução que todos vimos, solução que excedeu os sonhos dos optimistas mais humanitarios. Porventura deveremos en-vergonhar-nos da solução que soubemos e podemos dar ao problema e sentir o não termos imitado os Estados Unidos tambem n'esse ponto? Dissemos que no Brazil o problema

escravo teve uma solução monarchi-ea, não só porque a monarchia bra-zileira teve a gloria de ser punida

pela sua acção libertadora, como porque desde que o mundo é mundo, nenhuma grande reforma social se realizou, sem ser debaixo da acção

de um governa monarchico. Ouçamos um dos mais profundos pensadores do seculo, Dölinger: O testemunho

da historia nos demonstra que a solução das questões sociaes, a reforma . das instituições, a abolição de abusos tradicionaes, realisam-se com mais facilidade e segurança num governo monarchico, do que n'uma republica. Quando a corrupção da republica romana chegou aos seus extremos limites, todos os romanos intelligentes admittiram a impossibilidade da republica reformar-se a si mesma e a inevitavel necessidade da monarchia. O mesmo aconteceu com a republica polaca e com a republica franceza no tempo do directorio.

«Se os Estados Unidos, em 1862,

tivessem um monarca em vez de um presidente eleito por poucos annos, certamente lhes teria sido possível dirigir o problema servil para uma solução pacifica, evitando uma sangrenta guerra civil, cujos effeito ainda perduram (1).» Isto dizia o il-lustre pensador em 1880, e oito annos depois os factos vieram dar-lhe razão, porque o unico paiz monarchico da America foi tambem o unico paiz que pacificamente extinguiu a escravidão.

O seu destino manifesto, o seu natural instinção de conservação leva as monarchias a procurarem resolver os problemas sociaes, emquanto que as oligarchias republicanas temem esses problemas e adiam-lhes indefinidamente as soluções.

E é por isso que vemos as monarchias européas, comprehendendo o

(1) J. I. von Döllinger, traducção ingleza sob o titulo: *Studies in European History translated by Margaret Warre* London, 1890, pag. 24.

perigo e o encargo da sua responsabilidade, encarando de frente o problema do proletariado que, nos Estados Unidos, é desleixado pelos poderes publicos. Na Europa ha, na velha tradição monarchica, a remota lembrança da antiga alliança da realeza com os burguezes contra os senhores feudaes, que eram os oppressores dos fracos. Hoje, os oppressores são os burguezes que confiscaram em seu proveito todas as chamadas conquistas da revolução de 1789. O capitalismo semita ou não semita, gosa hoje de privilegios reaes e effectivos muito mais vexatorios do que os privilegios antigos da nobreza e do clero. No antigo regimen, a nobreza pouco a pouco ía-se enfraquecendo, e o terceiro estado ía-se fortalecendo. Na vida moderna o capital cresce por si mesmo, cada vez mais se avoluma, e é fóra de duvida que a fatalidade faz com que os ricos fiquem cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. A fórmula republicana burgueza,

como existe em França e nos Estados Unidos é a que mais protege os abusos do capitalismo. Ha como que uma repercussão de antigas eras, nos tempos de hoje, quando vemos de um lado a ferocidade burguèzâ contra o proletario, abroquelando-se em leis proteccionistas, em monopolios industriaes, e fallando a todo o momento em *principio del auctoridade*, em *direito da legalidade*, em obe-diencia (1).

Do outro lado vemos o representante das velhas tradições do Santo Imperio Romano e o Papa, procurando estender a mão aos operarios, que afinal são a força, são o numero, são a justiça e serão o poder da amanhã. O Papa e o Imperador, com,a com-preensão superior que lhes dá a fé

(1) Dizia Stendhal que quando se começa a fallar muito no *principio* de alguma cousa é porque essa cousa já não existe. Falla-se muito hoje no Brazil em *principio de auctoridade*. É porque já não existe a auctoridade, que foi substituída pela oppressão.

nos seus destinos, estão vendo que novos tempos de renovação social se approximam, e que é preciso, na im-mensa Bastilha em que a burguezia revolucionaria encarcerou o proletariado, rasgar uma janella para o azul. A alliança da Igreja e do Imperio com a multidão infeliz contra a bur-guezia gosadora que se diz republicana ou pelo menos democratica, é o grande facto do findar d'este seculo. A Allemanha preoccupa-se com a sorte dos operarios; Bismarck fez votar a celebre lei garantindo a velhice e a invalidez do trabalhador; o socialismo penetrou nas altas espheras do governo inglez, e elle já existe de facto na grande democracia russa consagrado em usos e instituições seculares. Ainda ha muito por fazer, mas as grandes monarchias deram o signal, e 'este foi principalmente o congresso europeu que o Imperador Guilherme II forçou a se reunir em Berlim para estudar os meios de melhorar a sorte dos proletarios. O movi-

mento está iniciado; onde elle encontra mais resistencia é em França, baluarte da burguezia republicana, e nos paizes latinos que mais ou menos se inspiram do espirito francez. A Igreja patrocina o socialismo christão, e não o faz sómente por palavras. Por um instincto admiravel, o proletariado inglez comprehendeu que nada podia esperar da sua Igreja official, e na grande crise de 1890, o seu arauto, o seu chefe, o juiz da sua causa, o seu paladino, foi o velho cardeal Manning, que. reconciliou patrões e operarios, feito digno dos tempos heroicos da Igreja. Nos Estados Unidos e na Australia ha a alliança tacita da Igreja e do proletariado. Vejam-se os esforços do cardeal Gib-bons e de Monsenhor Ireland, e ad-mire-se como o movimento operario nos Estados Unidos ganhou ém grandeza com o influxo da Igreja.

A classe dos donos de caminhos de ferro, dos monopolistas e dos indus-triaes que a ferocidade do proteccio-

nismo enriqueceu em detrimento do-conforto e do bem estar do pobre, armam-se, nos Estados Unidos, de grandes recursos para a batalha suprema que têm de travar, mais dia menos dia, com o povo americano. O governo e os políticos de Washington são os representantes directamente interessados ou indirectamente subsidiados que hão de procurar por todos os meios proteger os ricos e os satisfeitos contra os famintos. Os financeiros e os monopolistas americanos votam odio á Europa, porque pára lá se escoou o oiro americano, e porque na Europa os governos estão dando o exemplo da defeza das classes operarias. O defensor d'esses monopolistas, mais conhecidos, é o sr. Andrew Carnegie, um escossez prodigiosamente enriquecido nos Estados Unidos, e que, no fim da vida, figura em todas as manifestações anti-europêas ou antes anti-liberaes que se dão nos Estados Unidos. O sr. Carnegie é dono de umas fundições

gigantescas e auctor de uns livros em que exalta o capitalismo, a felicidade da riqueza è a superioridade dos Estados Unidos, paiz que elle apresenta como o primeiro do mundo. O mais conhecido dos livros do sr. Carnegie chama-se a *Democracia triumphante*, livro ricamente impresso que na primeira pagina traz uma corôa real invertida e um sceptro quebrado para indicar a victoria da democracia. O livro é mal escripto, é insolente e, para dar uma idéa do seu modo de argumentar, diremos apenas que, querendo provar a superioridade artística dos Estados Unidos sobre a Europa, elle diz que as salas de espectaculo são maiores em Denver e em Cincinnati do que em Paris e Londres. No mais, o sr. Carnegie entôa um hymno entusiasta á felicidade do povo americano, cuja existência, segundo o auctor, é um idyllio sem fim. O sr. Carnegie falia do bem estar do operario americano, da sua casinha risonha á beira de campos

sempre verdes e de águas murmurantes e, em raptos bíblicos, quasi que diz que os rios são de leite e de mel. Ora, a ser isso verdade, que paraíso não devia ser o estabelecimento industrial do sr. Carnegie, as celebres fundições de Homestead ? Pois bem! Em 1891 rompeu em Homestead uma *greve* terrível, provocada, como depois demonstrou o inquerito official, pela dureza do proprietario que, do infeliz operario, exigia um horriavel maximo de trabalho a troco de um minimo ridículo de salario. Não parou ahi o patriarchal e idyllico sr. Carnegie. Nos Estados Unidos, a policia consente que existam grandes e poderosas agencias que se encarregam de, fazer a policia por conta dos parti culares, e são muitas vezes empregadas em obras de vingança e de evidente criminalidade. A mais conhecida d'estas agencias, a agencia Pinkerton, organisou por conta de Carnegie um verdadeiro exercito de *detectives*, armados de rewolvers e de

carabinas, destinados a reprimir os operarios revoltados, verdadeiros *bra-vi* como os da Italia medieval ou antes capangas, como diríamos no Bra-zil. Os Pinkertons entraram em guerra com os operarios, houve grandes tiroteios, muitas mortes, ataques por terra e por agua, assedios, uma verdadeira guerra. A imprensa indignou-se e exigiu explicações do governo, de como deixava haver no seu territorio uma verdadeira guerra sem intervir a auctoridade, e verberou, o escandalo de se consentir que um mil-lionario podesse ter assim tropas or-ganísadas ao seu serviço. Onde iria parar, perguntavam os jornaes, este abuso ? Os Pinkertons foram algumas vezes batidos e n'outras trucidaram sem piedade os operarios que tinham a felicidade de viver na livre America, tendo como patrão o intransigente republicano mr. Carnegie. Apesar do immenso escandalo que produziu na opinião publica americana a carnificina de Homestead, as tropas

federaes e do Estado respectivo man-tiveram-se inertes. Quanto a Carne-gie, logo aos primeiros signaes do tumulto, refugiou-se na velha, na tyrannica Europa, porque, alvo do justo odio dos operarios e incurso nas leis penaes, a permanencia na tal *Demo-cracia Triwmphante* poderia ser-lhe desagradavel. Com o governo e com os tribunaes Carnegie, na sua qualidade de millionario, muito facilmente se arranjaria. Não tinha sido elle o grande protector eleitoral do presidente Harrison ? Com os operarios, a cousa era mais difficil, e o apoligista da democracia plutocratica deixou-se ficar tranquillamente na Europa.

Este episodio de Homestead, nós o mencionamos porque é typico e cheio de revelações para o futuro da America republicana. O poder do millionario não encontra nos Estados Unidos nenhum correctivo efficaç nas leis ou na acção da auctoridade publica. Tudo lhe é licito, tudo lhe é possi-vel. Isto entrou tanto na consciencia

nacional que os homens mais cultos do ! paiz, os seus escriptores, os seus sabios, os seus poetas, os seus phi-lanthropos, evitam todo o contacto com a politica, porque sabem que as posições politicas são dadas á homens subservientes, pelos magnatas da finança. N'outros paizès do continente, os homens de valor desdenham ser políticos, porque não querem ser títeres irresponsaveis nas mãos do militarismo. Em todo o caso o resultado é o mesmo, porque, quer tenha de ser servidor dos financeiros, quer tenha de ser o instrumento dos militares, o homem publico perde, com a sua dignidade a sua independencia. Eis-ahi a situação do politico na America. O millionario empregara até agora, a arma -poderosíssima da corrupção, O sr. Carnegie foi um innovador; com o dinheiro organisou uma força e com ella bateu os que perturbavam a sua industria. Isto foi talvez um ensaio. Em pouco tempo, os mil-liõnarios e milionarios americanos

organisação exercitos. Havendo dinheiro, ha meios para se defender qualquer individuo, e quem sabe se, no futuro, não haverá nos Estados Unidos guerras individuais como as da idade media? A instituição dos mercenarios póde deixar de ser privilegio dos governos que, sentindo-se fracos no interior, procuram no estrangeiro braços para defendei-os e coragem e ambições para sustental-os. Em breve haverá mercados francos de armamentos e de invenções belli-cas; alugar-se-hão por meio de agencias, capitaes valentes, soldados decididos, que renovarão os feitos das tropas mercenarias de Carthago ou dos suisso se lansquenets da Renascença. Quanto custa um general ?Por quanto um almirante? Alugar-se-hão Themistocles por mez, Nelsons por empreitada e Napoleões a tanto por dia, com comida.

Os governos que têm chamado mercenarios, tarde ou cedo tiveram de se arrepender. A lealdade do merce-

nario é nulla, o o paiz que lhes cabe defender é muita vez a sua primeira victima. O estrangeiro chamado para, a qualquer titulo, tomar parte nas luctas nacionaes, torna-se, depois da lucta, uma calamidade. O mesmo acontecerá talvez com o capitalismo; os braços que elle tiver armado contra o proletariado se voltarão um dia lcontra elle. O imaginoso novellista Edmund Boisgilbert, escrevendo no intuito de adivinhar o que vae ser a vida das gerações futuras, no seu romance *Cassar's Column* descreve a grande lucta armada que os pensadores vêem como inevitavel no porvir norte-americano (1). N'esse livro, vê-se o capital omnipotente dominando exercitos e tudo vencendo á força do oiro, que põe ao seu serviço todos os progressos da sciencia ápplicada, todos os requintes do goso e todos os meios

(1) Estas linhas foram escriptas em fins de 1893. Em 1894 as espantosas paredes de Chicago vieram dar razão ao auctor.

materiaes de destruir e subjugar as multidões. Ha contra essa longa ty-rannia uma immensa revolta; o capital defende-se, a mortandade é horrível e a sociedade americana rue com estrondo, n'uma catastrophe absoluta! A imaginação do litterato é grande, mas a invenção do escriptor corresponde a um secreto instincto de todos. Hoje, o industrialismo ainda tem algumas esperanças de se salvar e o povo não tem ainda a consciencia nitida da sua força. As dif Acuidades do presente já são, portanto, bastante graves para o capitalismo e a plutocracia americana procura, a todo o transe, sair das suas difficuldades e para isso volta-se para o estrangeiro. É para o estrangeiro que os politicos norte-ame-ricanos querem abrir uma valvula para o excesso da produção.

Não é só o fim de lucro monetario immediato que guia esses homens, é uma necessidade absoluta de segurança nacional. Fechados os mercados estrangeiros, como já explicámos, a pro-

ducção americana terá de se retrahir, e retrahida, crescerá, em enorme proporção o numero de operarios desempregados, que augmentarao o já tão perigoso exercito dos descontentes. N'este empenho de salvação publica, foi uma missão especial de representantes do thesouro americano á Europa, solicitar dos governos europeus a adopção do bimetallismo para dar saída á quantidade de prata que tantos embaraços está creando aos Estados Unidos. A Europa, na conferencia de Bruxellas, recusou attender ao pedido. Foi no mesmo intuito, de dar saída a seus productos e de crear-lhes vantagens especiaes nos mercados estrangeiros, que os Estados Unidos quizeram impor tratados de reciprocidade commercial a todos os paizes da America.

Essa empreza de extorquir tratados dos paizes latino-americanos a troco de vantagens illusorias, esteve confiada a Blaine quando elle foi Secretario d'E8tado pela segunda vez.

III

Quando o ambicioso estadista voltou ao poder em 1889, com a eleição do presidente Harrison, voltou disposto a tirar a sua desforra do des-credito em que caíra em 1881, quando se descobriu a indelicadeza dos seus processos e dos seus intuitos na intervenção da lucta entre o Chile, o Perú e a Bolivia. Em 1884 elle ousára já ser candidato á presidencia da republica, e isto bastou para um grande numero de votos, do seu proprio partido, convergir para o seu adversario o candidato Cleveland, que foi então eleito pela primeira vez. Em 1888 Blaine não fôra candidato, mas empregara toda a sua influencia em favor de Harrison com a condição d'este entregar-lhe a Secretaria d'Estado, de onde Blaine, com o seu extraordinario talento, acharia facilmente o meio de dirigir todo o paiz. Assim foi. O regimen presiden-

cial leva a absurdos d'essa ordem; um homem repellido positivamente pelas urnas, pela vontade expressa do eleitorado, basta que elle tenha por si a vontade do presidente para que esse homem tome conta do governo el exerça-o sem haver meio algum de fazel-o sair em quanto durar o presidente, a não ser por uma revolução. Blaine, pois, assenboreou-se da Secretaria d'Estado.

Em 1881, um dos pontos do grande plano de Blaine fôra a reunião de um congresso pan-americano onde, sob a egide e a protecção dos Estados Unidos, deveriam os representantes de todos os paizes da America discutir assumptos de interesse recíproco. As revelações consequentes á frustrada intervenção no Pacifico desacreditaram completamente os projectos de Blaine, e o primeiro acto do seu successor consistiu em expedir aviso ás nações convidadas para o congresso, dizendo-lhes que a grande reunião dos representantes de toda

a America ficava indefinidamente adiada.'

Blaine, voltando ao poder em 1889, trazia um plano de dupla vingança, queria humilhar o Chile e reunir o congresso. Conseguiu as duas cousas. Teve ocasião de lançar, como mostrámos, um *ultimatum* ao governo chileno, exigindo em prazo dado satisfações e indemnisações, e viu reunidos em congresso em Washington, debaixo da sua presidencia, os representantes de todos os paizes da America.

A primeira parte do congresso consistiu em banquetes, passeiatas, recepções e festas. Os enviados da America latina, pela linguagem da imprensa, pela attitude geral do governo, ficaram logo convencidos de que só o interesse dos Estados Unidos lucraria com o que se pretendia d'elles no tal Congresso. O governo americano poz em discussão tres pontos : 1.º, a adopção do arbitramento obrigatorio para a solução dos con-

flictos internacionaes; 2.º, a celebração de tratados com o governo de Washington estabelecendo uma parcial ou total e reciproca isenção de direitos de importação entra o paiz contractante e os Estados Unidos; 3.º (este apenas para encher tempo), o Estudo de um caminho de ferro dos Estados Unidos á Patagonia, ligando entre si as republicas americanas.

A questão do arbitramento não offereceu grandes difficuldades. Em materia de promessas, de tratados e de compromissos internacionaes as republicas da America não são dif-ficeis. O *Corpus Diplomaticum* sul-americano, isto é, a collecção dos seus tratados, dos seus accordos e das suas convenções, é enorme. Fazem-se, desfazem-se, esquecem-se e violam-se tratados com a maior facilidade. Quasi todas as republicas concordaram que, no futuro, decidiriam as suas questões por arbitramento. Era um accordo platonico, de bonito

effeito, que parecia dar prazer a Blaine e que, em summa, a nada obrigava. O governo 'chileno, porém, foi mais correcto e sincero, e não assignou a clausula do arbitramento. O presidente do Chile justificou esta recusa perante o congresso do seu paiz, pronunciando as seguintes palavras :

«Foi tambem proposta e acceita por alguns representantes do congresso de Washington a arbitragem internacional na fórma mais compressiva e obrigatoria. Não prestámos assentimento a este projecto, porque o Chile não necessita, para o exercício da sua soberania no mundo civilisado, de outra lei que não seja a lei geral das nações. Os povos, como o nosso, que vivem do seu trabalho, e que cumprem fielmente as suas obrigações e compromissos internacionaes, terão de recorrer á arbitragem nos casos especiaes e concretos em que assim o aconselharem a justiça publica, a prudencia e o respeito

reciproco dos estados soberanos; julgo, porém, que não nos será licito limitar á arbitragem a acção das gerações futuras para fazer vingar o direito. Só a ellas compete apreciar o resolver sobre os meios que a *lei* internacional lhes faculta para a defe-za do seu direito. A restricção dos direitos do estado, por meio da adopção obrigatoria de um processo excepcional, como é o da arbitragem, não se coaduna com a liberdade, que, em qualquer eventualidade, desejo reservar aos poderes publicos da minha patria e aos meus concidadãos.»

Esta é a linguagem de um verdadeiro homem de estado, explicando uma resolução das mais patrioticas e baseada na mais verdadeira comprehensão dos direitos e dos deveres internacionaes.

O Salvador, Guatemala, Haiti e S. Domingos assignaram a obrigação de recorrer ao arbitramento, mas poucos mezes depois houve uma guerra mortífera entre o Salvador e Guatemala

e as tropas de S. Domingos e Haiti. Ó fraternidade, ó lealdade americana e republicana! Na parte commercial, as republicas hispano-americanas, embora assignassem algumas das conclusões impostas pelos Estados Unidos, não se apressaram em concluir os tratados que os Estados Unidos tanto ambicionavam. O ministro do Chile nos Estados Unidos, n'um banquete que lhe foi offerecido em Chicago, teve a franqueza de declarar que, em vista das exigencias do governo norte-ame-ricano, o Chile tinha de continuar al ter só em vista a Europa, e a trabalhar por estreitar cada vez mais as suas relações com o velho mundo. A republica brasileira, então ainda na primeira das suas diversas e suc-cessivas dictaduras, foi o primeiro paiz que cedeu aos desejos dos Estados Unidos, assignando o tratado de reciprocidade commercial, que ficará conhecido na historia pelo nome de tratado Blaine-Salvador, porque os seus signatarios são aquelle estadista

americano e o ministro brasileiro em Washington, sr. Salvador de Mendonça.

Esse tratado, foi motivo para o Brazil ser prejudicado sem a minima vantagem, e deu occasião a uma grande deslealdade por parte do governo norte-americano.

O que concederam os Estados Unidos ao Brazil por esse tratado ? A isenção de direitos de importação sobre o café brasileiro e sobre alguns typos de assucar. Ora, o café já não pagava direitos nos Estados Unidos desde 1873. E porque n'aquella epo-cha supprimiram os Estados Unidos aquelle imposto ? Não foi para obsequiar o Brazil.; foi porque assim convinha aos interesses do povo americano, A tarifa aduaneira americana é proteccionista; as suas elevadas taxas não têm por fim augmentar os rendimentos do thesouro, mas simplesmente proteger as industrias e as culturas nacionaes. Os Estados Unidos' têm por força de importar café,

genero que não produzem. Um imposto sobre a entrada do café viria a recair, na verdade, sobre o consumidor americano. Grande productor de café, pelas condições geographicas e pelo seu monopolio d'essa produc-ção no occidente, o Brazil tinha fatalmente de abastecer o mercado americano. Não é uma verdadeira burla querer fazer-nos acreditar que a isenção de direitos sobre o café brasileiro é um favor, feito ao Brazil ? Se os Estados Unidos voltassem de novo a impor direitos sobre o café, o Brazil nem por isso perderia o mercado americano onde não temos concorrência. Sómente o consumidor americano pagaria maia caro aquella bebida que lhe é indispensavel. Quanto ao assucar, a isenção de direitos seria na realidade util á industria assucareira do Brazil, se esta isenção fosse concedida só ao producto brasileiro. Ora, um tratado anterior e em vigor, já dava livre entrada no territorio americano aos assucares do Hawai,

mas, apesar d'isso, o Brazil lucraria muito se não tivesse outro concorrente, senão aquellas ilhas, a gosar da livre entrada.

Quando em fevereiro de 1891 foi publicado no Brazil o texto do tratado Blaine-Salvador, todo o mundo entendeu que só o Brazil beneficiaria da isenção de direitos sobre o açúcar. Immediatamente depois, o *Jornal do Commercio* annunciou, em telegramma de Madrid, que o governo americano fizera aberturas á côrte de Hespanha, solicitando a celebração de um tratado em virtude do qual os açucares de Cuba e de Porto Rico entrariam nos Estados Unidos livres de direitos. Desapparecia assim para o Brazil a unica vantagem que se esperava do tratado. Postos os productos do Brazil em pé de igualdade com os das colonias hespanholas, tratada a joven republica de modo igual á velha monarchia que mantem em ferrenho jugo colonial uma parte riquíssima da livre America — onde

ficavam as vantagens para o Brazil, onde estava a fraternal preferencia que a grande republica devia tambem a outra republica, que, embora menor, é ainda grande ? Como era possível que o governo de Washington equiparasse no tratamento fiscal a carunchosa e antipathica monarchia da Europa decrepita com a virente e fraternal novíssima republica da America do Sul? Não! Era impossível. Assim pensou por certo o governo da republica brasileira, que se apressou em desmentir o *Jornal* no *Diario Official*, dizendo que era falso que se estivesse tratando de um convenio commercial qualquer entre os Estados Unidos e a Hespanha. O ministro do Brazil em Washington, quando aconselhava para o Rio o tratado commercial com os Estados Unidos, affirmava que os Estados Unidos não dariam livre entrada aos assucures de nenhum outro paiz. Essa era a promessa que lhe tinha feito o governo de Washington, e só a confiança n'essa

promessa é que fazia com que o governo no Rio fosse tão affirmativo. O *Jornal do Commercio* insistiu, deu esclarecimentos, annunciou que o sr. Foster ia á Hespanha tratar — tudo foi em vão. O governo manteve a sua negativa. Semanas depois era as-signado o tratado! Os assucares de Porto Rico e de Cuba tinham livre entrada nos Estados Unidos, e desaparecia assim a unica vantagem que ao Brazil poderia trazer o tratado Blaine-Salvador. E não parou ahi o governo de Washington; fez logo outros tratados com a America Central, com a Aliemanha e com a Hollanda. Venezuela tambem fez um tratado, mas o Congresso venezuelano rejeitou-o.

O governo brasileiro foi assim ludibriado pela esperteza americana. Em troca de um favor fictício e il-lusorio, em seguida a uma negociação em que a má fé norte-americana tornou-se evidente, o Brazil concedeu isenção de direitos ás farinhas

de trigo dos Estados Unidos, deu igual isenção a varios outros arti-gos americanos, e para todos os ou-tros introduziu uma reducção de 25 por cento nas tarifas da alfandega. Esta concessão trouxe consideravel prejuízo para a roda do the-souro (1), que já não atravessava epocha para tanta generosidade. E mais do que isto, ella causou damno muito grande ás industrias já estabelecidas no Brasil e em via de prosperidade. Ha uma vantagem muito grande para os paizes importadores de pão em transportar de preferencia o trigo para reduzil-o a farinha nos mercados ou proximo dos mercados consumidores. O consumidor beneficia duplamente por esta fórma, já porque o frete é muito menor (pois

(1) A commissão de orçamento da camara dos deputados do Brasil dm 1894 avaliou o prejuizo do thesouro em 3:000 por trimestre sejam 12:000 contos de reis por anno. Ora o tratado durou quatro annos, dando assim ao Brasil um prejuizo do 48:000 ooatos de réis!

n'um volume reduzido se transporta maior quantidade de substancia alimentaria), já porque a qualidade é superior, pois o transporte por mar e o tempo facilmente alteram a farinha que até corre o risco de grande avaria, risco que junto ao maior frete, é tudo computado pelo vendedor em detrimento do consumidor. Havia no Brazil muitos moinhos de moer trigo em que estavam empregados capitaes importantes e grande numero de trabalhadores. Estas em-prezas ficaram arruinadas, os trabalhadores sem trabalho, e o consumi- dor lesado, desde que as farinhas americanas, pelo tratado, foram ad-mittidas livres de direitos. Não ha quem tenha esquecido os importantíssimos depoimentos, em que a grande maioria dos negociantes, dos in-dustriaes e dos financeiros do Brazil, em cartas escriptas ao *Jornal do Commercio*, se manifestaram, em. quasi unanimidade, contra o desastroso tratado.

Estas manifestações e estas queixas de nada valeram. Mandava quem podia, e o mal estava feito, soífresse embora o povo brasileiro, gemessem embora as nossas industrias.

Eis-ahi mais um beneficio que recebemos dos Estados Unidos (1).

IV

Seria um erro colossal o acreditar que nos Estados Unidos ha sympathias pela America do Sul, Brazil e

(1) As ultimas eleições americanas foram contrarias á politica ultra-proteccionista e de reciprocidade. Com quebra da fé internacional que estipulava um prazo de tres mezes de aviso á outra parte contratante, para a cessação do tratado, os Estados Unidos restabeleceram os antigos direitos, dando grande prejuizo aos produtores de assucar do norte do Brazil e ao commercio brasileiro, que contava com os tres mezes de aviso. No momento em que escrevemos a Allemanha reclama energicamente contra facto identico, em relação aos seus productos. O governo do Brazil denunciou o tratado Blaine-Salvador, e de janeiro de 1895 em diante os productos americanos pagam os mesmos direitos aduaneiros que os de outras nações.

especialmente pela fôrma de governo que lhe foi applicada ha quatro annos. Por mil modos se revela o desprezo americano pelos *irmãos* do sul do continente. Em frente ao capitolio de Washington ha uma estatua do fundador da independencia americana. O esculptor Greenough fez-lhe uns baixos relevos symbolicos tirados da historia de Hercules. Hercules e seu irmão Iphicles, infantes, repousavam no mesmo berço e foram assaltados por duas. serpentes. Iphicles, simples mortal, filho de Amphytrião e de Alcmene, rompeu em clamores; Hercules, fructo do adulterio olympico de Alcmene e de Jove, com as mãos estrangulou as serpentes, mostrando assim a sua origem divina. Esta é a «cena que o esculptor poz no pedestal da estatua de Washington. O que quiz o artista sym-bolizar? Os guias descriptivos das grandezas da cidade de Washington esclarecem o pensamento do estatuario. Depois de nos indicarem minucio-

samente (como convem a uma crítica de arte á moda americana) o preço da estatua, o seu volume, o seu peso, a qualidade do marmore, as peripecias do seu transporte desde Florença até ás margens do Potomac, dizem-nos finalmente os guias que os dois meninos de marmore, os dois gêmeos da fabula, representam a America do Sul e a America do Norte. Aquella é a cobardia, a fraqueza de Iphicles, e esta é a magesdade divina de Hercules. (1)

Nos Estados Unidos, a palavra — America — significa a parte do novo continente que obedece ao governo de Washington. Respeitam os americanos a soberania da Inglaterra no Canadá e, por todas as outras nações, ha nos benevolos, uma grande indiferença e nos outros, um sentimento de accentuada superioridade que é feito de amor proprio e de

(1) Ed. Winslow Martin, *Behind the scenes in, Washington*, pag. 140.

desprezo pelos sul-americanos. Basta dizer que entre os norte americanos, é motivo de chacota o haver paizes como o Mexico, Venezuela, Colombia e um outro que conhecemos, que têm a petulancia de se intitular *Estados Unidos*. . . Isto parece-lhes de um comico irresistível. Quando se falia d'esses *United States*, ha nos labios americanos o mesmo sorriso que teria o duque de Wellington, ouvindo nomear um dos presidentes do Haiti, o general Salomou que se intitulava duque de Crique-Mouillée.

O Imperador D. Pedro II tinha grande prestigio nos Estados Unidos. O seu amor á liberdade, o seu espirito aberto a todas as novidades do século, a sua actividade, a singeleza da sua pessoa, impressionaram sempre os americanos, que de um rei só faziam a idéa de um homem rodeado de fausto, de um defensor do passado contra o espirito innovador. Os discursos pronunciados no senado americano, quando se discutiu o re-

conhecimento da republica brasileira, consistiram quasi que exclusivamente não no elogio dos vencedores, mas na exaltação das virtudes do grande vencido. O governo americano foi o ultimo, de todos os governos do novo continente, que reconheceu a republica no Brazil, e se inspirou, de certo, para essa demora, na frieza, ná quasi hostilidade, com que a imprensa recebeu a revolução. Ainda ha bem pouco tempo, o correspondente do *Paiz*, em New-York, rememorava estes factos, insistindo na pouca sympathia que os americanos manifestavam pela nova ordem de cousas no Brazil. Basta lembrar o que disseram os jornaes americanos quando, em 1890, chegou a New-York uma esquadrilha brasileira que, segundo diziam os jornaes do Rio, ia participar ao governo americano a proclamação da republica e apresentar os cumprimentos do novo governo ao presidente dos Estados Unidos.

Com a precipitação com que foi organizada a esquadilha, esquece-ram-se no Rio de que os navios iam chegar a New-York em pleno inverno. O frio em 1890-91 foi intensíssimo e os pobres marinheiros, vestidos ligeiramente, soffreram immenso. O governo americano forneceu-lhes roupas grossas e cobertas. Era de ver como os jornaes de New-York noticiavam estes factos. Uns, descreviam os negros brasileiros chorando de frio, escondidos no porão, os navios abandonados, o convez não varrido, os officiaes com frieiras nos pés, emfim, um- destroço completo. Tudo isto acompanhados de ditos picantes e de uma insistencia enorme nos favores com que o governo americano estava acudindo á miseria e á desgraça d'aquelles maltrapilhos. No mesmo anno, veio uma esquadra americana ao Rio, dizendo-se que vinha *expressamente* comprimentar o governo. O generalíssimo Deodoro convidou-os para um baile; o commandante

da esquadra pediu-lhe que apressasse o baile, e como houvesse alguma demora, a esquadra partiu sem sequer esperar pelo tal baile.

Dois annos depois, uma outra esquadra brasileira vae a New-York a pretexto da exposição de Chicago e do centenario de Colombo. Os officiaes brasileiros ficaram vexados da linguagem da imprensa a seu respeito e da desconsideração com que foram tratados. Sempre collocados em ultimo lugar, sempre preteridos em todas as attenções, o seu desgosto, se nao faltou á verdade o correspondente do *Paiz*, foi muito grande e nao se oc-cultou.

Quando houve o convite á officiali-dade para ir a Chicago, os officiaes brasileiros todos recusaram, declarando a um representante da imprensa, que o faziam por se acharem justamente melindrados. Nao lhes foi dada satisfação alguma, e, de volta ao 'Brasil, vieram de certo muito pouco

inclinados a acreditar ainda na pilheria da fraternidade americana.

O ministro do Brazil em Washington, o sr. Salvador de Mendonça, tem experimentado, muitas vezes, á sua propria custa, que, nos Estados Unidos, a sua entidade de ministro dos Estados Unidos do Brazil não merece nenhum respeito por parte da imprensa. S. ex.^a tem tido na sua carreira incidentes desagradaveis, que a imprensa americana ha longa e maliciosamente glosado, sem ter em vista que s. ex.^a, na sua qualidade de republicano intransigente, historico e tudo o mais, e pelo seu titulo de ministro de uma republica, devia ser tratado com mais respeito. O sr. ministro *é* amador de bellas artes; tinha uma galeria de quadros todos assignados pelos maiores pintores antigos e modernos. Era uma galeria que valia muitos milhões; s. ex.^a mandou-a para Paris para ser vendida em leilão. Os peritos parisienses, encarregados da avaliação, de-

clararam que os quadros eram todos falsos; s. ex.^a, em telegramma para Paris, disse que estava de boa fé e que tinha sido enganado. Retirou os quadros, e, mais tarde, offereceu alguns d'elles á Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro, que comeu por lebres primorosas todos aquelles gatos a oleo (1). Pois esta anecdota, que é apenas um pouco comica para o nosso ministro, e que só prova que s. ex.^a não entende de pintura, e que foi roubado, comprando por enorme somma aquella galeria, foi decantada nos jornaes de New-York, e o representante do Brazil coberto de ridiculo. Outro facto: O sr. Salvador de Mendonça foi encarregado pelo governo de comprar uma grande quantidade de prata nos Estados Unidos. Os ministros da fazenda do Brazil têm todos, depois d'isso, pretendido

(1) Todas as particularidades d'este incidente acham-se na obra de Paul Eudel, *L'Hotel Drouot em 1885*. Paris, 1886, pag. 145.

que as contas não estão certas, que falta prata ou que falta dinheiro, conforme se tem visto pelas correspondencias officiaes publicadas. Que tem a imprensa americana com esta questão inteiramente brasileira ? É um ponto que deve ser ventilado entre dois altos funcionarios da republica brasileira, entre o ministro da fazenda e o ministro diplomatico. Assim não têm pensado, porém, os jornaes americanos e varias vezes têm voltado a esta desagradavel historia da prata, publicando artigos deprimentes para o representante do Bra-zil. Sem duvida que o governo de Washington não póde proteger o representante da republica irmã contra a imprensa, porque esta ó livre. Mas a má vontade é evidente em toda a sociedade americana. O representante republicano do Brazil parece sentir isto, porque, seguindo o exemplo de diplomatas de outros paizes que já foram pessoalmente aggredidos pela imprensa, s. ex.^a podia, deixando de

lado as suas imunidades, chamar os seus detractores aos tribunales. S. ex.^a tem com certeza confiança na justiça da sua causa, e se não lançou ainda mão d'este recurso é porque não acredita muito na justiça americana quando esta tem de decidir entre um compatriota e um sul-americano.

O governo norte-americano, ainda ha pouco, deu uma nova prova da pouca consideração que lhe merece a republica brasileira. O governo de Washington elevou á categoria de embaixadores, o seu ministro em Paris e os seus representantes junto ás côrtes de Londres, Berlim, Vienna, Roma, Madrid e 8. Petersburgo. Ora, o Brazil é a segunda nação da America, por todos os titulos, ha a consideração importantíssima de que, pelo listhmo do Panamá, temos a honra de estar presos ao mesmo continente occupado pelos Estados Unidos; temos, como elles, presidentes, ministros irresponsaveis, etc. Sendo assim, está claro que o Brazil merece muito

mais dos Estados Unidos do que as carunchosas e decrepitas monarchias européas. Não obstante tudo isto, o governo de Washington conserva no-Rio um qualquer representante diplomatico de segunda categoria, não dando ao Brazil a confiança de tratar o seu governo com a consideração com que trata o governo hespanhol ou o governo austríaco. E' mister confessar que Washington usa para com o Brazil de fraternidade em dose muito moderada.

Desde que falíamos em imprensa, devemos fallar de outro modo, pelo qual tambem se manifesta sempre, pela maneira que temos visto, a ami-sade dos norte-americanos pelo Brazil. Falíamos da noticia alarmante falsa ou verdadeira.

Nem tudo são rosas na vida do corpo diplomatico sul-americano. Representantes do general A, nomeados pelo general B, estão promptos a servir o general C. Um bello dia chega um telegramma: «O general C. ata-

cou o general Á. O que dirá o pobre diplomata aos *reporters* que o assaltam e perguntam quem tem razão, cousa já grave, e, cousa ainda mais grave, quem vencerá? E' diffi-cilima a reposta. Alguns ha que se arriscam; se acertam, muito bem. Mas, se se enganam, estão perdidos, porque o vencedor demitte-os sem piedade. Os espertos calam-se. A reportagem, porém, ó feroz; a reportagem ganha por linha de noticia fornecida; e um *reporter*, quando não tem essa noticia, invénta-a. Muita vez ha ingenuos que enxergam profundos ma-chiavelismos, intrigas habilissimas e perfidos intuitos de partidarios ou conspiradores mysteriosos n'uma noticia que foi arranjada n'um pobre quinto andar, numa agua furtada de um *reporter* qualquer, que forjou essa noticia para equilibrar o seu orçamento da semana. Ha, porém, outro genero de noticia falsa que deve cair, e cáe, dentro da acção dos tribunaes. E' a noticia falsa, com fins de espe-

culação, para a qual ha penalidade nas legislações de certos paizes. Ora, estas noticias falsas para fazer subir ou descer o café nos mercados, para fazer subir a cotação dos títulos brasileiros, nem sempre são noticias contrarias ao governo do Brazil. A especulação *é* de uma imparcialidade provada; ás vezes *annuncia* os mais lisonjeiros acontecimentos, outras vezes as catastrophes as mais terríveis. Em todo o caso New-York *é* que *é* o ponto de concentração e-de expedição d'estas notícias. Os jornaes americanos têm gasto muito dinheiro para ter noticias do Brazil nas differentes crises agudas e periodicas da republica; mas, em vez de receberem directamente estas noticias, recebem-n'as via Buenos-Ayres e Montevideu, onde as noticias são todas exageradas e apimentadas-com a má vontade dos nossos irmãos argentinos e uruguayos, que são nossos inimigos, apesar de nós termos seguido o seu exemplo adoptando a fórmula de governo da Argen-

tina e do Uruguay. Os Estados Unidos são, para o resto do mundo, o vehiculo transmissor da bilis argentina contra o Brazil; são os correspondentes de jor-naes americanos que atacam o Brazil; são as agencias telegraphicas americanas que enviara, para todos os pontos do globo, as noticias deprimentes do Brazil, noticias muitas vezes falsas, por vezes exageradas, e, ai de nós! ás vezes tambem verdadeiras. E o que é curioso é que os jornaes da Europa, que recebem dos Estados Unidos essas noticias, que transcrevem-n'as, é que passam por diffamadores do Brazil. Se os jornaes americanos são insolentes para com o Brazil, o que póde verificar facilmente toda a gente, o mundo commercial dos Estados Unidos tambem nos é adverso. Nunca dos Estados Unidos veio o minimo auxilio para as nossas industrias, para a nossa lavoura ou para a nossa viação ferrea. Ha perto de quatrocentos mil contos de réis da Inglaterra empregados no Brazil, quer em

emprestimos ao governo, quer em caminhos de ferro e outras industrias. O Brazil era pobre quando iniciou a sua existencia, era despovoado, tinha ás portas inimigos ameaçadores, tinha problemas internos gravíssimos — e a Inglaterra teve confiança no Brazil, a Inglaterra nos confiou os seus capitães, mesmo em epochas criticas. E o povo inglez é tão superior que, em 1865, estando o Brazil de relações rôtas com a Inglaterra, por motivo de questão Christie (1) (questão de que a dignidade do Brazil saiu illesa), conseguiu levantar em Londres um emprestimo, na occasião em que inicia-

(1) Como se sabe a questão foi sujeita ao júzo arbitral do Rei dos Belgas, que deu razão ao Brazil. Quasi toda a imprensa ingleza foi a nosso favor. Na camara dos commons lactaram por nós oradores illustres como John Bright, Cobden, Lord Cecil (hoje Lord Salisbury) e muitos outros. O ministro Christie apresentou-se candidato á camara dos commons por Oxford, declarando que a sua eleição seria considerada a approvação do seu procedimento no Brazil. Oxford derrotou-o. Encontraria-mos porventura nos Estados Unidos tanto amor á justiça ?

vamos uma guerra terrível. E os capitaes inglezes não corriam pequeno risco; aventuravam-se a todas as emergencias da guerra com o Para-guay, e aos possíveis e mesmo provaveis desastres da abolição. E em quantas emprezas estes capitaes, em acções ou em obrigações, não estão por assim dizer enterrados? Se se aponta a São Paulo Railway como em preza até ha pouco tempo remuneradora, e a Rio Claro Railway, em todas as outras estradas feitas com capital inglez os accionistas não recebem dividendos, ou recebem-nos mínimos. E que enorme capital não ha empregado na Alagôas Railway, Bahia e São Francisco, ramal do Tim-bô, Brazil Great Southern, Imperial Bahia Company, Natal e Nova Cruz, Campos e Carangola, Conde D'Eu, Caravellas Navigation Company, Dona Thérèza Christina, Leopoldina, Macahé e Campos, Porto Alegre e Nova Hamburgo, Recife São Francisco, Norte do Rio, Southern Brazilian,

Bahia Central Sugar, C.º, North Bra-zilian Sugar Factories, Rio de Janeiro Flour Mills C.º, Gaz da Bahia, Gaz do Pará, do Ceará, Gaz do Rio (capitães belgas), Aguas de Pernambuco, etc, etc. ? Todas estas empre-zas, que enumeramos, representam milhões de libras esterlinas que nada, ou quasi nada, rendem aos capitalistas. Entretanto estes capitães ahi estão fructificando para o Brazil, mantendo a facilidade de transporte em regiões que d'ella se aproveitam, e dando luz e agua ás populações. E as empresas que dão alguma remuneração, de quantos benefícios não enchem o Brazil.? E que enorme prejuízo já não têm dado aos capitalistas europeus as nossas desgraças? Confiados n'um longo passado de tranquillidade, os capitalistas europeus tinham os títulos brasileiros no mesmo apreço que os das primeiras nações do mundo. O 4 % bra-zileiro estava a 90 a 14 de novembro

de 1889; hoje vale 54 (1). Os capitalistas confiaram em nossa estrellã; estavam ao nosso lado nos dias prosperos, perdem hoje connosco nos dias maus. E, se algum capitalista europeu se queixa, não somos nós, os devedores, que devemos protestar. As nossas desgraças não provéem de causas physicas; se estivessemos arruinados por algumas causas natu-raes, se o café tivesse tido uma molestia destruidora, como a *Hemileia va-tatrix* de Ceylão e de Java, se terremotos, sêceas ou innundações nos tivessem reduzido ao ponto em que estamos, então a queixa seria insensata. Mas, não... tudo caminha, na parte que compete á Providencia ou ao acaso, admiravelmente; agora, na parte que cabe aos homens, sabemos todos o que tem sido. Dizem, porém, que ha por ahi uma cousa que precisa se consolidar e que para essa

(1) Outubro de 1893.

consolidação se dar, é preciso que todos os brasileiros soffram. As vic-timas têm o seu bom senso e ellas já dizem ou pensam: Se é preciso soff-frermos tanto, é melhor que a tal cousa não se consolide ! Esta opinião é fatalmente a de todo o homem isento da superstição partidaria.

Voltando aos americanos, devemos perguntar: de que auxilio têm elles sido para o desenvolvimento da prosperidade material do Brazil ? Os capitaes d'elles para cá não vêm, os seus braços para cá não emigram. As duas empresas de navegação que or-ganisaram acabaram na fallencia culposa e mesmo fraudulenta, fugindo o americano gerente de uma d'ellas com o dinheiro dos accionistas brasileiros e com a subvenção que lhe pagou o governo.

Falla-se que os americanos são nossos grandes freguezes de café. Em primeiro lugar, é absurdo fazer-se d'este facto motivo para uma gratidão sentimental. Os americanos não

compram café por amisade, nem por philanthropia. Compram porque querem bebel-o, e, não o tendo em casa, procuram-n'o onde encontram, e o paiz que mais lhe convem é o Bra-zil. Mas, ainda em relação ao café, é forca confessar que a feição dos mercados europeus é mais favoravel ao Brazil do que o mercado de New-York. Seja pelo que for, o motivo, a tendencia constante dos mercados europeus é para a alta e New-York é para a baixa. Sem duvida, de um e de outro lado, o que determina esta attitude é a especulação, mas é innegavel que devemos ter mais sympathias por aquelles que, embora só por interesse proprio, promovem a valorisação de um producto brazilei-ro, valorisação que redunde em proveito do Brazil. Falla-se que a França impõe um pesado direito de entrada sobre o café; mas quem paga esse direito é o proprio consumidor f rancez. Demais o Havre, Antuerpia e Hamburgo, têm, no seu papel de mercados

distribuidores, espalhado pela Europa toda o nosso café e desenvolvido muito o seu commercio, New-York, porém, pesa sempre no mercado do mundo pelos seus grandes esforços para fazer cair o café; quando a lavoura do Brazil esteve quasi desanimada pela baixa do café, foi porque a especulação de New-York estava triumphante! E hoje mesmo, afrouxem os mercados europeus os seus esforços, e o fazendeiro verá que os americanos envilecem logo o seu pro-ducto e se verá cambio baixo, e café tambem baixo o que não é impossível, como muita gente crê.

Temos visto o que os Estados Unidos têm sido para toda a America latina.

Insistimos especialmente no que tem sido para nós na diplomacia e na ordem economica. Terminaremos vendo qual a influencia d'aquelle paiz na ordem moral e intellectual.

A influencia dos Estados Unidos sobre o Brazil fez-se sentir, em nossa grande questão social — a escravidão.

Não teríamos conservado por tanto tempo aquella instituição iniqua, se a maior nação da America não tivesse tentado legitimada, e se, da parte escravocrata dos Estados Unidos, não nos viesse o incentivo, se não chegasse até nós a noticia do que se dizia e do que se fazia nos Estados Unidos para defender a escravidão.

A, corrupção politica e administrativa é a propria essencia do funcçiona-mento do governo americano. Os Estados Unidos são o paiz mais rico do mundo; rico pelas opulencias natu-raes, pela sua enorme extensão, pela fertilidade do solo, pelos seus portos, suas banias, seus lagos, seus grandes rios navegaveis, suas minas incomparaveis. Povoado um solo d'estes pela raça saxonica, como poderia deixar este paiz de ser uma nação forte

e poderosa ? O solo mais rico do mundo, habitado pela raça mais energica da especie humana — eis o que são os Estados Unidos. Aquelle paiz é grande, mas não. é por causa do seu governo. Ao amor proprio de outras nações pobres ou, por outra, menos ricas em vantagens naturaes do que os Estados Unidos e habitadas por indivíduos de raças menos energicas — repugna o confessar esta inferioridade. Insensivelmente, a gente é levada a não reconhecer as alheias superioridades ou attribuil-as a causas pouco desagradaveis para a nossa vaidade. Não ha desar algum em dizermos que ha povos governados com mais acerto do que nós — mas, quanto a confessarmos que esses povos o que são, é melhores do que nós, quanto a dizermos que a terra d'elles é mais rica do que a nossa — a isso é que nunca nos havemos de resignar. Por essa razão, é explicavel que alguns brasileiros, de espirito simplista, queiram por força ver, nas vanta-

gens que nos levam os Estados Unidos em prosperidade, um effeito, nao de causas naturaes e irremediaveis, mas uma resultante da differença dos governos. O solo não se pôde trocar, a raça nao se pode substituir, mas, em todo o tempo, é possível mudar o governo. Nao podendo dar-nos o solo dos Estados Unidos, nem as qualidades ethnicas do seu povo, houve quem quizesse dar-nos ao menos o seu governo, isto é, o que de menos invejavel tem a grande nação. E a escola fatal dos imitadores de instituições nao attende ao contra-senso do seu systema, nem aos funestos resultados que produzem as leis transplantadas arbitrariamente de um paiz para outro. Quando os romanos ainda rudes conquistaram a culta Grande Grecia, Valerio Mes-sala trouxe de Catania um relógio solar que mandou collocar no Forum, junto aos Rostros. Nao attendeu Valerio Messala nem á differença de longitude nem á orientação do gno-

mon, e dispô-lo ao acaso. Só um século mais tarde é que se descobriu em Roma que o relógio solar marcava a hora com grande erro de tempo, e só então é que foi substituído. O relógio que dava o tempo certo em Catania errava em Roma (1). Assim as instituições: podem dar certo nos seus países de origem, e trazer a confusão e a desordem nos países para onde arbitrariamente as transmudam. No Brasil aconteceu o mesmo com a idéia funestíssima de copiar os Estados Unidos nas suas leis políticas. Copiemos, copiemos, pensaram os insensatos, copiemos e seremos grandes! Deveríamos antes dizer: Sejamos nós mesmos, sejamos o que somos, e só assim seremos alguma coisa. Imagine-se um indivíduo qualquer que, admirando uma tela de Velasquez, deseje pintar como elle. De que servirá ter a tela, os pinceis, a palheta e as tintas perfeitamente iguaes, em

(1) Plínio, Hist. Nat., liv VII, 60

materia prima, tamanho e dosagem ás do pintor hespanhol ? Debalde arranjará as tintas e esforçar-se-ha para pintar como Velasquez. Terá tudo quanto tinha Velasquez, menos o genio, e mesmo tendo genio, será outro genio e não o genio de Velasquez. Assim, os paizes sul-americanos querem ser ricos e prosperos como os Estados Unidos, e pensam que conseguirão, isto copiando artigos da constituição norte-americana. E como é muito da natureza humana imitar mais facilmente os vicios do que as virtudes, a imitação das praticas corruptas da administração americana é cousa muito natural. «Nos Estados Unidos rouba-se muito», pensa o empregado publico sul-americano, «e, apesar d'isso, são um grande paiz; ora, porque tambem não será grande o meu paiz, apesar de eu roubar e dos meus collegas roubarem?» Este raciocínio apresenta-se forçadamente á fragilidade do funcionario, a tentação fortalece-se e... o resto temos visto.

Não ha salteio á propriedade que não encontre escusa no facto de ser esse salteio muito commum nos Estados Unidos. Essa é a influencia deleteria que os Estados Unidos exercem na America. Os vícios dos grandes corrompem os pequenos, e o mau exemplo dos poderosos é a perdição dos humildes.

A cívilização norte-americana póde deslumbrar as naturezas inferiores que não passam da concepção materialistica da vida. A cívilização não me-de-se pelo aperfeiçoamento material, mas sim pela elevação moral. O verdadeiro thermometro da cívilização de um povo é o respeito que elle tem pela vida humana e pela liberdade.

Ora os americanos têm pouco respeito pela vida humana. Não respeitam a vida de outrem e nem a propria. Herbert Spencer dizia aos americanos que elles commettem um erro fundamental no programna da vida, gas-tando-a com a febre, em que mutuamente se exaltam, e que dá logar ao

deperecimento precoce do animal homem, pela apparição das mais medonhas é frequentes fôrmas de nevrose. A vida de outrem é cousa de pouca consideração nos Estados Unidos. Os tribunaes regulares matam juridicamente com frequencia, os assassinatos criminosos são vulgarissimos, e os lyn-chamentos crescem em numero todos os dias. Tudo isto são fôrmas accen-tuadas de desprezo pela vida humana. O lynchamento é o assassinato colectivo, e o facto da victima ser, ás vezes, criminosa, em nada diminue o horror do facto, porque esse ó aggrava-do, já pelos requintes frequentes de ferocidade, já pela irresponsabilidade do ajuntamento que resolve e executa a pretendida sentença. No Brazil, ha uma pequena colonia americana; a parte d'ella estabelecida na zona cafeeira do sul, veiu, quasi toda, ao findar a guerra de seccessão e era composta de sulistas que, privados de ter escravos na sua patria, emigravam para o paiz onde ainda lhes era

permittedo esse prazer. A população brasileira viu cbejar esses novos hospedes, e viu os que se insta!-laram na agricultura excederem em ferocidade aos mais rudes e perversos atormentadores de escravos. Os americanos introduziram novas fôrmas de tormentos e novos aparelhos de supplicio. Como os inglezes transpor-tam-se aos confins do mundo levando as suas pás de *cricket* e as suas redes de *lawn-tennis* e conservam o amor dos exercícios *physicos*, que é a força da sua raça, os americanos traziam, para usar nos escravos, azorragues aperfeiçoados e algemas *patent*, e trataram logo de propagar o lynchamen-to. Nos varios casos de lynchamentos que temos noticia, ha sempre um americano instigador e participante. Esses casos têm sido raros até e cir-cumscriptos á zona de S. Paulo onde ha americanos. O exemplo é, porém, funestíssimo, o contagio rapido, tanto mais quanto a impunidade é certa. O espirito americano é um espirito

de violencia; o espirito latino trans-mittido aos brasileiros, mais o menos deturpado através dos seculos e dos amalgamas diversos do iberismo, é um espirito jurídico que vae, é verdade, á pulhice do bacharelismo, mas conserva sempre um certo respeito pela vida humana e pela liberdade. O rabula de aldeia é, sem duvida, um ente inferior, mas em todo o caso, é superior, como unidade social, ao capanga e ao mandão. O periodo do desbravamento da terra, da derrubada das matas, do estabelecimento das primeiras culturas, é, no interior e nas localidades novas, a idade do capanga; o escrivão, o promotor, o juiz, que vem depois, expellem e eliminam o capanga. E' a lei que substituo a violencia. O espirito americano, infundido nas populações, é antes favoravel ao capanga do que á gente do fôro; é o estrangeiro, cujo prestigio é sempre grande, é o homem de cabelo louro e de olhos azues sempre atacado pelos nossos negroi-

des, influindo em favor da violencia, nobilitando-a pela sua prepotencia. O americano, mesclado com as camadas inferiores da população rural, não é um factor de progresso. Elle age sobre o meio e o meio reage sobre elle, havendo uma communicacão reciproca de defeitos que afoga as qualidades de ambos. Uma ou outra enxada aperfeiçoada que o americano traz, algum canivete de molas engenhoso, que elle introduz na ferramenta nacional, não só benefícios que compensem os males que elle nos faz (1).

(1) Poderíamos citar varios episodios da tentativa de colonisação americana no Brazil, que mostram quão grande foi o seu insuccesso. O sr. Quintino Bocayuva escreveu em 1867 um folheto aconselhando a vinda dos chins para o Brazil. Em seguida á sua publicação recebeu o sr. Bocayuva uma commissão do governo imperial para ir buscar esses *colonos americanos* aos Estados Unidos. A commissão redundou em pura perda; o sr. Bocayuva voltou trazendo bandos de desordeiros e assassinos que muito deram que fazer á policia do Rio. Vide os jornaes do tempo.

No relatorio do sr. Saldanha Marinho, presidente de S. Paulo (1868), lê-se: «Tendo mais de cem

Já fallamos do muito que contribuíram os Estados Unidos para a du-ração da escravatura no Brazil pela força damnosa do seu exemplo, e tambem por ter inspirado aos tímidos o receio de que a solução do problema no Brazil fosse a mesma tragedia da America do Norte. Não devemos, porém, esquecer que os americanos contribuíram muito para o trafico africano no Brazil. O presidente Taylor, na sua mensagem de 4 de dezembro de 1849, dizia: «Não se póde negar que este trafico é feito por navios construídos nos Estados Uni-

familias americanas se estabelecido em terras que demoram nas proximidades do rio S. Lourenço, municipio de Iguape, e pretendendo-se a abertura de uma estrada que ligue tal colonia á cidade da Santos, a lei vigente do orçamento provincial aucto-rizou o governo a auxiliar a abertura d'essa via de comunicação com a quantia de cinco contos de réis. Esta quantia foi entregue por ordem do meu antecessor, ao coronel norte-americano Bowen. Ignora-se qual o emprego que teve essa quantias. Essa malfadada colonia chamava-se *Nova Texas*. O Texas de Iguape não foi para o Brazil o que outro Texas foi para o Mexico.)

dos pertencentes a americanos e tripulados e commandados por americanos». E isto não nos deve causar maior admiração do que nos causa o lermos na mensagem presidencial de 1856, que «é indubitavel que o trafico africano encontra nos Estados Unidos muitos e poderosos sustentadores». De entre as muitas provas da grande parte que os americanos do Brazil tomaram no trafico, destacaremos o depoimento juramentado do capitão W. E. Anderson, americano, depoimento prestado na legação americana do Rio de Janeiro no dia 11 de junho de 1851. Diz o capitão Anderson que, em 1843, fez o conhecimento de Joshua M. Clapp, cidadão americano, que «antes e depois d'a-quella epocha occupava-se em larga escala da compra e frete de navios americanos para o trafico». Refere-se ainda Anderson a um outro americano, Franck Smith, que tambem era negreiro. O ministro americano no seu despacho remettendo este depoi-

mento, queixa-se muito de Clapp e de Smith como grandes negreiros que, diz o ministro «deshonram a bandeira dos Estados Unidos». O depoimento de Anderson revela todos os ardis dos americanos do Rio na costa de Africa, as suas crueldades e os seus grandes lucros. (1)

Isto quanto á massa popular é o que temos observado no sul do Bra-zil, onde, em pontos isolados, houve, em tempos, pequenos nucleos de colonos americanos. No norte do Brazil; cremos que não ha americanos senão como negociantes no litoral, alem do classico dentista, e talvez de um ou outro medico desgarrado. Nos sertões do norte, cremos que o americano é conhecido apenas sob a fórmula nomada de comprador de couros de cabra por conta dos negociantes da costa. Os Clapps e Smiths, negreiros de

(1) Este curioso documento acha-se nos *U. S. Senate Docs.*, Congress 32, session I, 1861-1862, vol. 9, doc. n.º 73, pag. 5.

outro tempo, variam de profissão, mas conservam os mesmos instinctos. Na ordem intellectual, os benefícios da America do Norte em relação ao Brazil não são em nada especiaes. O Brazil não tem beneficiado mais do que as outras nações do mundo, dos inventos americanos. Têm sido viajantes allemães, francezes, ingle-zes e dinamarquezes que têm escripto os melhores livros sobre o Brazil e melhor estudado a nossa natureza. Se exceptuamos Hart, americano, cujas monographias são reveladoras de uma profundeza de observação nota-bilissima, se exceptuamos Orville Derby, cujos trabalhos são do mais alto valor e cujos serviços á sciencia bra-zileira têm sido e hão de ser ainda inestimaveis, onde estão os escripto-res americanos que se têm occupado de modo serio do nosso paiz? Os professores que aqui se apresentam têm sido de uma mediocridade desesperante, nada têm feito, nada têm creado. E poderíamos encher duas

paginas com os nomes dos europeus que pelo livro, pelo estudo, pela observação e pelo ensino, têm trabalhado no reconhecimento scientifico das nossas riquezas e elevado o nosso ni-vel intellectual.

E dos viajantes americanos que têm escripto sobre o Brazil, quaes têm sido sympathicos ao nosso paiz? Se não todos, a grande maioria, d'elles falia de nós com injusto desfavor. Se europeus da estatura de Martius, Au-guste Saint-Hilaire, Sir Richard Burton, Bates, Elisée Réclus e tantos outros nos são sympathicos, os americanos exprimem-se até com desprezo a nosso respeito. N'uma narrativa de viagem, que é um documento offi-cial americano, isto é, a relação da expedição exploradora americana em 1838-1842, (1) somos vilipendiados por tal modo que uma revista

(1) *Narrative of the U. S. Exploring Expedition during the years 1838-1842*, by Charles Wilkes, U.S. N.

americana censurou acremente o governo de Washington por ter consentido, n'uma publicação nacional, expressões tão grosseiras e baixas contra um paiz estrangeiro. (1)

E o que diremos dos estudos que têm feito brasileiros nos Estados Unidos? Salvas algumas excepções, pode-se dizer que os — formados nos Estados Unidos — são, na concorrência brasileira, os que menos sabem e os que menos preparo têm. São engenheiros incapazes, medicos que, ás vezes, nem ousam affrontar o exame de sufficiencia e muitos outros doutores em artigos de phantasia como agricultura, architectura, etc, etc, e a quem faltam os rudimentos de toda e qualquer instrucção geral. E verdade que, em certas famílias brasileiras, mandara-se para os Estados Unidos os incapazes, os reprovados nas escolas do Brazil, emfim os mesmos rapazes que, n'outro tempo, iam

(1) *North-American Review*, vol. 61, pag. 57.

para padres ou para soldados. Seja como fôr, a verdade é que os torna-via-gens dos Estados Unidos, embora voltem um pouco desasnados, não vêm em geral trazer, ao concurso das actividades brasileiras, senão a sua perturbadora, ou, pelo menos, inutil e grande incompetencia, aggravada pela presumpção. Isto provém de que, nos Estados Unidos, ha universidades para todas as intelligencias como ha hoteis para todas as bolsas. Ha tambem gradações nos diplomas. Ha para todas as capacidades e para todos os preços. E esta mocidade julga as cousas americanas, compara os Estados Unidos com o Brazil, não vê as nossas qualidades, não conhece os antecedentes da nossa historia, os feitos dos nossos maiores, e por isso quer lançar tudo ao desprezo, rompendo com o passado, e, se elles podessem, transformariam a sociedade brasileira n'um arremedo simiesco dos Estados Unidos que elles julgam o primeiro paiz do mundo, porque ha por lá muita electricidade

e bons *water closets*. Não tendo a ponderação que á raça saxonica dá a harmonia do seu desenvolvimento, estes nossos pobres luso-indio-negroides de-sequeilibram-se de todo, no meio da febricitação americana.

E é muito real a acção perturbadora do nervosismo norte-americano nas organizações latinas. Temos conhecido muitos casos individuaes bastante curiosos. Uma vez entravamos em New-York vindo de Panamá, e os passageiros sobre a tolda contemplavam o espectáculo grande e cheio-de vida d'aquelle porto immenso. Ouvíamos já o alarido dos carregadores e dos operarios nas pontes de desembarque. Nos estaleiros martellava-se infernalmente o ferro; no vapor havia um reboliço ruidoso das bagagens tiradas do porão, puxadas pelos guindastes.

Junto a mim estava um velho, não-sei se de Nicaragua, de Guatemala ou de Honduras, mas certamente de um d'esses illustres paizes que, mais

civilisados do que o Brazil de então, gosavam já dos benefícios da fôrma republicana. O velho contemplava as tres grandes cidades de New-York na frente, de Brooklyn á direita e de Jersey á esquerda, quê se espraíavam cinzentas e esfumaçadas diante de nós. O velho, mestiço talvez de Azteca e de conquistador hespanhol, olhava vagamente com instinctos atavicos de presa e de salteio:

Quien sabe? exclamou elle, quem sabe se um dia nós, os de Nicaragua, não viremos a tomar New-York ?! — Centenares de vapores, grandes, pequenos, lentos como elephantes ou rapidos como cervos, cruzavam-se ao redor de nós, badalando as campanas de bronze e estrugindo no ar os seus silvos agudos e as notas roucas e longas de seus uivos de vapor.—Ninguem respondeu á prophecia interrogativa do velho, e este, sorrindo tristemente, disse: «Só com os assobios esta gente nos havia de enlouquecer». (*Solo com los pitos nos volverian locos*). Não

queremos dizer que os assobios das machinas americanas enlouqueçam os brasileiros dos Estados Unidos; o que *é* certo, porém, é que não encontramos na vida da nacionalidade brasileira nenhum traço luminoso de um discípulo americano. Nem ao menos, por esse lado, temos cousa alguma que agradecer á republica norte-ame-ricanà.

V

Devemos concluir de tudo quanto escrevemos:

Que não ha razão para querer o Brazil imitar os Estados Unidos, porque sairíamos da nossa indole, e, principalmente, porque já estão patentes e lamentaveis, sob nossos olhos, os tristes resultados da nossa imitação;

Que os pretendidos laços que se diz existem entre o Brazil e a republica americana, são fictícios, pois não temos com aquelle paiz affinidades de natureza alguma real e duradoura;

Que a historia da politica internacional dos Estados Unidos não demonstra, por parte d'aquelle paiz, benevolencia alguma para connosco ou para com qualquer republica latino-americana;

Que todas as vezes que tem o Brazil estado em contacto com os Estados Unidos tem tido outras tantas occasiões para se convencer de que a amisade americana (amisade unilateral e que, aliás, só nós apregoâmos) é nulla quando não é interesseira;

Que a influencia moral d'aquelle paiz, sobre o nosso, tem sido perniciosa.

Se a longa serie de factos que apresentamos, se as razões que expendemos não bastassem para chamar á verdade os espíritos ainda os mais rebeldes, bastaria citarmos a opinião do maior dos americanos, para dissipar as velleidades de affectos e os

ingenuos sentimentalismos que nos querem impor a respeito dos Estados Unidos.

Não! Toda a tentativa para, em troca de qualquer serviço, collocar a patria livre e autonômica em qualquer especie de sujeição para com o estrangeiro, é um acto de ineptia e é um crime.

Jorge Washington, na sua mensagem de adeus, verdadeiro e sublime testamento, escreveu as seguintes palavras que a veneração americana tem conservado através das gerações:

«... Deveis ter sempre em vista que é loucura o esperar uma nação favores desinteressados de outra, e que tudo quanto uma nação recebe como favor terá de pagar mais tarde com uma parte da sua independencia... Não póde haver maior erro do que esperar favores reaes de uma nação a outra...» (1)

(1) „ . constantly keeping in view that it is folly in one nation to look for disinterested favours from mother; that it must pay with a portion of

Que o conselho de Washington não sirva sómente para os seus compatriotas... Os brasileiros devem acceitar a lição, e sejam quaes forem as fatalidades do momento, saibam elles re-pellir o estrangeiro que só conseguirá aviltar o paiz que acceitar os seus serviços.

No recanto do solo brasileiro de onde escrevemos estas linhas, os me-zes de setembro e de outubro d'este anno de 1893 (1), não se distinguiram em cousa alguma dos de outros annos. Estas semanas são as da primeira *carpa* das roças e do plantio do milho. Quanta philosophia inconsciente e pratica, quanta sabedoria innata n'este povo! E quanto

its independence for whatever it may accept un-der that character. There can be no greater error than to expect or calculate upon real favours from nation to nation. (1) Os primeiros mezes da revolta naval 1893-1894.

sentimos que a civilização destruísse em nossa alma a serenidade d'esta gente.

Clama alto em nosso espirito a voz da experiencia fria e implacavel e, pessimista, ella nos diz : A colonisa-ção iberica da America foi um in-successo, foi uma desgraça para a civilisação do nosso planeta. Não chegam a ser nações os agrupamentos em que ganglios de populações mestiças, oriundas de todas as inferiori-dades humanas, querem por força fingir de povos... O amalgama artificial chamado Brazil está desfeito, apesar de duas ou tres gerações terem chegado a viver e morrer na illusão do artificio, que agora vae findar.

Vemos, porém, o bloco immenso de uma rocha ferruginosa, ora decomposta, e que forma uma montanha de terra arroxada, como que embebida do sangue, ainda fresco, de hecatombes recentes. Aquella terra já existia ha milhares de annos, antes de existir tudo quanto hoje existe e faz ruido.

Ella existia antes do tempo em que o exercito de Cesar era contra a armada de Pompeu. Existirá ainda, quando, de outros ambiciosos, não restarem nem os nomes pouco il-lustres.

7 de novembro de 1893.

APPENDICE

No dia 4 de Dezembro de 1998 foi posto este livro a venda nas livrarias de S. Paulo. Vendidos todos os exemplares promptos n'esse dia, foi ás livrarias o chefe de policia e prohibiu a venda. Na manhã seguinte a typographia em que foi impresso o livro amanheceu cercada por uma força de cavallaria, e compareceram á porta da officina um delegado de policia acompanhado de um burro que puxava uma carroça. O delegado entro pela officina e manfou ajuntar todos os exemplares do livro, mandando-os amontoar na carroça.

O burro e o delegado levaram o livro para a repartição da policia. No mesmo dia a *Platêa* publicava o seguinte:

Um interview com o dr. Eduardo Prado.

Como sabem os nossos leitores, ap-pareceu á venda o novo livro do dr. Eduardo Prado, a *Illusão Americana*, de cuja apparição nos occupamos no ultimo numero d'esta folha.

Todos os exemplares postos á venda no sabbado foram vendidos. Soubemos n'esse dia que a policia pro-hibiu a venda do livro.

O nosso collega Gomes Cardim, por ir lendo n'um bond a obra prohibida, foi levado á policia. O mesmo aconteceu com um cavalheiro, de cujas mãos, na Paulicêa, foi arrancado um exemplar por um policia secreta.

Um redactor d'esta folha foi procurar o auctor para ouvir da sua bôca as suas impressões relativas ao successo do seu livro e o seu parecer sobre a prohibição.

O dr. Eduardo Prado recebeu muito graciosamente o nosso companheiro, e não pareceu dar muita importancia nem ao livro nem á sua prohibição.

Eis, mais ou menos, o que elle nos disse:

— Na minha infancia, havia na rua de S. Bento um sapateiro que tinha uma taboleta onde vinha pintado um leão que, raivoso, mettia o dente n'uma bota. Por baixo lia-se: Rasgar póde — descozer não. Dê-me licença para plagiar o sapateiro e para dizer: Prohibir podem, responder não.

Quanto ao honrado chefe de policia, penso que s. ex.^a lisonjeou-me por extremo julgando a minha prosa capaz de derrotar instituições tão fortes e consolidadas como são as instituições republicanas no Brazil.

Demais, s. ex.^a póde dizer-se que, só por palpite, prohibiu o livro. Saiu o volume ás quattros horas e ás cinco foi prohibido antes da auctoridade ter tempo de o ler.

Confesso que a publicação foi um acto de ingenuidade da minha parte. Não quero dizer que confiei, e por isso digo antes que estribei-me no artigo 1.º do decreto n.º 1.565 de 13 de outubro passado, regulando o estado de sitio. O vice-presidente da república e o sr. seu ministro do interior disseram n'esse artigo:

«Artigo 1.º É livre a manifestação do pensamento pela imprensa, sendo garantida a propaganda de qualquer doutrina politica.»

E com suas assignaturas empenharam a sua palavra n'essa garantia. Escrevo um livro sustentando a doutrina politica de que o Brazil deve ser livre e autonomico perante o estrangeiro, e adopto o aphorismo de Montesquieu, de que as republicas devem ter como fundamento a virtude.

O governo é contrario a essas opiniões, e está no seu direito. Manda, porém, prohibir o livro! Onde está a palavra do governo, dada solemne-

mente n'um decreto, em que diz garantir a propaganda de qualquer doutrina politica?

A sabedoria popular diz: Palavra de *rei* não volta atraz. — O povo terá de inventar outro proverbio para a palavra do vice-presidente da re-bublica. —

O auctor recebeu de todos os pontos do Brazil grande numero de cartas pedindo-lhe um exemplar do livro prohibido. Estas cartas vinham assi-gnadas por nomes dos mais distinctos do paiz, e a todos estes correspondentes peço desculpa por me ter sido impossivel acceder aos seus pedidos. Mencionarei sómente, para prova de que os republicanos brasileiros alguns ha que não são inimigos da liberdade de pensamento, uma carta do sr. Saldanha Marinho, em que este pa-triarcha do republicanismo, saudoso

A illusão americana

decerto das praticas liberaes, da monarchia e rebelde ás idéas liberticidas de hoje, protestava contra a prohibição d'este trabalho. A todos e a cada um cabem os agradecimentos do auctor.

N. B. Este trabalho, tal qual foi escripto para a primeira edição, foi redigido sem o auctor ter os seus II-vros á mão, nem as suas notas. Na edição actual todos os factos citados são justificados com a citação das fontes officiaes ou dos auctores que relatam os mesmos factos.

FIM

N. 2.218 — Livraria e Officinas Magalhães — 6 - 917
Avenida D. Pedro I - 33 (Ypiranga) S. Paulo